



Para uma caracterização dos profissionais do relato radiofónico em Portugal: estudo de caso na Antena 1

João Valdemar dos Santos Correia

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Ricardo José Pinheiro Morais

julho de 2021

Dedicatória

Ao Rúben Carvalho, que me escutava a relatar futebol em videojogos, e ao Hélder Santos, que partilhou comigo o sonho do futebol. Continuem a olhar por mim, onde quer que estejam.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer à minha família, nomeadamente aos meus pais e à minha irmã pela motivação e pelo apoio em todas as etapas da minha formação académica, mesmo tendo escolhido estar longe deles. Para os meus pais, espero ter sido um orgulho, para a minha irmã, um exemplo.

Aos meus tios, Carla e Paulo, pelo apoio durante estes cinco anos.

Aos meus avós, ao meu afilhado Guilherme e à minha prima Matilde, pelo sorriso e felicidade sempre que regressava a casa.

À minha namorada, Filipa, pelas horas que perdeu a ouvir-me queixar sobre este relatório e pelo tempo que eu não pude estar presente.

A todos os verdadeiros amigos que fiz ao longo desta caminhada e aos que me acompanharam desde o princípio.

Ao Professor Doutor Ricardo Morais, não só pela orientação para este relatório de estágio, mas também por toda a paciência e orientação profissional ao longo do último ano da licenciatura e estes dois anos de mestrado.

O caminho tem sempre um começo e, por isso, à Rádio Clube da Covilhã que me deu a primeira oportunidade no mundo da rádio, em especial ao João Flores Casteleiro por ter confiado em mim para ser a voz do desporto e à jornalista Gina Almeida por tudo o que me ensinou.

À equipa de desporto da Antena 1 por me ter recebido tão bem e por me terem integrado na equipa como se fosse um deles. Por tudo o que aprendi com cada um de vocês, Alexandra Alho, David Carvalho, Eduardo Gonçalves, João Gomes Dias, José Carlos Lopes, José Pedro Pinto, Nuno Matos, Nuno Perlouro e Paulo Sérgio, muito obrigado.

“Eles não sabem, nem sonham / Que o sonho comanda a vida /E que sempre que um homem sonha / O mundo pula e avança / Como bola colorida / Entre as mãos de uma criança” (António Gedeão, 1956).

Resumo

O presente relatório surge na sequência do estágio realizado na Antena 1, emissora de radiodifusão do Grupo RTP - Rádio e Televisão de Portugal, durante três meses (1 de outubro a 31 de Dezembro de 2020). Todas as atividades foram desenvolvidas na editoria de desporto e, nesse sentido, este relatório pretende, para além de dar conta da experiência do estágio, realizar uma caracterização dos profissionais que trabalham nesta área, focando em particular aqueles que fazem relato desportivo.

Neste contexto, na primeira parte deste relatório procede-se a uma breve descrição dos caminhos traçados pelo jornalismo desportivo, desde os tempos em que essa informação era sobretudo distribuída em folhetos informativos e publicações periódicas, até aos dias de hoje, em que o futebol se tornou praticamente hegemónico e as transmissões televisivas dominam o panorama desportivo. Neste percurso, de desenvolvimento e afirmação do jornalismo desportivo, importa também destacar a importância que teve a rádio, enquanto meio privilegiado, durante vários anos, para a escuta do relato desportivo. Se é verdade que este meio teve morte anunciada, como referia a célebre canção de 1979 dos Buggles, no famoso refrão “*Video killed the radio star*”, neste relatório procura-se também perceber quais as estratégias que a rádio utilizou para fazer face às ameaças introduzidas pelas novas tecnologias, que obrigaram à reinvenção de praticamente todos os meios de comunicação tradicionais.

O desenvolvimento do jornalismo desportivo e do relato radiofónico na Rádio Pública Portuguesa é abordado de seguida, através da revisão da literatura efetuada, mas considerando também as informações recolhidas durante o estágio, nomeadamente através das entrevistas realizadas aos profissionais da Antena 1 e das informações que constam do diário de bordo. Os dados recolhidos com estas duas técnicas constituem a dimensão empírica deste relatório e permitem não apenas caracterizar os profissionais que fazem relato desportivo na Antena 1, mas também como poderá ser o futuro desta atividade num contexto marcado pelas novas oportunidades criadas no ambiente digital.

Palavras-chave

Rádio; Relato; Jornalismo desportivo; Antena 1; Redes sociais; Novas Tecnologias

Abstract

This report follows the internship carried out at Antena 1, a broadcasting station of the RTP Group - Rádio e Televisão de Portugal, for three months (October 1 to December 31, 2020). All activities were developed in the sports department. In this sense, this report intends, in addition to reporting on the internship experience, to characterize the professionals working in this area, focusing particularly on those who do sports reports.

In this context, in the first part of this report, a brief description of the paths traced by sports journalism is made, from the times when this information was mainly distributed in information leaflets and periodicals, until today, when football is practically hegemonic, and television broadcasts dominate the sports landscape. In this path of development and affirmation of sports journalism, it is also important to highlight the importance that the radio had, as a privileged medium, for listening to sports reports for several years. If it is true that this medium had an announced death, as the famous 1979 song by the Buggles referred to, in the famous refrain “Video killed the radio star”, this report also seeks to understand what strategies the radio used to face threats introduced by new technologies, which forced the reinvention of practically all traditional media.

The development of sports journalism and radio reporting on Rádio Pública Portuguesa is discussed below, through a literature review and considering the information collected during the internship, namely through interviews with professionals from Antena 1 and the information contained in a journal made during the internship. The data collected with these two techniques constitute the empirical dimension of this report and allow us to characterize the professionals who do sports reporting in Antena 1 and how the future of this activity could be in a context marked by the new opportunities created in the digital environment.

Keywords

Radio; Report; Sports journalism; Antenna 1; Social networks; New technologies

Índice

Introdução	1
Parte I- Enquadramento teórico	5
Capítulo 1. Breve história do jornalismo desportivo em Portugal	7
1.1. O jornalismo desportivo nos diferentes meios de comunicação	7
1.1.1. O poder da imagem e a força do jornalismo desportivo na televisão	11
1.2. O meio radiofónico e as narrativas desportivas	12
1.2.1. As tertúlias e os programas de jornalismo desportivo na rádio	14
1.3. O relato desportivo enquanto género e/ou atividade jornalística	16
1.3.1. As vozes marcantes do relato desportivo em Portugal	17
1.3.2. As fronteiras entre o relator e o comentador desportivo	18
1.4. A Internet, as novas tecnologias e o relato radiofónico desportivo	19
1.4.1. A mudança na rádio: de meio exclusivamente sonoro a plataforma multimédia	20
1.4.2. Da digitalização à produção de novos conteúdos desportivos online: os relatos desportivos nos sites de redes sociais	21
Capítulo 2. O jornalismo desportivo e o relato radiofónico na Rádio Pública Portuguesa	23
2.1. A aposta da Rádio Pública Portuguesa no jornalismo desportivo	23
2.1.1. A “Tarde Desportiva”: o programa de referência na emissora nacional	24
2.2. Dos primeiros aos atuais relatores desportivos da Antena 1	25
2.2.1. As vozes que distinguem o relato desportivo da Antena 1	25
2.2.2. O percurso dos relatores na Antena 1	26
2.2.3. A equipa por detrás do relato desportivo da Antena 1	26
2.3. O relato desportivo em antena, a articulação com o site e com as redes sociais da Antena 1	27
Parte II - Investigação empírica	31
Capítulo 3. A metodologia e o desenho de investigação	33
3.1. O problema e os objetivos de investigação	33
3.2. As técnicas e ferramentas de recolha de dados	34
3.2.1. A observação participante e o diário de bordo	35
3.2.2. As entrevistas enquanto instrumento de recolha de dados	36
3.3. O estágio enquanto componente da investigação e ferramenta para a recolha de dados	38
Capítulo 4. Apresentação e discussão dos resultados	39
4.1. Descrição e caracterização do local de estágio	39
4.2. Apresentação das atividades realizadas no âmbito do estágio	41
4.3. Os profissionais e as técnicas do relato desportivo no meio radiofónico	45
4.4. A tradição do relato desportivo na rádio e as novas tendências da atividade	48

4.5. Desafios e oportunidades para o relato desportivo na rádio	50
Considerações finais	57
Limitações da investigação	59
Propostas para investigações futuras	60
Referências Bibliográficas	63
Anexos	67
Anexo I. Diário de Bordo	69
Anexo II. Guiões para as entrevistas aos jornalistas	79
Anexo III. Entrevista a Eduardo Gonçalves	81
Anexo IV. Entrevista a João Gomes Dias	87
Anexo V. Entrevista a José Pedro Pinto	93
Anexo VI. Entrevista a Nuno Matos	99
Anexo VII. Entrevista a Paulo Sérgio	105
Anexo VIII. Entrevista a Nuno Perlouro	109

Introdução

Apesar de terem andado quase sempre de braço dado, a rádio e o relato radiofónico enfrentam, nos dias que correm, novos desafios. As transformações que têm afetado o ecossistema mediático, ao nível da produção e distribuição, também se fizeram sentir na área do relato desportivo, que se vê obrigado a repensar as suas práticas, quer ao nível do produto comunicacional, quer no que diz respeito à relação com os públicos.

Entre os novos desafios, um dos que mais tem preocupado os profissionais da área, está relacionado com os hábitos de consumo dos mais jovens, que se afastam cada vez mais da escuta da rádio tradicional para se ligarem às novas tecnologias. Neste contexto, *ostreamingonline* e as próprias redes sociais digitais têm ganho espaço no acompanhamento dos acontecimentos desportivos de um modo geral, e dos jogos de futebol em particular. Neste cenário, o direto parece perder importância, destacando-se, por outro lado, a possibilidade de aceder ao conteúdo através de novas plataformas que permitem aos utilizadores uma experiência diferenciada e sobretudo cada vez mais multimédia.

A dimensão audiovisual é neste contexto particularmente relevante, uma vez que constitui outro dos desafios que se colocam ao relato desportivo radiofónico. Numa era dominada pelos conteúdos audiovisuais, também os acontecimentos desportivos, e de forma muito particular o futebol, tem na cobertura televisiva uma das formas de disseminação mais importantes. Se dúvidas existissem, basta pensar que praticamente todos os jogos das principais ligas profissionais têm hoje direito a cobertura por parte de diferentes canais, sobretudo especializados, mas também generalistas.

Perante este cenário, a questão que se coloca é a de perceber que resposta poderá ser dada pela rádio, que tantas vezes viu a sua existência ameaçada e foi sempre capaz de se adaptar. No caso concreto do relato desportivo, que abordamos neste relatório, questiona-se a capacidade da rádio para enfrentar os novos desafios impostos pelo audiovisual e pelo digital. Num momento em que se assiste ao esvaziamento das redações, com a redução do número de profissionais, mas também ao envelhecimento dos relatores desportivos, estará o futuro desta exigente atividade jornalística ameaçado?

Na tentativa de responder a esta questão, procurámos, neste relatório, que surge na sequência do estágio realizado na Antena 1, proceder a uma caracterização dos profissionais do relato desportivo desta emissora de radiodifusão do Grupo RTP. A

investigação que se apresenta neste relatório, assume-se assim como um estudo de caso e surge a partir do trabalho desenvolvido no âmbito do estágio já referido.

No que diz respeito à estrutura deste relatório, a sua organização divide-se em duas partes, o enquadramento teórico e a investigação empírica, a que se seguem as considerações finais, onde são apresentadas as conclusões da investigação, mas também as limitações e algumas propostas para estudos futuros. A primeira parte, dedicada à revisão da literatura está organizada em dois capítulos, o mesmo número que encontramos na segunda parte do trabalho.

No primeiro capítulo abordamos, ainda que de forma breve, a história do relato desportivo nas rádios portuguesas, começando, claro, pela história do próprio jornalismo desportivo em Portugal, uma história que se inicia ainda no século XIX. A partir daí, o caminho a seguir será a chegada da rádio e a sua ligação, desde os seus primórdios, ao relato desportivo, um dos seus elementos galvanizadores nos anos 30. O desporto será trabalhado neste relatório de forma abrangente, porque nem só de relato se faz o desporto no meio radiofónico. Os programas de comentário, os debates e as notícias, são igualmente abordadas neste trabalho.

Dos programas aos próprios jornalistas, será dado destaque, neste relatório, a todos aqueles que permitiram à rádio e ao relato desportivo alcançar a importância que teve, e continua ainda a ter, na sociedade portuguesa, sendo mesmo, no caso da rádio, um dos seus elementos distintivos. Neste contexto, será também abordada a forma como a rádio sobreviveu, depois da sua morte anunciada, com a chegada da televisão, e mais tarde com a Internet e o fenómeno da digitalização.

No segundo capítulo centramos a análise no jornalismo desportivo e em particular no relato radiofónico desenvolvido na Antena 1. Começamos por analisar a aposta que a Rádio Pública Portuguesa fez no jornalismo desportivo, destacando um dos programas que se tornou uma referência na emissora. Abordamos de seguida os primeiros relatos desportivos, bem como as vozes que marcaram as emissões desportivas da estação, num percurso histórico que nos traz até à atualidade. A forma como a Antena 1 se tem adaptado às transformações no campo do relato desportivo são abordadas de seguida, destacando-se, nesse contexto, a necessidade de articulação com o site e com as redes sociais digitais.

O terceiro capítulo, dedicado à metodologia e desenho da investigação, inicia a segunda parte, dedicada às dimensões empíricas do trabalho. Começamos por apresentar o problema e os objetivos da investigação, para depois explicarmos as opções em termos de métodos e técnicas de recolha de dados, nomeadamente com a escolha da observação

participante e do diário de bordo, no âmbito do estágio realizado, mas também das entrevistas aos profissionais do jornalismo desportivo da Antena 1.

O estágio propriamente dito é abordado de seguida, devendo aqui ser entendido enquanto elemento integrante da investigação desenvolvida e momento que permitiu a recolha de dados, sem os quais não seria possível a realização deste relatório.

No quarto capítulo apresentamos os principais resultados da investigação e procedemos à discussão dos mesmos, considerando em particular as atividades desenvolvidas durante o estágio, mas sobretudo as respostas obtidas através das entrevistas realizadas junto dos profissionais Eduardo Gonçalves, João Gomes Dias, José Pedro Pinto, Nuno Matos, Nuno Perlouro e Paulo Sérgio. Os seus testemunhos permitem-nos analisar a evolução do relato desportivo, mas também os desafios que se colocam a todos os que desejam entrar nesta exigente atividade jornalística. A apresentação dos resultados encontra-se assim dividida em três partes: uma primeira dedicada aos profissionais e às técnicas do relato desportivo no meio radiofónico; uma segunda centrada na tradição do relato desportivo na rádio e nas novas tendências da atividade; e por fim, uma parte dedicada a explorar os desafios e oportunidades que o relato desportivo enfrenta.

O trabalho encerra com as considerações finais, onde para além das conclusões mais importantes, são apresentadas as limitações do estudo e as propostas para investigações futuras. Este relatório de estágio não pretende ser um manual sobre o relato desportivo, nem um guia para a sua prática, mas assume-se acima de tudo como um ponto de partida para refletir sobre a necessidade de estudar o relato e a sua evolução, garantindo que esta exigente atividade jornalística não desaparece.

Parte I
Enquadramento Teórico

Capítulo 1. Breve história do jornalismo desportivo em Portugal

Neste primeiro capítulo pretendemos abordar, ainda que de forma breve, a história do jornalismo desportivo em Portugal. Começamos esse percurso histórico num momento em que o futebol ainda não tinha a dimensão que adquiriu na atualidade. Nesse processo de análise cronológica destacamos o papel da rádio e da televisão, e terminamos com uma análise desta nova era em que nos encontramos, dominada pelas Internet e pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Para realizarmos esta abordagem socorremos de diferentes fontes, mas centramos a nossa atenção sobretudo no trabalho de Francisco Pinheiro, intitulado “História da Imprensa Periódica Desportiva” (2009), que aborda a evolução da imprensa desportiva através de uma análise a 940 jornais desportivos criados entre 1875 e o ano de 2000.

Ainda antes de analisarmos o modo como jornalismo desportivo evoluiu, nomeadamente nos diferentes meios de comunicação, é necessário dar conta dos alicerces que estão na base do jornalismo desportivo em Portugal e que permitem o seu desenvolvimento. O jornalismo desportivo surge em Portugal em meados do século XIX, numa altura em que a informação circulava apenas por meio impresso. Francisco Pinheiro (2009) destaca que entre 1835 e 1840 são criadas várias publicações periódicas cujos títulos indiciam tratarem de assuntos desportivos. De acordo com o autor, surgem nessa época “*O Recreio*”, “*O Toureiro*”, “*O Piloto*” e “*O Atleta*”, publicações que embora abordassem questões desportivas, acabaram por se configurar sobretudo como jornais políticos (Pinheiro, 2009).

Apenas o semanário “*O Ramalhete*”, fundado em 1837, fugia à política com a publicação de artigos sobre caça, assunto predominante, juntamente com o toureio, numa época em que o futebol estava ainda longe de fazer parte das publicações jornalísticas (de acordo com os relatos históricos, o primeiro jogo de futebol em Portugal data de 1875, tendo sido realizado na ilha da Madeira).

1.1. O jornalismo desportivo nos diferentes meios de comunicação

Após um início lento, em que apenas os títulos remetiam para o desporto e o termo utilizado para se referir à prática era ainda o inglês “sport”, surge finalmente em 1875 o

primeiro jornal maioritariamente desportivo em Portugal. Foi com a criação do “*Jornal dos Caçadores*” que Portugal passou a ter o primeiro título desportivo, uma publicação que na época era sobretudo dirigida à classe alta.No entanto, este periódico foi publicado apenas durante seis vezes, tendo terminado em junho do mesmo ano em que foi fundado. Depois de uma publicação dedicada à caça, havia de surgir o jornal “*O Toureiro*”, cujo nome não deixava dúvidas e que apresentava uma linha editorial claramente “destinada a assuntos tauromáquicos” (Pinheiro, 2009, p.54). De acordo com os dados disponíveis, “*O Toureiro*” foi publicado 88 vezes até julho de 1892.

A especialização do jornalismo desportivo surge pela primeira vez em França, em 1861, com o surgimento do jornal “*Velocipède Illustré*”, especializado em ciclismo, modalidade que nesta época ganhava força e adeptos por toda a Europa. Em Portugal, apenas em 1893 surgiria a primeira publicação especializada no tema, com “*O Velocipedista*”, que seria lançado no Porto. Dois anos mais tarde,havia de surgir em Lisboa o “*Bicycleta*”. É também através de “*O Velocipedista*” que surge a primeira publicação generalista desportiva em Portugal, quando em 1894, sob a direção de Alberto Bessa, o periódico passa a descrever-se como “*Revista Internacional de Sport, Literatura e Noticiosa*”, alargando a especialidade da publicação. Um ano depois, o jornal cessaria atividade devido a “*incontornáveis problemas financeiros*” (Pinheiro, 2009, p.62).

Por esta altura já o futebol era jogado em Lisboa, com partidas que opunham portugueses e ingleses no Campo Pequeno. A imprensa nacional generalista começa então a dar destaque a estes jogos e a este novo desporto que despertava em Portugal. Em outubro de 1893, o “*Diário Illustrado*”(Lisboa, 1872) criava uma secção dedicada ao desporto, onde escrevia António Bandeira, “um dos primeiros jornalistas desportivos portugueses” (Pinheiro, 2009). O “*Diário Popular*”(Lisboa, 1866) seguiria o mesmo caminho no ano seguinte.

É precisamente em 1894 que surge em Portugal o primeiro jornal desportivo generalista, denominado de “*O Sport*” e publicado em Lisboa, pela primeira vez, a 22 de janeiro. Com quatro páginas, este novo periódico abordava os seguintes desportos: equitação, caça, esgrima, ginástica, ciclismo, náutica e futebol. Apesar de ser pioneiro, “*O Sport*” acabaria por fechar portas quando tinham sido publicadas apenas 4 edições, a 23 de março de 1894.

Três anos depois, Vieira D’Almeida e Artur dos Santos juntaram-se para lançar um semanário com o mesmo nome e de características idênticas, centrado nas modalidades,

“da vela, ciclismo, ténis, atletismo e futebol” (Pinheiro, 2009, p.69). Este novo “*O Sport*” acabaria também por não durar mais que quatro números.

O periódico “*O Tiro Civil*”, que abordava maioritariamente o assunto da caça, foi a primeira publicação desportiva a ir mais longe em termos de publicações, conseguindo manter-se em atividade de 1895 até 1903. O jornal abordava temas desportivos como a caça, a esgrima e a ginástica, apesar de também abordar assuntos da área dapolítica. Um ano depois de ser lançado, em 1896, o jornal, que era publicado semanalmente, começou a ter secções de ciclismo, tauromaquia, futebol e poesia desportiva, bem como notícias de boxe, cricket e náutica, passando em 1899 a definir-se como “órgão do Sport Nacional” (Pinheiro, 2009, p.82).

Já perto da viragem do século, em 1897, surgia em Lisboa o periódico “*O Campeão*”, que conjugava as artes dramáticas ao desporto, ou *sport*, expressão usada na altura, mas também este teve apenas uma edição. Em 1899, é lançado no Porto um periódico com o mesmo nome, que dava destaque ao ciclismo como modalidade principal, situação que viria a mudar a partir de 1900, com a entrada na linha editorial de modalidades como o tiro, o futebol e o ténis. O desporto começou então a ser dominante na publicação, sobrepondo-se aos conteúdos sobre literatura, o que fez com que o jornal passasse a ter o subtítulo “*Revista quinzenal de Sport*” (Pinheiro, 2009). De notar que, nesta altura, “*O Campeão*” já tinha no nas suas páginas uma secção dedicada a notícias desportivas “extraídas de jornais regionais” (Pinheiro, 2009, p.90), para além de abordar a prática desportiva no feminino.

O novo século trouxe com ele uma nova paixão para os amantes de desporto: o automobilismo. Depois de se ter expandido na Europa, a 1 de julho de 1903 chega a Portugal a primeira revista mensal dedicada à modalidade. A “*Portugal Chauffeur*” foilancada em Coimbra e, tal como acontecia em França, foi também responsável pela organização de diferentes eventos, que atraíram na época os mais variados elementos da sociedade portuguesa. O destaque que o automobilismo ganhou naquele período, levou o jornal “*O Cyclista*” a alterar o seu nome para “*O Sport*”, tornando-se dessa forma mais abrangente, uma vez que passou a abordar nas suas páginas notícias sobre a nova modalidade.

A consolidação do jornalismo desportivo em Portugal surge já em 1905 com o periódico “*Os Sports*”, criado a 22 de outubro desse ano sob o mote de “contrariar aquele que era considerado ‘o sport mais cultivado em Portugal’, ou seja, ‘o sport da barriga e culinário’” (Pinheiro, 2009, p.106). Este novo periódico, liderado por José Pontes e Jorge de Abreu,

foi o primeiro a implementar a periodicidade de duas vezes por semana, a um preço reduzido e organizando provas desportivas para criar mais conteúdo. Em agosto de 1906, já com mais de uma centena de edições, “*Os Sports*” sofre uma alteração gráfica e reforça a sua capacidade internacional.

Depois de um período marcado pela crise monárquica, momento em que o próprio jornal se concentrou na questão da decadência nacional, “*Os Sports*” lançou, a 17 de janeiro de 1907, uma “forte campanha a favor da democratização do desporto em Portugal, uma vez que se mantinha como uma atividade quase exclusiva da elite” (Pinheiro, 2009, p.108), dedicando as suas páginas ao futebol, por ser um desporto de regras e equipamento simples. Ao fim de 363 edições, “*Os Sports*” acabou por fechar portas a 15 de abril de 1909.

Por esta altura, mais concretamente na década de 1910, o jornalista desportivo desempenha um papel triplo, uma vez que era “participante no ato desportivo, fazedor de notícias e patrocinador do periódico, adotando a dualidade de jornalista e doutrinário, promovendo a causa desportiva em prol do benefício social” (Pinheiro, 2009, p.559). No decurso da década seguinte, na qual se assiste ao crescimento dos periódicos desportivos generalistas, o jornalista assume-se sobretudo como repórter, em grande medida devido à falta de tempo e espaço para questões doutrinárias, mas também como consequência do aumento do número de eventos.

Só em 1924 surge em Portugal o primeiro diário desportivo, o “*Diário de Sport*”, no Porto, (Canavilhas & Giacomelli, 2015), numa altura em que o futebol já tem estatuto dominante nas páginas dos jornais, devido à popularização de clubes como o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal e o Futebol Clube do Porto, mas também à criação da Seleção Nacional de Futebol. Para além do futebol e dos campeonatos nacionais deste desporto, também os Jogos Olímpicos de 1924, onde Portugal seria representado por 25 atletas, justificavam a criação de um jornal com periodicidade diária. O novo diário português seria também pioneiro na concretização diária de duas edições, uma para leitores de Lisboa e outra para leitores do Porto. Este novo diário duraria apenas até 3 de agosto do mesmo ano.

O jornalismo desportivo, como hoje o conhecemos, começa a criar as suas raízes em Portugal na década de 40 com o aparecimento dos jornais “*A Bola*”, em 1945, e do “*Record*”, em 1949. Com o subtítulo “Jornal de Todos os Desportos”, o jornal “*A Bola*” seria lançado pela primeira vez a 29 de janeiro de 1945, com o custo de um escudo, sendo publicado duas vezes por semana, à segunda e à quinta. Já o “*Record*”, que surge como um semanário, estreia-se nas bancas a 26 de novembro de 1949.

Apesar da criação na década de 40, a rivalidade entre estas duas publicações, conhecida até aos dias de hoje, ganharia os primeiros contornos em junho de 1950 quando o jornal “*A Bola*” decide somar, às edições de segunda e quinta-feira, uma ao sábado, dia em que o semanário “*Record*” seguia para as bancas, com o objetivo de dar espaço “às modalidades menos populares” (Pinheiro, 2009, p.368). De acordo com Francisco Pinheiro (2009), a rivalidade intensificou-se com o boato “de que Cândido de Oliveira, fundador de *A Bola*, havia afirmado que ‘em três semanas acabava com o Record’” (p.369). Os jornais acabariam por cortar relações até ao ano da morte de Cândido de Oliveira, em 1958.

1.1.1. O poder da imagem e a força do jornalismo desportivo na televisão

Conhecidos alguns dos momentos mais importantes da história do jornalismo desportivo em Portugal, importa agora abordar o surgimento da televisão na sociedade portuguesa, antes de nos dedicarmos ao meio de comunicação que é central neste relatório, o rádio. Neste contexto, a abordagem que seguimos não é cronológica, apenas e só porque o meio radiofónico é o objeto principal do estudo realizado.

Assim, é ainda na década de 50 que aparece, após a rádio, uma nova oportunidade para o jornalismo desportivo, a televisão, que, em 1957, muda “a forma como o público via e pensava o desporto e a informação desportiva” (Pinheiro, 2009, p.416).

A 4 de setembro de 1956 é realizada a primeira emissão experimental da Rádio Televisão Portuguesa e logo com uma aposta no desporto, com a rubrica “*Revista Desportiva*”, transmitida às 21h30 e apresentada por Domingos Lança Moreira, voz já conhecida da rádio, que entrevistou o vencedor da Volta a Portugal, Alves Barbosa (Pinheiro, 2009) e teve uma demonstração de ténis de mesa com a equipa do Sport Lisboa e Benfica.

A 7 de março do ano seguinte, Domingos Lança Moreira aparece na primeira emissão regular da RTP, na rubrica “*Miradoiro*” onde, para além de falar de futebol, mostrou imagens dos jogos que opuseram as seleções militares de Portugal e França. Domingos Lança Moreira seria um dos 14 jornalistas desportivos que entre 1957 e 1958 apareceram na RTP, com o objetivo de serem os dois que seriam escolhidos para integrar, de forma permanente, a nova equipa de desporto do canal. Acabariam por ser escolhidos Tavares da Silva e Alves dos Santos, este último que se tornou na “figura emergente do desporto da RTP graças à sua postura singular ante a câmara e pela terminologia aplicada nos comentários, ganhando a confiança de milhares de espectadores” (Pinheiro, 2009, p.417). Por esta altura já existiam em Portugal cerca de 18 mil aparelhos de televisão.

A primeira transmissão de um jogo de futebol na televisão seria em 9 de fevereiro 1958, no Estádio José Alvalade, entre Sporting CP e FC Áustria (Pinheiro, 2009), um jogo amigável cujo relato pertenceu a Domingos Lança Moreira e a realização a Artur Ramos. A primeira transmissão em direto a partir do estrangeiro seria apenas consumada a 31 de maio de 1961, desde Berna, na final da Taça dos Campeões Europeus em que o Benfica bateu o Barcelona, e que Pinheiro (2009) descreve como o “primeiro grande momento televisivo de exaltação nacional à volta do desporto português” (p.418).

Já nos finais da década de 60, a RTP dedicava ao desporto cerca de nove por cento do seu tempo de antena. Pinheiro (2009) realça que em 1972 os programas desportivos ultrapassaram em 29 horas o tempo de antena do Telejornal. Na década de 80, no ano de 1982, o desporto teve direito a 30 por cento do tempo de antena, muito devido aos diretos de provas desportivas, como o campeonato do mundo de futebol, em Espanha. Nesta altura, já no ar estava o Canal 2, que teria na grelha diversos programas, com a transmissão em direto das mais variadas modalidades. Em 1989, o Departamento de Informação Desportiva da RTP contava já com “cerca de meia centena de pessoas” (Pinheiro, 2009, p.502).

O paradigma televisivo português sofre uma alteração significativa em 1990 com a entrada em cenados canais privados, que depressa tornaram o desporto “num dos conteúdos estratégicos para a conquista de audiências” (Pinheiro, 2009, p.531). Enquanto a RTP detinha a transmissão regular de provas nacionais de futebol e de desporto amador na RTP2, que na época de pausa do futebol, no verão, eram complementadas com os Grande Prémios de Fórmula 1 e as grandes provas de bicicleta nacionais e internacionais, a SIC apenas detinha programas informativos e de opinião. Já a TVI, apenas a partir de 1996 começa a ganhar o seu espaço no panorama desportivo, com programas diários de informação desportivo e o exclusivo de jogos de futebol do campeonato espanhol.

Já em 1998 surge a Sport TV, o primeiro canal *premium* português totalmente dedicado ao desporto, que iria também transformar a cobertura desportiva, uma vez que grande parte dos eventos passaram a ser transmitidos em exclusivo neste canal por cabo.

1.2. O meio radiofónico e as narrativas desportivas

Para falarmos sobre a relação que meio radiofónico estabeleceu com o desporto na sociedade portuguesa é preciso recuar até ao ano de 1930, quando a rádio começa a dar os primeiros passos na área do desporto.

É neste ano que surge no panorama do jornalismo desportivo nacional a rádio. É em junho deste ano que o Diário de Notícias utiliza a emissora CT1DE para a realização da primeira transmissão de um jogo de futebol (Santos, 2005 apud Canavilhas, 2015). No ano seguinte, mais concretamente em dezembro de 1931, o desportivo “*O Volante*” chegaria a acordo com a emissora CT1BO para a realização de um programa de rádio todos os domingos, onde era abordada a atualidade automobilística (Pinheiro, 2009).

Com o aumento da venda do número de recetores, aparelho que naquela permitia o acesso ao sinal televisivo, e principalmente com o crescimento do interesse nos programas desportivos, o jornal “*Os Sports*”, já referido anteriormente, estabelece uma parceria com a estação CT1DH com o intuito de transmitir os mais variados desafios de futebol (Santos, 2005 apud Pinheiro, 2009). A 18 de março de 1934 esta parceria tornou possível a retransmissão do jogo de futebol entre Portugal e Espanha. Depois desta emissão, seria necessário esperar seis meses, até setembro, para que a rádio voltasse a ter uma grande cobertura de um evento desportivo. A efeméride aconteceu quando a Rádio Graça, de Lisboa, transmitiu uma “extensa entrevista e reportagem” sobre a festa de despedida do jogador Augusto Silva, do Clube de Futebol Os Belenenses.

Aos poucos a rádios começava a afirmar-se na transmissão de jogos de futebol e em janeiro de 1935 foi dado mais um importante passo nesse processo, quando a estação CT1HZ, de Coimbra, fez “um dos primeiros relatos de futebol fora do circuito lisboeta” (Pinheiro, 2009, p.321), ao transmitir o jogo entre a Associação Académica de Coimbra e o União de Coimbra.

No início da década seguinte, em 1940, a Emissora Nacional passa a deter a exclusividade dos relatos de futebol com Ayala Botto. Também Domingos Lança Moreira, que, como já referido, passaria mais tarde para a televisão, ganhava destaque nesta altura, tendo sido um dos principais responsáveis pela criação de condições para os locutores de rádio nos estádios nacionais.

É também Domingos Lança Moreira que cria, no início da década de 50, a primeira rádio especializada em programas desportivos, através das “Produções Lança Moreira”. Entre programas informativos e de antevisões aos jogos de futebol, a empresa cria duas equipas de exteriores para acompanhar “os dois principais jogos da jornada”, transmitindo esses relatos para 3 emissoras nacionais: Rádio Clube Português, Rádio Voz de Lisboa e Clube Radiofónico de Portugal.

Por esta altura, já a Emissora Nacional tinha perdido a exclusividade do relato. No entanto, com o intuito de manter os ouvintes, decide apostar numa nova forma de fazer relato, passando a utilizar três locutores, pela primeira vez no clássico Futebol Clube do Porto – Sport Lisboa e Benfica de 1955, para relatarem os acontecimentos do jogo, dividindo os locutores entre zona central e atrás de cada baliza. Cinco anos depois a Emissora Nacional criaria a então nova figura do comentador desportivo.

Enquanto a televisão ia dando os primeiros passos, a rádio ia reforçando e aumentando o interesse dos ouvintes nos relatos de futebol e, à semelhança da televisão, teve o seu primeiro grande momento de glória graças à primeira conquista europeia do Sport Lisboa e Benfica, mas também à participação de Portugal no Mundial de 1966.

O desporto era cada vez mais um elemento distintivo do meio radiofónico. Destacava-se nas grandes emissoras nacionais, mas também nas rádios regionais, onde a aposta em programas desportivos era crescente, destacando-se, neste contexto, o programa “Escape Livre”, transmitido pela Rádio Altitude, da Guarda, pela primeira vez a 13 de fevereiro de 1973.

1.2.1. As tertúlias e os programas de jornalismo desportivo na rádio

Nem só de relatos de jogos de futebol e de provas de ciclismo se fazia a rádio. Foram vários os programas que ajudaram a que a rádio se tornasse um meio particularmente importante para o desenvolvimento do desporto em Portugal.

Como já referido anteriormente, o jornal desportivo “*O Volante*” seria, em dezembro de 1931, o primeiro a ter um programa periódico na rádio, através da emissora CT1BO, que passava todos os domingos, uma emissão sobre o automobilismo (Pinheiro, 2009). Importa também destacar o papel que a rádio teve na transmissão de palestras sobre desporto. A título de exemplo, Francisco Pinheiro relembra as palestras transmitidas na Rádio Luso, promovidas pelo jornal “*Sporting*”, onde estiveram presentes Manuel de Oliveira, à data presidente da Associação de Futebol de Lisboa, e Cândido de Oliveira, selecionador nacional de futebol, em 1935.

Em 1936, seria o já conhecido José de Ayala Botto a iniciar as palestras “Ecos Desportivos” na Emissora Nacional, programa que se manteria no ar durante 19 anos, “fazendo de Ayala Botto uma das principais vozes desportivas da rádio portuguesa” (Pinheiro, 2009, p.322). O programa era quinzenal e emitido nas manhãs da primeira e terceira quarta-feira de cada mês.

Com a criação da empresa “Produções Lança Moreira”, nos anos 50, surge outro dos programas que marcam a história do desporto na rádio: “Previsões Desportivas”. Produzido por Domingos Lança Moreira, o programa era emitido aos domingos, às 12h45, fazendo uma antevisão dos jogos de futebol que se realizavam à tarde. A “Produções Lança Moreira”, como empresa vocacionada para os programas desportivos, acabou por se tornar um marco nas tertúlias realizadas pelas rádios nacionais. Para além do “Previsões Desportivas”, a empresa tinha ainda a “revista radiofónica ‘Golo’ e o programa taumomáquico ‘Sol e Touros’” (Pinheiro, 2009, p.414), todos eles emitidos ao domingo.

É no final desta década que começam a surgir os primeiros programas dedicados aos clubes. Pinheiro (2009) considera que “um dos primeiros exemplos” desta nova categoria de programas foi “A Voz do Futebol Clube do Porto”, programa que em 1959 era transmitido semanalmente na Ideal Rádio.

No entanto, nem só de futebol se faziam os programas desportivos na rádio. Também o ciclismo ia ganhando destaque com a rádio, muito devido às transmissões dos finais das etapas da Volta a Portugal em Bicicleta de 1951, no Rádio Clube Português, com o programa “Os Companheiros da Alegria”, realizado pelas Igrejas Caeiro. A empresa tinha como principal objetivo “criar um espetáculo de variedades no final de cada etapa”, para assim conseguir atrair mais público e audiência. “O sucesso foi tanto que o programa passou a integrar a Volta nos anos seguintes”(Pinheiro, 2009, p.416).

Quase uma década depois, já em 60, o país volta a interessar-se pelo desporto automóvel, o que leva o Rádio Clube Português a criar o programa “Fórmula 1”, emitido ao domingo às 19 horas, numa emissão que abordava tudo o que passava nas pistas de F1. Já na década de 70, em 1971, através da onda média do Rádio Clube Português do Porto, ganhava destaque um novo programa. O “Carrocel Desportivo”, apresentado por Fernando Santos e Ribas Martins, distinguia-se dos restantes ao abordar o desporto de “maneira feliz e oportuna” (Carlos, 1971 apud Pinheiro, 2009). Também de sucesso, e já neste relatório abordado, era o programa “Escape Livre”, emitido pela Rádio Altitude, da Guarda.

Em 1975, o Rádio Clube Português criava o seu departamento desportivo, que tinha ao domingo o seu maior volume de emissões com os programas: “Golo”, das 12h às 12h30; a “Tarde Desportiva”, das 14h30 às 18h30; e o “Jornal Desportivo”, das 22h às 22h30. A Radiodifusão Portuguesa, que sucederia à Emissora Nacional, criaria também a sua equipa de desporto através de um departamento da Antena 1, em 1976. A Rádio Renascença daria este passo em 1980, com a criação do programa “Bola Branca”, de António Ribeiro Cristóvão.

Importa destacar o caso da Rádio Renascença que, já em meados da década de 80, passou a ter na sua programação duas emissões diárias do programa “Bola Branca”, de segunda a sábado, e ainda uma edição especial ao domingo. A Rádio Renascença que na grelha tinha ainda os programas “Diário do Desporto”, de segunda à sexta, “Desporto e Música”, ao sábado” e “Frente Desportiva”, aos domingos.

Na mesma altura surge também o programa “Bancada Central”, da TSF – Rádio Jornal, que viria a consolidar Fernando Correia e Jorge Perestrelo como “duas das principais vozes desportivas” em Portugal (Pinheiro, 2009, p.500).

1.3. O relato desportivo enquanto género e/ou atividade jornalística

O relato desportivo sempre foi uma atividade que balançou entre o entretenimento e o jornalismo, não sendo muitas vezes definir em que espectro da atividade radiofónica se situa. No entanto, os profissionais que fazem relato desportivo encaram-na como uma exigente atividade jornalística.

Neste contexto, o autor Raymond Boyle (2006) alerta para a distinção que tem sido feita entre a cobertura do desporto na rádio e nos meios impressos. “Se o jornal impresso tem sido visto como a casa do jornalismo desportivo, então tanto a cobertura desportiva na televisão como na rádio tem sido classificada como uma forma de *Broadcast* mais do que como jornalismo”(2006, p.57). O autor considera que este problema de classificação está relacionado com a forma como os próprios profissionais transitaram da imprensa para a rádio, nos primórdios das transmissões desportivas, não se assumindo, nesse momento, como jornalistas, mas sobretudo como *broadcasters* (Boyle, 2006).

Assim, um dos principais aspetos que dificulta a caracterização do relato desportivo, enquanto jornalismo ou entretenimento, prende-se com o facto de, anteriormente, o relator se focar essencialmente na descrição, enquanto que na atualidade também dá opiniões e efetua análises do que se passa em campo. O relator não se limita, desta forma, a reportar o que está a acontecer. Para Boyle (2006), uma das explicações para esta mudança na abordagem do jogo deve-se à crescente e intensa competitividade entre os meios, que procuram captar a atenção dos ouvintes.

Apesar das dúvidas em relação ao papel dos relatores, a verdade é que os profissionais da rádio que fazem relato desportivo são creditados como jornalistas, tendo carteira profissional, emitida pela Comissão da Carteira. Neste contexto e considerando os dados

obtidos através de um questionário realizado junto de jornalistas desportivos das rádios nacionais, João Nunes realça que “75% define que o relato é e deve ser reportagem ou reportagem com entretenimento” (2014, p.11).

A forma como a atividade dos profissionais do relato desportivo é entendida, como pertencendo ao campo do jornalismo ou do entretenimento, será abordada novamente neste relatório, mais à frente, nomeadamente com a recolha da opinião dos jornalistas da equipa de Desporto da Antena 1.

1.3.1. As vozes marcantes do relato desportivo em Portugal

Já aqui falámos das vozes de Domingos Lança Moreira e de Ayala Botto, mas sobretudo da importância que tiveram no crescimento do relato desportivo radiofónico em Portugal. No entanto, importa também realçar o nome de Raul Sales, fundador e único locutor da emissora CT1DH, “a primeira estação portuguesa a transmitir desafios de futebol” (Santos, 2005 apud Pinheiro, 2009, p.320).

José de Ayala Botto foi o primeiro “grande contributo” (Pinheiro, 2009, p.321) para o desenvolvimento do desporto na rádio, ele que em 23 de setembro de 1936 iniciava na Emissora Nacional as palestras desportivas “Ecos Desportivos”, estação que até 1948 deteve o exclusivo dos relatos de jogos de futebol, todos na voz de Ayala Botto, que se tornou “uma das principais vozes desportivas na rádio portuguesa” (Pinheiro, 2009, p.322). Apesar de criticado pela “falta de conhecimento do nome dos jogadores durante os relatos”, o primeiro grande relator em Portugal “ganhou prestígio no meio futebolístico português estabelecendo uma relação de proximidade com vários futebolistas e dirigentes desportivos” (p.413).

Uma das histórias que melhor ilustra esta relação sucedeu em 14 de janeiro de 1940 (...) envolvendo Botto e o jogador portuense Lemos. Antes do início de um jogo entre as seleções de futebol do Porto e Lisboa, Lemos pediu a Botto para, em caso de sofrer uma entrada mais dura ou se lesionar, o locutor não o transmitisse pelo microfone da Emissora Nacional, uma vez que a mãe estava a acompanhar o jogo no Porto, através do seu aparelho de rádio e podia “afligir-se”. (Pinheiro, 2009, p.413)

Nesta altura começava também a surgir, entre as vozes da rádio, o nome de Domingos Lança Moreira, que se tinha distinguido pelo “jornalismo escrito após assumir a direção da popular revista *Stadium* em 1941” (Pinheiro, 2009, p.413), onde publicaria um artigo sobre as condições das bancadas de imprensa nos estádios portugueses.

Segundo Lança Moreira, os locutores desportivos eram “os trabalhadores mais sacrificados dos parques atléticos” uma vez que tinham de estar noventa minutos a falar, muitas das

vezes, sem as mínimas condições de visibilidade e climatéricas. E dava o exemplo: “No inverno, suportam chuva, vento, frio e humidade. Chegam ao fim dos prélios ou encharcados até aos ossos, ou enregelados, a pontos de se lhe tolherem os movimentos. No Verão, a poeira que se levanta dos terrenos “pelados”, aliada ao sol tórrido, seca-os e asfixia-os, de maneira insuportável”. Era preciso também melhorar a visibilidade para os locutores, devendo criar locais elevados nos campos, donde fosse possível fazer “uma descrição mais correta, mais fiel, porventura mais descongestionada” dos jogos a exemplo do que sucedia no estrangeiro. (Pinheiro, 2009, p.414)

Com a criação das Produções Lança Moreira, no início dos anos 50, a voz de Lança Moreira começa também a ganhar o seu espaço no relato desportivo em Portugal, sendo os seus relatos transmitidos nas antenas do Rádio Clube Português, Rádio Voz de Lisboa e Clube Radiofónico de Portugal. Domingos Lança Moreira seria mais tarde uma voz marcante também do relato, mas radiofónico, na RDP.

É com a saída de Ayala Botto da Emissora Nacional, em 1955, que surge uma nova voz de destaque no relato desportivo: Artur Agostinho. Com este novo relator surge também uma nova forma de relatar o jogo quando, em novembro desse ano, a Emissora Nacional decide, por ocasião do clássico “Porto – Benfica”, utilizar três locutores, com Artur Agostinho como relator e Amadeu José de Freitas e Nuno Barros como repórteres de pista, atrás de cada uma das balizas (Pinheiro, 2009).

Na mesma época em que surge Artur Agostinho, destacam-se também outros nomes, como Fernando Correia, na Emissora Nacional, e Jorge Perestrelo, no Rádio Clube Português, que mais tarde consagrariam o programa “Bancada Central”, criado na TSF em meados dos anos 80. Fernando Correia começou a ser escutado na Emissora Nacional em 1956, onde esteve durante 30 anos, tendo ainda passado pelo Rádio Clube Português, que nesta altura já se denominava Rádio Comercial. Jorge Perestrelo iniciou a carreira em Angola, na Rádio Clube Lobito, tendo em Portugal, antes de chegar à TSF, passado pelos microfones de Rádio Clube Português e Rádio Comercial (Pinheiro, 2009).

Já em 1980 surge um novo nome no relato desportivo em Portugal. António Ribeiro Cristóvão, que nesse ano criava na Rádio Renascença o programa “Bola Branca”, seria mais um dos profissionais que marcaria a história da atividade no país. Ribeiro Cristóvão, que fizera carreira em Angola, chegou à Rádio Renascença em 1976 e foi responsável pelos programas “Bola Branca” e “Frente Desportiva” (Pinheiro, 2009).

1.3.2. As fronteiras entre o relator e o comentador desportivo

Importa recordar que, como referimos anteriormente, é em meados dos anos 50, na Emissora Nacional, que surge na rádio a figura do comentador desportivo nos relatos

radiofónicos. Este novo profissional junta-se assim ao repórter de pista e ao relator, tornando o relato de jogos de futebol num trabalho de equipa, que tinha ainda um coordenador de emissão, e que fez com que o relato ganhasse “uma riqueza informativa que rivaliza com os restantes meios” (Canavilhas & Giacomelli, 2015, p.161).

Um das problemáticas atribuídas a esta tarefa no seio de relato desportivo é os limites que separam quem relata de quem comenta. Com a função de analisar, avaliar e julgar o que se passa no jogo (Nunes, 2014), o comentador complementa as informações veiculadas pelo relator.

No entanto, de acordo com Nunes (2014) “muitas das vezes o papel do narrador se confunde com o do comentador” (p.17), apesar de 65% dos inquiridos num questionário realizado pelo investigador considerarem que isso não devia acontecer.

A fronteira que separa o comentador do narrador que não está completamente definida no mundo do relato desportivo, o que leva a que um dos principais cuidados do narrador seja o de não condicionar as opiniões do comentador, como refere Alexandre Afonso, ex-jornalista da Antena 1 e atualmente no Canal 11, no trabalho de investigação realizado por João Miguel Santos Nunes.

Se introduzirmos o comentador dizendo "com vinte minutos, o Sporting está a dominar, está a atacar mais e está claramente a merecer ganhar", já estamos "a entrar no campo do comentador". Por isso mesmo, o relator defende que devemos fazer da seguinte forma: "vinte minutos, o Sporting vence por 1-0, golo de Cedric aos catorze minutos" (Nunes, 2014, p.18)

Outra das questões associadas a esta problemática é o facto de o narrador e comentador poderem ter opiniões diferentes. O jornalista e comentador da Antena 1, José Nunes, refere que esta questão entra “um bocadinho numa zona conflituosa” e defende que “a fronteira deve ser gerida através do bom senso, profissionalismo, experiência e maturidade” (Nunes, 2014, p.18).

Enquanto os relatores são, por norma e quase por regra, jornalistas, a vocação dos comentadores varia entre treinadores, antigos jogadores de futebol, jornalistas e antigos relatores que passaram à função de apenas comentar, o que evidencia que “não existe um conjunto de regras que definam quem está habilitado a comentar” (Nunes, 2014, p.19).

1.4. A Internet, as novas tecnologias e o relato radiofónico desportivo

Neste ponto do relatório de estágio será abordada a fase mais recente da história do jornalismo desportivo em Portugal, considerando em particular o momento em que a Internet e as novas tecnologias transformaram o meio radiofónico, mas sobretudo o relato desportivo. Neste sentido, procuramos analisar as potencialidades introduzidas pelas tecnologias, que permitiram que a rádio apostasse numa dimensão multimédia, ao mesmo tempo que avaliamos o impacto que a digitalização teve na cobertura do desporto e muito particularmente no relato desportivo.

1.4.1. A mudança na rádio: de meio exclusivamente sonoro a plataforma multimédia

De acordo com Canavilhas e Giacomelli (2015), a Internet permitiu que a rádio chegasse mais longe e tivesse mais conteúdos, atingido a globalização através das “emissões em streaming e da disponibilização de conteúdos em podcast” (p.161), o que contribui para que qualquer canal de rádio pudesse ser ouvido em qualquer parte do mundo. Estas alterações possibilitaram à rádio continuar a evoluir, algo que este *medium* tem conseguido “num terreno mediático nem sempre favorável” (Cardoso et al., s.d, p.8).

As novas tecnologias permitiram que a rádio se desenvolvesse, tornando-se um meio multiplataforma, ao mesmo tempo que permitiram que continuasse a afirmar a sua natureza *multitasking*. (Cardoso et al., s.d). A verdade é que a rádio pode estar a tocar enquanto o ouvinte faz outra tarefa, algo que não é possível com outros meios. Outra das vantagens da rádio está relacionada com a facilidade com que pode difundir notícias de “última hora”, para muitos continua a ser ainda o meio de difusão mais rápido. Por outro lado, a miniaturização dos aparelhos, bem como a incorporação da rádio nos dispositivos móveis, confere a este meio uma enorme portabilidade (Cardoso et al., s.d.)

Se é verdade que a rádio é, entre os meios ditos tradicionais, aquele que melhor se tem adaptado aos novos tempos, conseguindo encontrar formas de continuar a ser ouvida, não podemos ignorar que têm sido muitos os desafios que tem enfrentado, desde logo com o surgimento da Internet, que obrigou a repensar a forma como chega à audiência (Silva, 2019). Apesar de se ter conseguido adaptar e ter escapado a quase todos os cenários que anunciavam o seu desaparecimento, a rádio continua a enfrentar vários desafios relacionados, na sua maioria, com a conquista de audiências. Esta situação é particularmente preocupante nalgumas áreas, sendo a do relato desportivo uma das que nos interessa analisar no contexto deste relatório. Numa era dominada pelos conteúdos audiovisuais, onde grande parte dos acontecimentos desportivos têm transmissão televisiva, com claro destaque para os jogos de futebol, a rádio continua a ter o seu espaço?

A questão agrava-se se considerarmos que a Internet e as novas plataformas digitais também têm apostado na cobertura desportiva, desenvolvendo novas estratégias, que procuram unir som e vídeo, para assim atrair mais utilizadores. No ponto seguinte destacamos alguns dos projetos que se têm destacado no ambiente digital e que nos permitem pensar na criação de novos conteúdos desportivos que se podem assumir como uma ameaça, ou pelo menos como um desafio, ao relato desportivo tradicional.

1.4.2. Da digitalização à produção de novos conteúdos desportivos online: os relatos desportivos nos sites de redes sociais

Com a digitalização e crescimento da Internet, o relato desportivo também sofreu mudanças, emergindo, neste contexto, o relato online. Esta atividade, feita em plataformas que não transmitem através dos meios convencionais, ou seja, em antena, permitiu o crescimento das chamadas web rádios e em particular daquelas que se focam apenas no relato desportivo (Raney, 2006).

A Internet permitiu que pessoas singulares conseguissem produzir conteúdos desportivos online que, apesar de não competirem com as emissões tradicionais em antena, assumem-se como projetos concorrenciais através das plataformas de *streaming*. Em Portugal, temos como exemplo deste tipo de rádios a Golo FM, que chega mesmo a ter transmissão em algumas antenas do país, mas que apresenta a sua atividade, sobretudo no que ao relato diz respeito, maioritariamente na web. Outro dos projetos que se poderia destacar neste contexto dá pelo nome de “Desporto na Hora”.

Madureira e Kischinhevsky (2015) destacam precisamente a forma como as novas tecnologias transformaram a produção e a escuta da rádio. Para os autores, a partir de determinado momento, “entraram em ação a internet e as facilidades de poder ouvir determinada programação ao vivo ou através de podcasting, entre outros fatores relativamente novos que problematizam a estruturação do que é radiofónico ou não” (p.9).

Neste contexto, assistem-se a transformações ao nível da produção e sobretudo do consumo do meio radiofónico, transformando a forma como a rádio é escutada e, no caso do relato desportivo, contribuindo para que sobretudo as gerações mais jovens passem a acompanhar os jogos através dos sites de redes sociais onde já passam a maior parte do tempo.

As redes sociais digitais contribuíram assim para que o relato radiofónico ganhasse um novo fôlego, sobretudo porque estas plataformas permitem que o relato seja explorado

através da imagem, tendo como complemento o áudio da narração. A título de exemplo, o vídeo do relato de Alexandre Afonso e de Nuno Matos, na final do Campeonato da Europa de 2016, publicado pela RTP a 14 de julho de 2016, 4 dias depois da final, teve mais de 570 mil visualizações na plataforma *Youtube*.

Uma das vozes mais marcantes do relato desportivo em Portugal, João Ricardo Pateiro, realça, em entrevista para o trabalho de investigação realizado por João Miguel Nunes, que “muita gente não ouve o relato em direto, mas vai procurar no Youtube como foi a narração daquele golo” (Nunes, 2014, p.35). Esta tem sido uma das formas que tem permitido ao relato desportivo conquistar ouvintes. Nuno Matos, jornalista da Antena 1, costuma publicar no seu Facebook, antes de cada jogo, uma fotografia a anunciar que jogo vai relatar, publicação que acaba por ser muito apreciada e, em muitos casos, partilhada.

No caso da Golo FM, que transmite os relatos na sua página de *Facebook*, consegue atingir com facilidade, através do *streaming* em direto de um jogo de futebol, uma média de 10 mil visualizações no decorrer da emissão. Estes dados mostram o potencial que os sites de redes sociais têm, sobretudo se compararmos estes números com uma emissão tradicional em antena.

Apesar de as redes sociais digitais ainda não serem utilizadas para a divulgação ou difusão dos relatos desportivos das principais estações, de acordo com Silva (2008, p.103) a plataforma *live* do *Facebook* permite uma média de “reações” superior aos conteúdos gravados em 19,6% e pode, muito em breve, ser uma aposta por parte das rádios portuguesas. No entanto, como refere Cátia Mateus (2015), esta mudança, ou novidade, traz consigo um conjunto “acrescido” de desafios para os jornalistas, uma vez que os deixa mais expostos e ao mesmo tempo mais próximos de um público que “pode questionar, debater ou apontar falhas no trabalho” (p. 25).

Capítulo 2. O jornalismo desportivo e o relato radiofónico na Rádio Pública Portuguesa

Depois de no primeiro capítulo se ter procurado abordar, ainda que de forma breve, a história do jornalismo desportivo em Portugal, desde o momento em que foram publicados os primeiros jornais, até ao momento em que a Internet e os sites de redes sociais transformaram a cobertura desportiva, neste segundo capítulo centramos a nossa atenção no desenvolvimento do jornalismo desportivo no seio da Rádio Pública Portuguesa, uma história que começa ainda no tempo da Emissora Nacional e que tem em Ayala Botto, como referimos anteriormente, uma das figuras mais importantes.

Este segundo capítulo, ainda que estando inserido na componente de enquadramento teórico do trabalho, procura funcionar sobretudo como uma ponte para a dimensão empírica, uma vez que a escassez de informação sobre a temática abordada, obrigou-nos a procurar alguma da informação durante o próprio estágio, junto dos profissionais com quem tivemos a oportunidade de privar.

2.1. A aposta da Rádio Pública Portuguesa no jornalismo desportivo

Como verificámos no primeiro capítulo deste trabalho, a Emissora Nacional apostou, desde cedo, no desporto como forma de atrair ouvintes para a sua antena. A prova de que a cobertura desportiva foi uma prioridade desde o início está patente no primeiro mês de emissões da estação, inaugurada a 1 de agosto 1935. Neste período foram transmitidas um conjunto de reportagens do Campeonato Nacional de Remo, bem como da sexta edição da Volta a Portugal em Bicicleta, em colaboração com o Diário de Notícias e “Os Sports” (Ribeiro, 2007).

Numa altura em que o relato desportivo ainda não tinha arrancado nos microfones da rádio pública, eram as palestras de desporto que dominavam as emissões, ou dito de outra forma, era através destas que o desporto se ia afirmando em antena. De acordo com Ribeiro (2007), entre agosto de 1955 e julho de 1956 foram emitidas 58 palestras sobre desporto. Seria também nesse ano de 1956, mais concretamente a 23 de setembro, que se

assistiria ao lançamento do primeiro programa desportivo na rádio pública portuguesa. Intitulado “Ecos Desportivos”, o programa tinha autoria de José de Ayala Botto, que quinzenalmente apresentava um conjunto de palestras desportivas. A emissão prolongou-se até 14 de março de 1955.

Apesar da aposta no desporto estar presente na estação desde cedo, a verdade é que só em 1976, com a já denominada Radiodifusão Portuguesa, sucessora da Emissora Nacional, é que se assistia à rádio pública a uma confirmação da importância que a componente desportiva tinha para a estação, e que levaria mesmo à criação do então departamento de desporto da Antena 1.

2.1.1. A “Tarde Desportiva”: o programa de referência na emissora nacional

Criado ainda antes do 25 de abril de 1974, na Emissora Nacional, o programa “Tarde Desportiva” chegou ao fim no dia 10 de setembro de 2020. No entanto, nos seus mais de 50 anos de existência, foi o programa de referência dos domingos desportivos em Portugal.

A “Tarde Desportiva” consistia em “relatos em cadeia”, com um jogo central e vários repórteres espalhados pelos diferentes campos, onde também se disputavam jogos da Primeira e da Segunda Liga, que intervinham na emissão quando se marcava um golo. Na Primeira Liga, o relato seria alternado entre os vários campos, cabendo ao pivô, no estúdio, decidir para que campo se dirigia a emissão, tendo como critério o resultado no momento. Já no que diz respeito à Segunda Liga, um correspondente da Antena 1 marcava presença nos vários campos, entrando no ar para dar conta de um golo ou para carimbar o resultado (Rodrigues, 2013).

Uma das mais famosas vozes da rádio, Fernando Eurico, referia em 2013, em entrevista a Luís Rodrigues, que a “Tarde Desportiva” era “uma das bandeiras da estação” por ser único no país após o fim da “Frente Desportiva” da Rádio Renascença em 2006 (Rodrigues, 2013, p.89).

Atualmente, com a Sport TV a transmitir todos os jogos destes escalões, a Antena 1 optou por adaptar a sua oferta, ajustando o seu horário aos jogos de Benfica, Porto e Sporting, aos quais acrescenta ainda um quarto relato, do jogo da equipa que se encontra mais bem classificada ou, em alternativa de algum derby regional.

Neste ponto importa recordar que, como referimos no início do capítulo, existe pouca bibliografia sobre a aposta desportiva por parte da Emissora Nacional, de um modo geral, e em particular sobre os programas que abordavam o desporto. Para além dos relatórios de estágio consultados, que se depararam com a mesma dificuldade, procurámos obter informação junto dos profissionais da rádio onde realizámos o estágio. Por outro lado, no caso do programa “Tarde Desportiva”, nem o facto de ter sido uma das mais importantes emissões desportivas radiofónicas durante vários anos, contribuiu para que fossem elaborados artigos ou outro tipo de publicações que pudessem ser consultadas e ajudassem na realização do presente relatório.

2.2. Dos primeiros aos atuais relatores desportivos da Antena 1

Já neste relatório falámos várias vezes sobre o princípio do relato desportivo na Antena 1, ainda Emissora Nacional, sob a voz de Ayala Botto. Na Antena 1, já assim denominada a rádio pública portuguesa, fica como voz de referência dos portugueses a de Artur Agostinho num registo “mais contínuo e homogéneo” que o dos atuais narradores (Rodrigues, 2013, p.48). Neste sentido, considerando as referências já feitas a estes dois profissionais e a falta de dados que nos permitam acrescentar mais informação aquela que já foi referida, levaram-nos a optar por, neste subcapítulo centrar a nossa atenção dos atuais relatores da rádio pública.

2.2.1. As vozes que distinguem o relato desportivo da Antena 1

Atualmente são cinco os relatores da Antena 1 que, a partir do território continental, fazem ecoar as suas vozes na antena da rádio pública portuguesa. Em Lisboa a equipa de desporto da Antena 1 tem José Pedro Pinto, que faz parte da nova geração de relatores portugueses, Nuno Matos e Paulo Sérgio. No Porto estão Fernando Eurico e Carlos Rui Abreu. A estes cinco é necessário acrescentar um sexto, Duarte Rebolo, que relata a partir da Madeira.

Antes de abordarmos o percurso profissional dos relatores, importa identificar as restantes vozes que compõem o relato da Antena 1. João Gomes Dias é, atualmente, a voz que desempenha unicamente a função de pivô, que articula com Paulo Sérgio, José Pedro Pinto, Fernando Eurico e ainda David Carvalho, que costuma também desempenhar a função de repórter de pista, juntamente com Cláudia Martins, Eduardo Gonçalves e Nuno Perlouro.

Para além dos seus jornalistas internos, já apresentados, a Antena 1 conta ainda com Luís Cristóvão, José Nunes, Vítor Martins e Manuel Queiroz, no painel de comentadores. Para além destes podem ainda assumir esta função outros comentadores externos à estação. Em dia de “jogo grande” ou nas partidas da seleção nacional, a Antena 1 opta normalmente por ter dois comentadores em estúdio na análise à partida.

Depois de Ayala Botto e Artur Agostinho já terem marcado a história da estação, atualmente os profissionais que ganham protagonismo no relato desportivo da rádio pública são outros, destacando-se neste contexto a aposta em profissionais com vários anos de experiência radiofónica e com vasto conhecimento no campo desportivo.

2.2.2. O percurso dos relatores na Antena 1

É impossível falar do percurso dos relatores na Antena 1 sem falar das rádios regionais visto que, para todos eles, estas desempenharam um papel fulcral na sua formação. Neste subcapítulo será destacado o caminho percorrido pelos relatores da secção de desporto de Lisboa da Antena 1.

Começamos com Nuno Matos, relator de 53 anos que começou a fazer relatos na RDP Santarém, ainda muito jovem. No entanto, foi na Rádio Piranha que começou a trabalhar no meio radiofónico, nomeadamente com a realização de um programa de Discos Pedidos. Foi precisamente a música que lhe abriu as portas para a RDP Santarém. Teve a oportunidade de fazer o primeiro relato devido a uma doença do relator principal da altura. Da RDP Santarém saltou para a RDP Centro, onde passou a relatar os jogos da Académica de Coimbra. Nuno Matos começou a dar voz aos jogos grandes do futebol português quando ingressou na Rádio Comercial, onde esteve apenas 6 meses, antes de passar para a Antena 1, onde está há cerca de 30 anos.

Também relator e Diretor Adjunto da informação da Antena 1, com os pelouros do Desporto e Antenas Internacionais, Paulo Sérgio relata há 35 anos. Está na Antena 1 desde 2005, mas começou a carreira na Rádio Azul, em Setúbal. Saltou da Rádio Azul para a TSF, onde esteve 10 anos, até chegar à televisão, pela mão da, na altura recém-criada, Sport TV. Passou pela Gazeta dos Desportos, TVI e RTP antes de chegar à Antena 1.

Entre os relatores da nova geração encontra-se José Pedro Pinto, que iniciou o seu percurso com 18 anos, na Rádio Clube Matosinhos, a fazer emissões em estúdio. Foi nessa estação que começou também a relatar, em particular os jogos do Leça. Permaneceu na Rádio Clube Matosinhos durante dois anos, enquanto realizava a licenciatura em Ciências da Comunicação, através da qual conseguiu um estágio curricular na Rádio Renascença,

tendo depois integrado a equipa do programa “Bola Branca” como editor para a Internet. Em 2018 passou para editor rádio e dois anos depois, em outubro de 2020, ingressou na equipa da Antena 1.

2.2.3. A equipa por detrás do relato desportivo da Antena 1

Nem só de relato, de reportagem de pista, de comentário ou de coordenação em estúdio, se faz uma emissão desportiva na Antena 1. É preciso não esquecer da produção e dos técnicos de som, responsáveis não só pela montagem dos equipamentos, mas também por garantir que a melhor qualidade de som chega aos ouvintes.

Assim, acompanham os repórteres nos trabalhos de exterior, sendo responsáveis pela montagem do material nomeadamente nos estádios, Gonçalo Lopes, Eric Harizanos, António Farinha e Rui Borges. Estes profissionais têm como missão deixar tudo pronto para que os jornalistas da Antena 1 assegurar a melhor emissão possível, sem terem que se preocupar com a qualidade do som, centrando-se, dessa forma, na sua missão de transmitir o jogo da melhor maneira para os ouvintes da Antena 1.

No estúdio, a cuidar das ligações aos estádios e das suas alternâncias, ficam vários técnicos da emissão da Antena 1, que não estão apenas ligados ao desporto, mas a todas as vertentes da rádio publica portuguesa. Para além deles, destaque também para produtora Alexandra Alho, que passa os seus dias, maioritariamente na redação, junto da equipa de desporto. É também ela a responsável pela parte logística do relato, como o pedido de credenciais, o alojamento e o transporte dos jornalistas e técnicos, desde os táxis até às viagens de avião para os jogos nos Açores e no estrangeiro.

2.3. O relato desportivo em antena, a articulação com o site e com as redes sociais da Antena 1

Antes de abordarmos o relato desportivo e a forma como é articulado com o site e com as redes sociais da Antena 1, importa descrever o tempo de antena dedicado pela estação ao desporto.

Ao longo da semana, a Antena 1 tem na sua grelha de programação cerca de uma hora diária dedicada à informação desportiva entre as cinco sínteses, que duram normalmente cerca de cinco minutos, três de manhã e duas à tarde, e os dois jornais de desporto que ocupam cerca de quinze minutos cada um.

Em relação ao comentário desportivo, é dedicado a este espaço cerca de uma hora semanal na programação. À segunda-feira é emitido, por volta das 19h15, o programa “Grandes Adeptos”, que dura cerca de 45 minutos e que é descrito, no site da RTP, como uma “série semanal na Antena 1, com Nuno Encarnação, Jaime Mourão-Ferreira e Telmo Correia a vestirem a camisola do seu clube. Uma tertúlia que entra em campo após a jornada futebolística, com arbitragem do jornalista Tiago Alves”. À sexta-feira, ao 12h15, entra em cena Paulo Sérgio no programa “Túnel de Acesso”, que juntamente com os comentadores da Antena 1, Luís Cristóvão, Manuel Queiroz, Vítor Martins e José Nunes, faz uma antevisão da jornada do fim de semana, com destaque para o jogo principal. O programa tem a duração de cerca de 15 minutos.

Todos os programas referidos, desde o “Jornal de Desporto” até ao “Túnel de Acesso” são posteriormente disponibilizados, em formato *podcast*, na plataforma *Spotify*. De referir ainda que, no que toca à utilização das redes sociais digitais, apenas se verifica o recurso a estas plataformas por parte do “Jornal de Desporto”, que publica no *Twitter*, antes de cada edição, os principais tópicos que vão ser abordados.

Já no que diz respeito ao relato, a sua presença na grelha da Antena 1 varia consoante os jogos que decorrem durante a semana, uma vez que desde 2020, com o fim do programa “Tarde Desportiva”, que não existe em grelha um espaço apenas dedicado ao relato. Em dia de jogo, a emissão “Especial de Desporto”, que faz a cobertura da partida com relato, dura cerca de duas horas e meia, caso seja narrado apenas um jogo.

Em relação à articulação do relato com as redes sociais, a Antena 1 limita-se a anunciar na sua página de *Facebook* a hora do jogo com um link, que redireciona o leitor para a emissão online em direto da estação. A interação com os ouvintes fica a cargo dos próprios jornalistas, que nas suas redes sociais publicam, geralmente, uma foto no estádio onde se encontram, anunciando também eles o relato.

Com o final das partidas, o relato fica esquecido, uma vez que não existe nenhuma estratégia para promover os conteúdos, por exemplo com a recuperação dos momentos mais importantes ou dos golos. Acabam por ser os próprios seguidores da estação que, em determinados momentos, fazem vídeos a destacar excertos do relato, publicando os mesmos no *YouTube*.

Apesar do crescimento dos sites de redes sociais e do conjunto de potencialidades destas novas plataformas, que podem ser utilizadas, por exemplo, para a conquista de novos ouvintes, a verdade é que no caso da Antena 1, e em particular no que diz respeito ao

relato desportivo, pouco tem sido feito para explorar o seu potencial. No entanto, quem utiliza estas plataformas para obter ouvintes são os próprios relatores, como Nuno Matos, que, como referimos anteriormente, ultrapassa facilmente as mil interações por cada publicação na sua página de *Facebook*. Não existindo uma estratégia por parte da estação, verifica-se que são os próprios relatores que procuram aproveitar as plataformas para promover a sua atividade, o que pode acabar por beneficiar a própria rádio. Por outro lado, as rádios continuam a precisar dos ouvintes em antena, o que significa dizer que uma maior aposta nas redes sociais digitais podiam eventualmente afastar alguns ouvintes. No fundo é necessário pensar numa estratégia que permita fidelizar ouvintes, mas ao mesmo tempo captar novos públicos, que se encontram longe das emissões tradicionais e privilegiam outro tipo de plataformas e consumo.

Parte II
Investigação Empírica

Capítulo 3. A metodologia e o desenho de investigação

Depois de na primeira parte do trabalho nos termos dedicado ao enquadramento teórico do tema deste relatório, com uma abordagem sobre o início do jornalismo desportivo, mas sobretudo do relato desportivo, nesta segunda parte centramos a nossa atenção no estágio que realizámos e na informação que recolhemos durante esse período. Mas antes de iniciarmos este primeiro capítulo da segunda parte, dedicado a explicar de forma resumida os procedimentos da investigação, importa lembrar algumas das dificuldades que sentimos, na primeira parte, em grande medida pela escassez de bibliografia sobre o relato desportivo. Neste sentido, acreditamos que a segunda parte deste relatório é determinante para se perceber o percurso que decidimos realizar, que teve no estágio realizado na Antena 1 o momento mais importante, não apenas pela experiência que nos permitiu obter, mas também pelas informações a que tivemos acesso.

Assim, iniciamos esta segunda parte do relatório com um capítulo dedicado às questões metodológicas, onde procuramos apresentar o problema de investigação e as hipóteses, mas também as técnicas de recolha de dados utilizadas, durante o estágio, para recolhermos o máximo de informação possível. Encerramos o capítulo realçando a importância do estágio no processo de recolha de dados, mas também salientando como as atividades realizadas nos permitiram conhecer melhor não apenas a Antena 1, mas toda a cobertura desportiva realizada pela estação.

3.1 O problema e os objetivos de investigação

Esta dissertação teve como principal objetivo traçar um perfil dos profissionais do relato radiofónico, considerando em particular os relatores dos jogos de futebol, desporto que continua a ser dominante em termos de relato na rádio. Não sendo possível, num trabalho desta natureza, analisar a atividade dos profissionais de todas as rádios, centrámos a nossa atenção na rádio pública, observando em particular o desempenho desta atividade jornalística na Antena 1.

Neste contexto, a investigação realizada assume-me como um estudo de caso, uma vez que, como refere Coutinho (2015), “o plano de investigação envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: “o caso” (p. 355). Neste relatório o caso é precisamente a Antena 1 e os profissionais que realizam relato desportivo nesta rádio.

Por outro lado, apesar do reiterado anúncio da morte da rádio, verificamos que esta tem conseguido dar resposta aos diferentes desafios, adaptando-se permanentemente. No entanto, apesar de toda a resiliência já mostrada, não podemos ignorar que a conquista de novos ouvintes, sobretudo entre os mais novos, continua a desafiar o meio radiofónico. Esses desafios, em particular no que diz respeito ao relato desportivo, constituem também outro dos objetivos deste relatório, na medida em que tentamos perceber qual pode ser o futuro desta atividade, desde logo, na estação pública.

Por outro lado, o relato desportivo radiofónico enfrenta hoje novos desafios, nomeadamente com a proliferação dos jogos transmitidos na televisão e em modernas plataformas, como o *MyCujoo*, ou através de diretos no *Facebook*. É por isso que procuramos também perceber que passos têm sido dados para fazer face a estes novos cenários, sabendo que o relato desportivo radiofónico, envolvendo a deslocação de profissionais para os recintos desportivos, é ainda uma atividade com custos consideráveis.

É neste contexto, que outra das questões que exploramos neste trabalho passa pela análise da sustentabilidade. Procuramos assim avaliar se os profissionais consideram que esta atividade é sustentável, do ponto de vista dos recursos humanos e materiais e, necessariamente, no que diz também respeito às audiências. Apesar de a rádio analisada ser pública, e a questão das audiências não ser determinante, já a gestão dos recursos humanos é algo particularmente importante, considerando a idade dos atuais relatores da estação.

Por fim, consideramos também as mudanças que se verificaram na grelha de programação da rádio pública portuguesa, centrando a nossa atenção na extinção do programa Tarde Desportiva e no impacto que essa decisão teve na fidelização de ouvintes. Olhando para a aposta que alguns projetos têm feito no digital, indagamos ainda sobre a possibilidade das novas plataformas online poderem servir para o lançamento de novos programas e/ou conteúdos relacionados com o relato desportivo, e em particular sobre a sua capacidade para atrair novos públicos.

3.2 As técnicas e ferramentas de recolha de dados

Para a elaboração deste relatório, que se enquadra em termos metodológicos, como tivemos oportunidade de referir, no âmbito das metodologias qualitativas, funcionando como um estudo de caso, optámos por escolher a observação, o diário de bordo e as entrevistas enquanto técnicas para a recolha de dados. Durante o estágio realizámos

observação participante, uma vez que estivemos diretamente envolvidos na recolha de informação e na produção de conteúdos para os noticiários desportivos. O resultado de toda essa observação consta do diário de bordo elaborado. Complementámos esta recolha com a realização de entrevistas junto dos profissionais que integram a equipa responsável pelo relato desportivo na Antena 1 em Lisboa.

3.2.1 A observação participante e o diário de bordo

A observação participante e o diário de bordo foram duas das técnicas de recolha de dados a que recorremos nesta investigação, uma vez que entendemos que seriam estas que nos permitiriam mais facilmente alcançar os objetivos inicialmente estabelecidos. No caso da observação participante, a opção por esta técnica prendeu-se com o facto de ela permitir “documentar atividades, comportamentos e características físicas sem ter de depender da vontade e capacidade de terceiras pessoas” (Coutinho, 2015, p. 136).

Na observação participante o principal instrumento de recolha de dados é o próprio investigador e a sua interpretação (Correia, 2009). No entanto, importa realçar que a observação participante não é, por norma, uma técnica de investigação utilizada de forma isolada, sendo na maioria dos casos complementada “com a entrevista semi-estruturada ou livre” (Correia, 2009, p.31).

A observação participante é considerada uma metodologia de investigação apropriada para ser utilizada em estudos exploratórios, descritivos e/ou que visam a generalização de teorias interpretativas (Mónico et al., 2017, p. 726). Através desta técnica o investigador procura integrar-se entre os elementos que pretende estudar, de modo a estar numa posição de privilégio no que toca à obtenção de informações que de outra forma não seriam possíveis. Neste sentido, ela funciona como “uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move” (Mónico et al., 2017, p. 727).

Quivy e Campenhoudt (1998) referem-se às técnicas de observação direta, campo no qual fazem uma distinção entre observação participante e não participante, considerando que estes são “os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (1998, p.196). Os autores realçam ainda a importância que adquire o facto de o investigador pode presenciar ações e comportamentos, e dessa forma recolher informações a que não teria acesso através de outras técnicas qualitativas como a entrevista.

A observação participante foi considerada nesta investigação tendo em conta o estágio realizado e nesse sentido podemos dizer que ela foi estruturada, ou seja, quando iniciámos o estágio já sabíamos quais as dimensões que pretendíamos observar e registar. No entanto, podemos também dizer que existiu sempre abertura para registar novas dimensões, fazendo com que o procedimento adotado possa também ser considerado como observação não estruturada. É neste contexto que surge o diário de bordo, enquanto “instrumento onde o investigador vai registando as notas retiradas das suas observações no campo” (Coutinho, 2015, p. 341). Nas palavras de Bogdan e Biklen (1994), nesse diário o investigador faz um “relato escrito daquilo que ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 341). Foi precisamente esta a estratégia que adotamos, uma vez que no diário de bordo foram registadas todas as tarefas realizadas ao longo dos três meses de estágio, como veremos mais à frente neste relatório.

3.2.2 As entrevistas enquanto instrumento de recolha de dados

Como tivemos oportunidade de referir, a recolha de dados foi complementada, no âmbito do estudo de caso, com a realização de entrevista aos profissionais do relato desportivo da Antena 1. Enquanto técnica de cariz qualitativo, as entrevistas foram fundamentais nesta investigação, uma vez que elas são sobretudo adequadas para obter informações sobre o que “as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações a respeito das coisas precedentes” (Selltiz, 1967 apud Gil, 2008, p.109).

As entrevistas são particularmente importantes no âmbito dos estudos de caso, uma vez que através delas é possível “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). Foi precisamente com este objetivo que recorreremos a esta técnica, uma vez que a interação entre entrevistado e investigador também era importante para este trabalho.

Existem diferentes tipos de entrevistas, com níveis de organização e estruturas distintas. De acordo com Patton (2002), podemos falar sobretudo de três tipos de entrevistas. Num primeiro nível teríamos as menos estruturadas, muitas vezes chamadas de abertas, em que não o investigador não leva consigo um guião, mas acaba por colocar as questões em função do próprio contexto, na linha das próprias observações que realiza (Coutinho, 2015). Num segundo nível teríamos as entrevistas estruturadas, “constituídas por um conjunto de respostas fixas e pré-determinadas, à semelhança de um questionário”

(Patton 2002 apud Coutinho, 2015, p. 141). No nível intermédio teríamos as entrevistas semi-estruturadas, que apresentam algum nível de estruturação, ou seja, não seriam nem totalmente abertas, nem completamente fechadas. O investigador prepara um guião, que orienta a entrevista, mas não fica preso a este, nem fecha demasiado as perguntas, para que o entrevistado não se sinta limitado nas suas respostas.

Há ainda outros autores, como Taylor e Bogdan (1998), que destacam as entrevistas em profundidade, considerando que estas resultam de vários encontros presenciais entre o entrevistador e os entrevistados e apostam “(...) na compreensão das perspetivas destes sobre as suas vidas, experiências ou situações, expressas com as suas próprias palavras (1998, p. 77 cit. In Coutinho, 2015, p. 141).

No caso desta investigação, considerando que as entrevistas foram realizadas na sequência do estágio realizado, o que procurámos fazer foi precisamente uma abordagem que nos aproximasse das entrevistas em profundidade, mas ao mesmo tempo considerando que usamos um guião, seguimos um modelo semi-estruturado de entrevistas.

Neste sentido, começámos por elaborar um guião com quinze perguntas (ver Anexo II), que dividimos em grupos, tendo em conta os objetivos que procurávamos alcançar. As primeiras cinco perguntas procuravam recolher dados que permitissem efetuar uma breve caracterização dos entrevistados, destacando-se, neste contexto, as informações sobre a experiência profissional dos entrevistados, a ligação ao desporto e em particular à Antena 1.

No segundo grupo de questões, a que chamámos “O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio”, colocámos novamente cinco questões, através das quais procurámos explorar a forma como cada um dos entrevistados entendia o relato desportivo, mas ao mesmo tempo questionar os profissionais sobre os limites desta atividade e ainda sobre a sua importância para o meio radiofónico.

No terceiro e último grupo de questões, concentrámo-nos sobretudo em explorar os “Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico”, ou seja, tentámos perceber como é que os entrevistados veem o futuro da atividade, tendo em conta que as novas tecnologias abriram novas possibilidades também nesta área e que são cada vez mais as formas de fazer relatos. Neste contexto, explorámos a progressiva digitalização dos conteúdos, mas também as condições de mercado para a entrada de novos profissionais.

Foram realizadas um total de 6 entrevistas aos jornalistas que se encontram diretamente ligados aos relatos dos jogos de futebol, nomeadamente Nuno Matos, José Pedro Pinto e Paulo Sérgio, que desempenham maioritariamente as funções de relatores, sendo que os últimos 2, juntamente com João Gomes Dias, desempenham também a função de coordenador da emissão/pivô. Eduardo Gonçalves e Nuno Perlouro, que também foram entrevistados, assumem no relato desportivo as funções de repórter de pista. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, durante o período em que foi realizado o estágio.

No próximo capítulo apresentamos os principais resultados em relação às entrevistas, ou seja, destacamos as respostas dos profissionais entrevistados, ao mesmo tempo que procuramos estabelecer comparações entre as suas opiniões, para dessa forma tentarmos cumprir com os objetivos que definimos para esta investigação. A exposição dos resultados é feita de acordo com a estrutura que foi definida para o guião.

3.3. O estágio enquanto componente da investigação e ferramenta para a recolha de dados

Para encerrarmos este capítulo, dedicado à apresentação da metodologia e ao desenho da investigação, destacamos a importância de considerar os estágios como momentos que integram a própria investigação, devendo servir não apenas para que o estudante tenha um primeiro contacto com o mercado de trabalho. Do ponto de vista científico é fundamental que os estágios sejam considerados como momentos únicos para a recolha de dados, uma vez que o contacto direto com os objetos e atores que se pretendem estudar, garantem um acesso exclusivo à informação.

É neste contexto que destacamos o estágio realizado, durante três meses, junto da equipa de Desporto da Antena 1. Para além de toda a experiência profissional que o estágio permitiu, realçamos a observação participante realizada, a partir da qual se elaborou um diário de bordo, mas também as entrevistas realizadas com os profissionais. No capítulo dedicado à apresentação dos dados, damos conta de toda a informação que foi possível recolher com cada uma ferramentas, mas destacamos também todas as atividades realizadas durante o estágio.

Procuramos desta forma demonstrar que durante o período em que estivemos na Antena 1 desenvolvemos um conjunto de atividades no âmbito do jornalismo desportivo, ao mesmo tempo que procurámos sempre recolher informação que nos permitisse realizar o presente relatório. Esta articulação, entre a componente mais profissional e a dimensão mais académica ou científica, que nem sempre é possível nos estágios, é determinante para a

investigação, porque permite conhecer e compreender a profissão de forma mais abrangente.

Capítulo 4. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo apresentamos os principais resultados da investigação, iniciando a exposição com a apresentação dos dados resultantes da observação participante. Como tivemos oportunidade de referir, durante o estágio que realizámos na Antena 1, optámos por criar um diário de bordo, no qual registámos todas as atividades realizadas. Antes de dar a conhecer essas atividades apresentaremos de forma sucinta o local de estágio e todo o processo de integração.

Num segundo momento apresentamos os dados relativos às entrevistas efetuadas com os jornalistas da secção de desporto diretamente ligados ao relato desportivo. Na exposição dos resultados vamos seguir, como referimos, a mesma estrutura que adotámos no guião, apresentado as respostas em função de cada um dos grupos de questões.

4.1. Descrição e caracterização do local de estágio

A 1 de outubro de 2020 iniciou-se o estágio curricular de três meses na RTP Lisboa, situada na Avenida Marechal Gomes da Costa, junto ao Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. O estágio foi realizado na Antena 1, emissora de radiodifusão do Grupo RTP – Rádio e Televisão de Portugal, e mais concretamente na secção de Desporto.

O acompanhamento do estágio teve a tutoria da Diretora-Adjunta Maria José Fernandes, à qual fui apresentado no primeiro dia, quinta-feira, 1 de outubro de 2020. Definimos desde o princípio que iria integrar a equipa de Desporto, tendo em conta o tema da dissertação, mas também a experiência profissional já adquirida noutros órgãos de comunicação social, nomeadamente regionais.

Após a primeira reunião com a tutora, fui apresentado à equipa composta por Paulo Sérgio, Diretor-Adjunto da Antena 1 com os pelouros do desporto e antenas internacionais; Alexandra Alho, produtora dos programas “Jornal de Desporto” e das emissões dos jogos de futebol; e os jornalistas David Carvalho, Eduardo Gonçalves, João Gomes Dias, José Carlos Lopes, José Pedro Pinto, Nuno Matos e Nuno Perlouro. De referir ainda que durante o estágio contactei também, ainda que telefonicamente, e para

fins edição jornalística, com os jornalistas Cláudia Martins, Fernando Eurico e Ricardo Pinheiro, que desenvolvem a sua atividade na Antena 1 Porto.

A redação do desporto da Antena 1 fica no 3º piso do edifício principal da RTP Lisboa. Esta equipa acaba por trabalhar num canto à parte das restantes. É um canto só deles junto à porta que dá para as escadas de emergência nas traseiras do edifício.

Nesse canto, o desporto tem tudo o que precisa para ser uma equipa praticamente independente das restantes. Ao seu dispor tem 11 computadores, 9 dos quais destinados ao trabalho de edição, cada um deles atribuído a um jornalista. Os restantes dois são os chamados “computadores de gravação”. São utilizados para a gravação de entrevistas por telefone e gravação de sons a partir da televisão.

Os 9 computadores de edição dividem-se em dois blocos de mesas. À chegada, do lado esquerdo está o primeiro bloco onde se sentam, por norma, José Carlos Lopes e Nuno Perlouro de um lado, Nuno Matos e David Carvalho do outro. No segundo bloco, Eduardo Gonçalves e José Pedro Pinto de frente para a TV, Alexandra Alho na lateral das mesas, e no lado oposto encontram-se os lugares de João Gomes Dias e Paulo Sérgio. Durante o período do estágio acabei por utilizar diferentes postos de trabalho, em função das funções que me foram atribuídas. Importa também destacar que logo no primeiro dia me foi criado um ID de utilizador para que pudesse guardar todos os trabalhos realizados no servidor dedicado para o efeito.

Sem surpresas, o desporto está sempre presente em todos os momentos de trabalho desta secção. A televisão está, predominantemente, sintonizada na Sport TV +, ou no Canal 11. Por vezes, à espera de algo em especial na Benfica TV, Sporting TV e Porto Canal. Nas paredes encontramos *posters* que recordam a conquista do Euro 2016, bem como outros de vencedores de Campeonatos e de Taças de Portugal. No canto, junto à televisão, encontramos um enorme troféu, coberto com dois cachecóis. Nas paredes juntam-se diplomas de agradecimentos à Antena 1 pelo seu trabalho na cobertura do desporto português.

No segundo andar do edifício localizam-se os estúdios de rádio, tanto os de edição como os de emissão e as respetivas régies. Apesar de na redação de desporto existir todo o material necessário para proceder às gravações, os jornalistas do desportodão primazia, sempre que possível, à gravação nos estúdios do piso 2, garantido assim uma melhor qualidade de som. É também neste piso que se situa o principal estúdio de emissão da Antena 1, munido de 4 televisões, 2 computadores à disposição do pivot e ainda um terceiro que costuma ser

utilizado pelos jornalistas para as edições dos noticiários. Durante o meu período de estágio, a Antena 1 inaugurou ainda um segundo estúdio de emissão, com maior capacidade e dotado de um conjunto equipamentos mais modernos.

4.2. Apresentação das atividades realizadas no âmbito do estágio

O primeiro dia arrancou e terminou com as apresentações, ficando definido que regressaria no dia seguinte, pelas 10h, para começar a aprender a trabalhar com os programas utilizados para edição radiofónica pela Antena 1, nomeadamente o *ANPS* e o *DaletPlus*, e compreender os horários do “Jornal de Desporto”. A manhã começa às 7h30, com edições em síntese, com cerca de 5 minutos, de hora em hora até às 9h30, que culminam com o jornal que é feito em direto às 12h30 e com duração de cerca de 15 minutos. Mais recentemente, os editores do desporto começaram a realizar aquilo a que chamam de “síntese da síntese”, às 8h15 e às 9h15. À tarde, a primeira síntese realiza-se às 16h30 e a segunda às 17h30. O “Jornal de Desporto” é emitido às 18h30.

A primeira semana de estágio foi essencialmente de adaptação, tendo procurado estabelecer amizades com os jornalistas e aprender a distinguir alguns elementos fundamentais em termos de informação. No entanto, utilizando a experiência que trazia da Rádio Clube da Covilhã (RCC), comecei logo nos primeiros dias a escrever breves para os editores e a sugerir temas para notícias. Na sequência da iniciativa que demonstrei, tive oportunidade de, no terceiro dia de estágio, data em que se assinalava o feriado do 5 de outubro, e em que encerrava o mercado de transferências no futebol, participar, juntamente com Nuno Matos e João Gomes Dias, na realização do “Jornal de Desporto”.

Até ao fim do primeiro mês de estágio, foi-me atribuída a tarefa de acompanhar as etapas do *Giro d'Itália* e em particular as prestações dos dois portugueses em competição (Rúben Guerreiro, vencedor da camisola azul de Montanha; e João Almeida que esteve 15 dias com a camisola rosa, de líder da classificação). No fim de cada etapa, o objetivo era rapidamente encontrar, gravar, cortar e traduzir as entrevistas rápidas dos ciclistas portugueses para que estivessem disponíveis nos “Jornais de Desporto”. Durante a restante parte do dia, a minha tarefa passaria por encontrar temas ou sons que tivessem interesse para o programa, bem como aproveitar para aprender mais junto dos profissionais da Antena 1.

Os editores perceberam, desde cedo, os meus interesses pelo automobilismo, nomeadamente pela Fórmula 1 e pelo Moto GP e estimularam o seu desenvolvimento em

termos profissionais. Ao 14º dia de estágio realizei então a minha primeira entrevista. Atribuída pelo editor José Pedro Pinto, entrevistei o Diretor do Autódromo Internacional do Algarve sobre o Grande Prémio de Portugal da Fórmula 1.

Ainda neste primeiro mês acompanhei a coordenação de João Gomes Dias na emissão de desporto que acompanhou os jogos entre o Lech Poznan e o Sport Lisboa e Benfica, mas também entreo Sporting Clube de Braga e o AEK Atenas, tendo cortado os meus primeiros sons em direto, nomeadamente as declarações de Jorge Jesus após a vitória dos encarnados na Polónia.

Às sextas-feiras tornou-se também hábito acompanhar os treinos livres da Fórmula 1 e do Moto GP, com especial enfoque em Miguel Oliveira. Com o fim do *Giro d'Italia*, acompanhei também a *Vuelta a España*, onde participaram vários portugueses.

Ainda antes do fim do primeiro mês, outubro, entrevistei o presidente da Federação Portuguesa de Voleibol, Vicente Araújo, sobre a decisão do Governo de suspender as competições não profissionais e a resposta das Federações. Já mais familiarizado com o programa *DaletPlus*, o qual utilizava de forma intercalada com o *Audacity*, realizei ainda os cortes de sons de várias personalidades do desporto, entre os quais Sérgio Conceição, treinador do Futebol Clube do Porto; Pedro Gonçalves, jogador do Sporting Clube de Portugal; Miguel Oliveira, motociclista português no *MotoGP*; Adrien Silva, jogador da seleção nacional; *David Coulthard*, ex-piloto de Formula 1 e embaixador do Grande Prémio de Portugal; Sá Pinto, a propósito da sua passagem enquanto treinador do Vasco da Gama; e *Chase Carey*, CEO da Fórmula 1, entre outros.

Utilizei este tempo também para encetar contactos com vista à realização das entrevistas necessárias para o desenvolvimento da dissertação, as quais foram realizadas mais tarde e cujos resultados apresentaremos no decorrer deste relatório. Procedi ainda, a pedido de Paulo Sérgio, à gravação de peças para sua posterior avaliação.

No início do segundo mês, novembro, já me sentia como fazendo parte da equipa, ajudandoem todas as atividades que me eram solicitadas. Novembro iniciou-se com a entrevista ao presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, Jorge Vieira, sobre a sua reeleição para um último mandato à frente da Federação. Neste segundo mês aumentou também o volume de entrevistas sobre as mais variadas temáticas.

Conversei então com António Marques, presidente da Assembleia Geral da SAD do Sporting de Braga, sobre a ascensão dos guerreiros, na altura, à terceira posição do campeonato; entrevistei Manuel José, jogador de futebol, sobre o bom arranque de Diogo

Jota no Liverpool; falei com João Rodrigues, presidente da SAD do Farense, sobre o regresso dos leões ao seu estádio; conversei com Lúcio Correia, especialista em direito desportivo; entrevistei Pedro Moura, sobre a reeleição como presidente da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa; questionei José Carvalho Araújo, à data treinador do Olhanense, sobre a carreira de David Carmo, Pedro Neto, Francisco Moura e Trincão, jogadores que orientou nos juniores do Braga; entrevistei Quim Machado, treinador de futebol, sobre a estreia de Domingos Duarte na seleção portuguesa; e falei com Jorge Costa, ex-internacional pela seleção portuguesa e campeão da Europa pelo Futebol Clube do Porto, sobre o jogo dos dragões em Marselha, no âmbito da Liga dos Campeões.

Como escrevi anteriormente, senti confiança por parte dos profissionais da Antena 1, que progressivamente me foram entregando mais tarefas, entre as quais se destacam a possibilidade de realizar entrevistas a diferentes personalidades. Ainda durante o mês de novembro tive oportunidade de realizar duas entrevistas que considere particularmente importantes, como aquele que fiz junto de Jorge Viegas, português que preside a Federação Internacional de Motociclismo, e a que realizei a Manuel Marinheiro, Presidente da Federação de Motociclismo de Portugal. Falei com ambos sobre a realização do Grande Prémio de Portugal de MotoGP, cujo troféu do primeiro lugar ficaria em solo luso após a vitória de Miguel Oliveira ao volante de uma Tech3.

No entanto, nem tudo correu bem durante este processo, uma vez que acabaria por não conseguir realizar quatro entrevistas que me foram pedidas, pelo facto de não ter conseguido estabelecer contacto com os entrevistados. De salientar que para todas as entrevistas realizadas, os contactos telefónicos foram-me cedidos pelos restantes jornalistas e que foi dessa forma, por chamada telefónica, que as entrevistas foram realizadas, considerando também o atual contexto de pandemia.

À semelhança do primeiro mês, procedi também ao corte de sons de personalidades, desta vez já com mais autonomia, sugerindo a sua utilização e não apenas na sequência de pedidos que me foram feitos. Assim, procedi à edição de sons de: Abel Ferreira, treinador do Palmeiras; Pep Guardiola, treinador do *Manchester City*; Pauleta, jogadora de futebol feminino do Benfica; Manuel Matz, treinador de Voleibol do Benfica; Petit, treinador da B SAD; Pepa, treinador do Paços de Ferreira; Nelson Oliveira, ciclista português presente na Volta à Espanha; Pedro Carvalho, lutador de MMA; *Sir Lewis Hamilton*, heptacampeão mundial de Formula 1; Gabriel Mendes, selecionador nacional de ciclismo; Fernando Santos, selecionador nacional de futebol; Rúben Dias, jogador de futebol; Luís Andrade, treinador de futebol feminino do Benfica; Carmo Ezpeleta, CEO da Dorna Sports, organizadora do MotoGP; *James Tavernier*, jogador do Rangers; Nuno Dias e Joel Rocha,

treinadores de futsal de Sporting e Benfica; e ainda *Romain Grosjean*, piloto de Fórmula 1, na sequência do acidente no Bahrein. Infelizmente, neste segundo mês, estava também na Antena 1 quando foram noticiadas as mortes de Reinaldo Teles e de Diego Armando Maradona, no dia 25 de novembro.

No fim deste segundo mês de estágio realizei ainda a primeira entrevista tendo em vista a concretização do relatório de estágio, neste caso ao jornalista José Pedro Pinto que, no relato desportivo, desempenha as funções de relator e, atualmente, de coordenador. José Pedro Pinto que é o mais recente membro da equipa de desporto da Antena 1, tendo entrado no mesmo dia que eu, a 1 de outubro, depois de vários anos na Rádio Renascença (RR).

O terceiro, e último mês do estágio, dezembro, foi em tudo idêntico ao segundo mês com a realização de várias entrevistas, acompanhamento da Fórmula 1 e colaboração com os “Jornais de Desporto”. A primeira entrevista realizada neste mês foi a Manuel Cajuda, treinador de futebol, seguida de Agostinho Oliveira, ex-dirigente do Sporting de Braga, sobre o jogo cem dos “Guerreiros” nas competições europeias. Entrevistei ainda António Conceição, selecionador nacional dos Camarões, sobre o episódio de racismo com *Webó*; Júlio Ferreira, campeão europeu de *Taekwondo*; Ribeiro e Castro, ex-dirigente do Sport Lisboa e Benfica, sobre o desempenho dos encarnados nas competições europeias; João Rodrigues, presidente da SAD do Farense, desta feita sobre jogo com o Sporting; Alexandre Faria, presidente do Estoril, por duas vezes, uma sobre jogo em Braga para a Taça da Liga e uma segunda sobre o bom desempenho do Estoril na Segunda Liga, à data, 31 de dezembro, líder do campeonato; Hélder Cristóvão, treinador de futebol, sobre o clássico entre o Futebol Clube do Porto e o Sport Lisboa e Benfica para a Supertaça; Gaspar Ramos, ex-dirigente do Benfica, sobre as dificuldades das águias; Carlos Amado da Silva, presidente da Federação Portuguesa de Râguebi, sobre a possibilidade de suspensão das competições; e José Sousa, comentador e treinador de futebol, sobre a saída de *Oleg Reabciuk* do Paços de Ferreira;

Tendo em vista o relatório de estágio, realizei, neste último mês, as restantes entrevistas aos jornalistas da Antena 1 Desporto, pela seguinte ordem: João Gomes Dias, Nuno Perlouro, Eduardo Gonçalves, Nuno Matos e Paulo Sérgio.

Com todas as entrevistas que fui realizando, e guardando para memória futura, escrevi, gravei e editei peças para avaliação de Paulo Sérgio, que me foi transmitindo o seu *feedback*, maioritariamente positivo e com o qual fui crescendo, não só como jornalista, mas também como relator, pois o diretor, além das peças, escutou também vários dos

relatos que fui realizando para a Rádio Clube da Covilhã (RCC) enquanto estagiava na Antena 1, nomeadamente os jogos do Sporting da Covilhã frente ao Caldas, para a Taça de Portugal; frente ao Vilafranquense e frente ao Casa Pia; e ainda o jogo de futsal entre o Grupo Desportivo da Mata e o Domus Nostra.

Em suma, ao longo dos três meses de estágio realizei um total de vinte e cinco entrevistas e gravei cerca de vinte e três peças jornalísticas, sendo a maioria constituída por um conjunto de notícias. A pasta pessoal que me foi atribuída no *DaletPlus*, sistema de tratamento de áudios utilizado pela RTP, no fim do último dia do estágio, 31 de dezembro, registava cerca de 400 sons cortados para utilização nos programas do “Jornal de Desporto” da Antena 1.

De referir também que, face ao contexto pandémico, não foi possível sair em reportagens para o exterior, devido às limitações impostas sobre o número de pessoas nas cabines de imprensa dos estádios. Realizei apenas uma reportagem externa, para a qual me ofereci, tendo sido enviado sozinho pela Antena 1 para o Estádio Nacional do Jamor, para acompanhar o jogo entre o Olímpico do Montijo e o Sporting de Braga, para a Taça de Portugal. A experiência permitiu que tivesse, pela primeira e única vez, contacto com o equipamento de reportagens de exteriores da Antena 1, o *Quantum Lite*.

Este é o único ponto a lamentar nestes três meses de estágio. O facto de a pandemia não ter permitido adquirir mais experiência no trabalho de exteriores, nomeadamente com a realização de reportagens nos estádios e em conferências de imprensa.

4.3. Os profissionais e as técnicas do relato desportivo no meio radiofónico

Depois de no ponto anterior termos descrito, de forma sucinta, as principais atividades desenvolvidas durante o estágio, avançamos com a apresentação dos aspetos mais importantes das respostas dos jornalistas entrevistados, encontrando-se a transcrição da totalidade das entrevistas nos anexos. Importa lembrar que foram entrevistados seis profissionais: Eduardo Gonçalves, João Gomes Dias, José Pedro Pinto, Nuno Matos, Nuno Perlouro e Paulo Sérgio. Neste primeiro momento dedicado à apresentação dos resultados das entrevistas, procuramos sobretudo caracterizar os profissionais, mas também obter uma primeira perceção sobre o relato desportivo.

Eduardo Gonçalves e Nuno Perlouro são os elementos que mais comumente escutamos como repórteres de pista. João Gomes Dias, apesar de também passar pela pista, costuma

marcar presença, com maior frequência, na coordenação das emissões. Paulo Sérgio e José Pedro Pinto alternam o seu trabalho nas emissões desportivas entre o relato e a coordenação. Nuno Matos, a voz que marcou o Euro 2016, apenas relata. São estes os elementos que compõem a equipa de desporto da Antena 1 e que neste primeiro ponto, procuram descrever e caracterizar, como referimos, o relato desportivo.

Com 32 anos de idade, José Pedro Pinto chegou em 2020 à Antena 1, depois de vários anos na Rádio Renascença (RR). É o relator mais jovem da Rádio Pública Portuguesa e aborda o relato como uma descrição “de algo que está a acontecer” sem fazer “uma grande distinção entre um relato de um jogo e uma reportagem de um evento”, pois ambos implicam a “descrição”.

Mais experiente, Nuno Matos, de 53 anos e há 28 na Antena 1, refere-se ao relato como “uma arte” e uma atividade com as suas “especificidades”. Para Nuno Matos, na rádio “a voz é tudo” e o objetivo do relato é “transportar as pessoas para o estádio”, referindo, no entanto, que “todos os dias no relato, é como que vender algo às pessoas”.

Ligado ao relato como repórter de pista, ao contrário de José Pedro Pinto e Nuno Matos que desempenham sobretudo atividade enquanto relatores, Eduardo Gonçalves tem 56 anos e na Antena 1 está desde os 21. Para o profissional a caracterização do relato desportivo é feita a partir dos elementos mais básicos. “No fundo as pessoas vão querer saber onde está a bola, com emoção é certo, mas não desviar do essencial”. Eduardo Gonçalves salienta, no entanto, que “não é algo fácil de fazer” e que o principal desafio é “é a preparação”, pois “quando se acrescenta informação, dados” é quando se “conquista o público”.

João Gomes Dias desempenha frequentemente as funções de apresentador das emissões desportivas e, por vezes, a função de repórter de pista. O profissional está na Antena 1 desde os 25 anos e tem 6 anos de casa. Para descrever o relato, João Gomes Dias opta por uma comparação com as demais reportagens, realçando que é “uma descrição de algo que está a acontecer”, mas que, no entanto, “esta descrição tem de ser feita com uma entoação, um ritmo e uma velocidade que não tem paralelo com a maior parte das reportagens”.

Nesta primeira abordagem ao relato desportivo, os profissionais centram sobretudo a sua análise na “descrição” da atividade e também naquela que é a parte técnica do relato. Se neste ponto todos parecem estar de acordo, destacando a importância de conseguir transmitir aos ouvintes o que veem, com o máximo de emoção possível, já no que diz

respeito à classificação da atividade, como informativa ou do campo do entretenimento, as opiniões dividem-se

Eduardo Gonçalves aborda a questão de forma muito direta e objetiva. Para este profissional o relato “tem a tendência de pender mais para o entretenimento (...) embora se dê notícia. (...) Na globalidade, o relato é mais um espetáculo que propriamente um ato jornalístico”. Já Nuno Perlouro discorda desta perspetiva, considerando o relato “um género jornalístico porque a linguagem é muito própria, tal como a velocidade e os termos mais desportivos utilizados”. Também Nuno Matos discorda quanto à tendência do relato para o entretenimento, apesar de se referir este como “uma arte” e um “espetáculo”, entende que em termos de categorização o relato “será sempre informação”, uma vez que se trata de “informar as pessoas, quando a bola vai por cima, por exemplo, quem é o jogador que tem a bola” e sempre sendo “rigoroso, objetivo, independente na análise”, apesar de não descartar que o relato “também tem um pouco de entretenimento”. José Pedro Pinto também partilha desta ideia, considerando que “além de informação tem de ser atrativo e tem uma vertente de entretenimento. Não podemos estar apenas a descrever que o jogador recebe a bola com o pé esquerdo e que movimenta na frente, temos que complementar com vivacidade”.

João Gomes Dias e José Pedro Pinto partilham desta ideia, optando por não fazer uma distinção direta entre jornalismo e entretenimento, mas baseando-se nas características que são intrínsecas ao relato. João Gomes Dias descreve o relato como “algo muito específico” e uma “descrição daquilo que está a acontecer, tal como acontece em outro tipo de reportagens que não estão ligadas ao desporto”, descrição esta que “tem de ser feita com uma entoação, um ritmo e uma velocidade que não tem paralelo com a maior parte das reportagens”. O jornalista refere mesmo que o relato “tem pontos tão particulares que devia ser um género independente dos outros”. Já José Pedro Pinto, frisa a questão de que “o desporto geralmente transporta emoção”.

O Diretor-Adjunto de Informação, Paulo Sérgio, de 53 anos, também integra a equipa de desporto da Antena 1, destacando que o conceito de *infoentretenimento* se pode aplicar ao relato, uma vez que este é um género jornalístico, “porque se recorre a uma série de ferramentas que são de jornalistas de rádio, como a descrição, e quem faz bem descrição é um bom repórter e um bom narrador, apesar de isso ter também as suas valências próprias”. Por outro lado, o profissional destaca que o relato tem “uma componente muito forte de entretenimento que passou a ser mais importante a partir do momento em que todos os jogos dão na televisão e, portanto, quem se limita a fazer só a descrição corre o risco de não ter tantos ouvintes assim”.

Pelas respostas dos entrevistados percebemos que existem entendimentos distintos, apesar de todos considerarem que existem regras do jornalismo que são aplicadas ao relato. No entanto, os profissionais destacam, por outro lado, que para conquistar ouvintes é necessário acrescentar uma outra dimensão ao relato, que não o torne uma simples atividade descritiva. É nesse momento que a dimensão do entretenimento pode entrar, sobretudo tendo em conta a quantidade de conteúdos que atualmente são produzidos e partilhados e que procuram captar a atenção dos leitores, ouvintes e telespectadores.

4.4.A tradição do relato desportivo na rádio e as novas tendências da atividade

Entre os membros da equipa do desporto da Antena 1, a opinião sobre a importância da rádio, no que diz respeito ao relato, é consensual, apesar de os profissionais usarem razões diferentes para definir essa relevância. O jornalista José Pedro Pinto define a importância do relato desportivo devido ao seu “registo histórico no nosso país e nos países de língua latina”, referindo que esta foi “a primeira forma de o futebol chegar a todo o país e a todo o mundo” e que continua a ter “um caráter de aproximação do adepto à sua equipa”.

Esta ideia é reforçada por Paulo Sérgio que, na mesma linha, defende que o relato “continua a ser algo incontornável, faz parte da cultura portuguesa, faz parte da cultura latina”. O Diretor-Adjunto de Informação sublinha a questão enunciada por José Pedro Pinto do “caráter de aproximação”, dizendo que “o futebol, para quem teve a oportunidade de viver fora de Portugal, é algo que liga Portugal à sua diáspora”, acrescentando ainda a importância que o relato tem nas linhas internacionais da RDP África e RDP Internacional.

Também Eduardo Gonçalves aborda a questão dos portugueses que vivem lá fora, afirmando que “as pessoas têm que ter noção que Portugal não é só Continente e Ilhas (...) Existe uma Portugalidade espalhada pelo mundo. São mais, talvez, os que estão fora dos que os que estão dentro, e nessa medida, é muito importante levarmos as emoções do jogo, porque durante 2 horas as pessoas abstraem-se dos seus problemas e estão focadas naquilo”.

Já Nuno Perlouro, apesar de referir também que os relatos desportivos “ainda são fundamentais”, apresenta como principais razões para a sua relevância, a companhia que é a rádio para “muitas pessoas, principalmente as pessoas invisíveis ou que vivem sozinhas”.

Esta ideia também é realçada pelo jornalista João Gomes Dias, que refere a importância da rádio para “pessoas que não podem ver”. “Recebemos muitas mensagens de pessoas invisuais que têm na rádio a sua maior companhia. Para quem tem esse problema a rádio é muito importante”. No entanto, o jornalista de 32 anos aborda ainda a questão da emoção para definir a importância do relato. “Temos a capacidade de transformar o jogo em algo que desperta mais a paixão, ou seja, não deixando de ser o mais objetivo possível, conseguimos transportar a magia da rádio para o relato”, frisa João Gomes Dias.

Para além destas premissas, João Gomes Dias fala ainda sobre a questão do alcance da rádio, salientando que “por muito que a internet e a televisão se vão difundido, ainda não chegam onde a rádio chega”, e é a partir destas palavras que começamos a abordagem sobre as novas tendências que se verificam nesta atividade. Segundo o jornalista de 32 anos, “a rádio continua a ter o seu público, tal como a televisão. Muitas vezes até é um público que vê na televisão, mas gosta de escutar na rádio”. Esta ideia é partilhada por Paulo Sérgio, realçando que “a rádio mantém a sua audiência”, mas que, no entanto, “é mais reduzida do que era aqui há 30 anos”, referindo que quando começou, “havia um jogo por jornada transmitido na televisão. Quando fui para a Sport TV já eram 4 jogos e agora já são todos os jogos da primeira e da segunda liga mais os jogos do Campeonato de Portugal no Canal 11”. Paulo Sérgio remata esta questão afirmando que “o relato em televisão ganhou claramente espaço”.

Por outro lado, João Gomes Dias aborda a questão de forma diferente, comparando a rádio com a televisão e destacando as preferências de quem escuta. “Não tenho dúvidas que se juntarmos 100 pessoas e perguntarmos se preferem uma narração de rádio ou uma de televisão, a esmagadora maioria prefere uma narração de rádio por ser mais apaixonante e trazer mais sentimentos à flor da pele e as pessoas quando escutam vivem o jogo de uma forma que não é tão racional”.

Estas mudanças de paradigma, contudo, não contribuíram para que se produzissem alterações na forma como o relato é realizado. De acordo com José Pedro Pinto “o estilo não muda, a dinâmica não mudou, relata-se hoje como se relatava há 20 anos”, mas, explica, a grande diferença está na “digitalização”. “A diferença abissal é em termos de digitalização. Cada vez temos acesso a mais informação para darmos aos nossos ouvintes e demonstrarmos que sabemos o que estamos a fazer”. A mesma linha de raciocínio é seguida por Eduardo Gonçalves, que afirma que o relato “não sofreu grandes alterações” e que “a digitalização é mais um passo não para destruir, mas para o complementar”. Nuno Perlouro também partilha destas ideias, realçando que “a nível do trabalho não mudou grande coisa, tirando a parte de interação com os nossos ouvintes”.

Paulo Sérgio e Nuno Matos têm opiniões distintas. O Diretor-Adjunto de Informação, e também relator, afirma que a principal diferença que notou foi quando “os jogos passaram a dar todos na televisão”, pois o rigor, “que já era muito grande, aumentou”. Segundo Paulo Sérgio o maior desafio agora é “tentar não se enganar na identificação do jogador”, confessando que agora, quando se engana, “volta atrás para retificar, que era coisa que não fazia quando os jogos não davam tanto (...) Era seguir em frente”. Já o jornalista Nuno Matos recorda que a certa altura “a rádio perdeu um pouco de dinâmica”, mas que a sua geração “conseguiu reinventar as dinâmicas da rádio, que continua a ter outras técnicas e uma energia diferente”. Nuno Matos recorda também o programa “Tarde Desportiva”, que tinha em média “300 mil ouvintes, muito mais que muitos programas de televisão” com a sua génese de “informação desportiva, relato e informações em estádios”. É neste contexto que Nuno Matos acredita que existe uma “aceitação no auditório” em relação ao relato desportivo. Contudo, Nuno Matos também destaca que “não se alterou nada” e que a principal diferença que sente tem apenas que ver com o facto de o seu trabalho “conseguir chegar a muito mais gente devido às novas plataformas”.

O relato desportivo na rádio tem-se mantido, de acordo com os profissionais, praticamente inalterado ao longo do tempo, pelo menos no que diz respeito à forma como é feito. As novas tecnologias e as novas plataformas aumentarem essencialmente as possibilidades de distribuição e trouxeram também novos concorrentes, o que acaba por obrigar a um reforço da exigência e do rigor. Como refere João Gomes Dias, “o essencial continua a ser a pessoa que está a ouvir saber onde está a bola. As plataformas só ajudaram a projetar o relato e a criar proximidade. Hoje, tal como ontem e no dia de amanhã, as pessoas vão continuar a pedir que saibam onde está a bola e o que se passa em campo”. O profissional destaca assim que a essência do relato se mantém e que essa é também a sua força.

4.5. Desafios e oportunidades para o relato desportivo na rádio

O futuro do relato é ainda uma incógnita, tanto no que toca à forma, como ao conteúdo e à difusão. Por um lado, mantém-se o desafio de perceber as vantagens que as novas tecnologias podem introduzir nesta atividade. Por outro lado, a questão do mercado de relatores e a sustentabilidade da atividade não pode deixar de ser discutida. No fim, importa ainda compreender para onde caminha o relato, que futuro terá e, ainda, de que forma é este encarado pelos profissionais do setor.

João Gomes Dias considera que as novas tecnologias são “um meio para a rádio crescer, aproveitando as redes sociais e fazendo uma boa gestão delas para trazer novos ouvintes, sobretudo os mais jovens”. O profissional dá como exemplo a possibilidade de estar a “fazer um relato e estarmos a fazer um live no Facebook e as pessoas interagirem com quem relata” ou, algo já mais utilizado, a “recuperação dos golos, com imagens no Youtube a serem complementadas com a narração da rádio”. Também José Pedro Pinto se refere às novas tecnologias como “um mercado claramente a explorar, que não está devidamente explorado”, realçando que “a rádio ainda tem de encarar isto com uma oportunidade”.

Nuno Perlouro, de 50 anos, aponta as novas tecnologias como “uma oportunidade” e um “meio alternativo” onde podem caber “a transmissão de relatos de equipas mais pequenas”. Como referido acima, todos os entrevistados olham para as novas tecnologias como uma oportunidade, e Paulo Sérgio, de 53 anos, refere as mais valias que “do ponto de vista técnico garantem outras disponibilidades que não tínhamos antigamente e muito mais baratas” e ainda a “possibilidade de aumentar o número de ouvintes que não deixam de estar só ligados à radio linear”. O jornalista Nuno Matos segue a mesma linha de pensamento que Paulo Sérgio, referindo que a rádio pode ser escutada “no telemóvel ou na internet” e, por isso, “as novas plataformas acabaram por ser benéficas”.

Entre oportunidades e desafios, Eduardo Gonçalves, o mais velho da equipa, refere-se às novas tecnologias como “uma preciosa ajuda”, explicando que “a Internet não substitui nada, ela deve ser entendida como uma ferramenta de apoio e de consulta. (...) Não é por existir um site qualquer, que até possa vender o mesmo tipo de produto, que vai roubar o nosso espaço. São ferramentas que se complementam”, sintetiza o jornalista de 56 anos.

Para os jornalistas, as novas tecnologias, nas quais consideram também os sites de redes sociais, são uma mais-valia. Segundo Nuno Matos, que em 2019 num ranking da Cision e da Universidade Católica de Lisboa foi classificado como o sexto jornalista mais influente dos sites de redes sociais, considera que estas plataformas mudaram o protagonismo do jornalista radiofónico: “antes [as pessoas] só ouviam a voz e não conseguiam associar a voz à pessoa, o que criava um certo encanto, mas hoje não. Hoje temos a possibilidade de fazer um relato com direto no Facebook e as pessoas podem estar a ouvir e a ver-te”, refere. Anteriormente neste capítulo, João Gomes Dias já abordara esta questão, no entanto, o jovem jornalista deixa o alerta para o facto de “as redes sociais poderem criar uma questão de protagonismo da pessoa e não do relato e isso é dramático”. O jornalista afirma ainda que o “relator não se pode deixar influenciar pelo mediatismo, porque aí sim podia perder-se o que realmente interessa”.

Nuno Matos admite ainda que nem tudo é positivo, uma vez que hoje o profissional está “muito mais exposto (...) hoje em dia, fazes um relato, gritas um golo e tens um momento feliz, ou infeliz, atenção que a nova plataforma é para o bem e para o mal”. No entanto, o jornalista de 53 anos, deixa um exemplo feliz. “O meu relato do Portugal-Suécia teve milhões de partilhas. O próprio Cristiano Ronaldo já partilhou pelo menos dois relatos meus nas suas páginas de Facebook e Instagram, o alcance que teve foi brutal”.

Deixando a questão das tecnologias e pensado na forma como o relato é feito, e em particular nos desafios que se colocam nesse campo, José Pedro Pinto e Paulo Sérgio dão como exemplo o relato realizado nas rádios espanholas.

Para José Pedro Pinto, “em Espanha, as equipas de relato são tão amplas que o relator praticamente só entra nos momentos de perigo. Há 4 ou 5 comentadores em estúdio, que discordam, comentam, confrontam ideias e isso é muito bom”. Já Paulo Sérgio, afirma que essa abordagem pode ser “uma mais-valia para a rádio e não para a televisão”, dando o exemplo que “enquanto a televisão tem um narrador, um comentador e um repórter, nós conseguimos ter um narrador, um repórter e 3 ou 4 comentadores. Isso vem mudar toda a forma de trabalhar e de fazer relato. (...) É um caminho que os espanhóis já seguem há uns anos e com sucesso”, frisa Paulo Sérgio. José Pedro Pinto afirma ainda que “este é o caminho em que todos temos que entrar”. Apesar de não dar exemplos tão concretos, o jornalista Nuno Matos sublinha a necessidade de “continuar a criar boas dinâmicas, estarmos atualizados, conseguirmos reinventar e criar coisas diferentes para podermos ser fortes nessa concorrência com a televisão”.

Outra questão pertinente no que diz respeito ao relato desportivo no meio radiofónico prende-se com a sua sustentabilidade, em termos dos recursos humanos, técnicos e financeiros. Sobre este tema, o Diretor-Adjunto de Informação da Antena 1, Paulo Sérgio, é o que tem uma opinião mais crítica. Para o profissional, o relato “não é, de todo”, uma atividade sustentável na rádio. Paulo Sérgio explica que “o relato desportivo é a atividade que tem mais custos”, sobretudo numa altura em que “a publicidade está cada vez mais barata” e o mercado “mais esmiçado”, compreendendo, por isso, que as rádios “comerciais” “recorram à TV e façam os jogos no estúdio”.

A posição de Paulo Sérgio em relação às questões financeiras é contrariada, no entanto, pelos restantes entrevistados. João Gomes Dias refere que se chegou a um ponto “em que se põe a viabilidade em causa porque antes é que o caminho era perfeitamente inviável”, e argumenta fazendo a comparação como facto de “antes os relatos custarem muito dinheiro” pois em qualquer país da Europa, “teria que se instalar uma linha telefónica,

fazer a chamada e estar mais de uma hora e meia a realizar essa chamada. (...) Hoje em dia, não existindo *roaming*, e dá para fazer um relato em grandes condições em aparelhos portáteis, em que se coloca um cartão de dados e é extremamente viável”.

José Pedro Pinto vai mais longe, considerando mesmo o relato como “uma das atividades mais sustentáveis”. Como exemplos, José Pedro Pinto refere que “as rádios estabelecem linhas telefónicas de RDIS ou Internet num regime anual junto dos operadores e pagam um valor que permite estarem ligadas 24 sobre 24 horas”. O relato “não tem custos astronómicos, nem pouco mais ou menos”, sublinha.

Nuno Matos encerra a questão sustentando que a Antena 1 “tem um *know-how* e um suporte financeiro como os outros” e que, sendo a rádio pública, “tem de dar uma boa resposta em termos de serviço público e tem de estar onde os outros não podem estar”.

Em relação aos meios técnicos, apesar de se utilizarem ainda alguns equipamentos que começam a ficar desatualizados, como explica Eduardo Gonçalves, a verdade é que continua a ser possível realizar a atividade “com um equipamento que tem mais de 25 anos e funciona”. O profissional realça, no entanto, que a renovação já começou a ser feita na Antena 1.

De acordo com Eduardo Gonçalves, a transição tecnológica está a ser feita e “vai chegar o dia em que vamos levar uma malita só”. Essa “malita”, a que se refere Eduardo Gonçalves, pode ser composta pelos novos *Quantum* que a Antena 1 adquiriu. Equipamentos leves e portáteis que Nuno Perlouro define como algo com que “podemos ir a qualquer parte do mundo e fazer um relato sem meios nem levar técnicos”. Este equipamento, como explica João Gomes Dias, apenas necessita de “um cartão de dados”. Nuno Matos refere-se a estes novos aparelhos como algo que “tem duas mais valias: a capacidade rápida de substituição e uma grande autonomia”.

Já no que diz respeito aos recursos humanos, o Diretor-Adjunto, Paulo Sérgio, considera que este é um dos principais problemas que afetam o relato desportivo. Paulo Sérgio refere que na Antena 1 “todos os que fazemos relato, à exceção do José Pedro Pinto, todos temos mais de 50 anos” o que torna uma “necessidade absoluta proceder à renovação da redação e das pessoas que fazem relato desportivo”.

Paulo Sérgio sublinha ser “absolutamente necessário meter sangue novo” na equipa de desporto, até porque, explica, por vezes “já me custa ir para os estádios”. Eduardo Gonçalves é da mesma opinião. O jornalista de 56 anos vai mesmo mais longe, afirmando que “quando nós começarmos a cair para o lado não vai ser Deus a vir a terra fazer os

programas”. Eduardo Gonçalves refere ainda que a renovação “já devia ter começado” e que, por agora “resta saber se entram 5 ou 6 de uma vez ou se é algo mais faseado”.

No entanto, quando colocada a questão sobre as oportunidades que existem para novos relatores, Paulo Sérgio refere que o principal problema é não existir formação específica para o relato. No entanto, o Diretor-Adjunto de informação da Antena 1 refere que os jovens devem procurar “ouvir e ter algum feedback, refletirem sobre o que estão a fazer, e escolher referências para perceber o que fazem de bom e de mau”. A mesma tendência segue José Pedro Pinto que aconselha a que os mais jovens “aprendam a escutar como as grandes referências fazem, não para copiar, mas para aprender”.

José Pedro Pinto aconselha ainda os jovens a procurar oportunidades para que se possam “mostrar e ter visibilidade” e dá o seu exemplo. “Entrei para a Rádio Clube Matosinhos e comecei a fazer relatos porque o relator adoeceu. Eu estava lá, deram-me oportunidade, aproveitei, mostrei-me, cheguei à RR com mais experiência do que qualquer outra pessoa que saísse diretamente da faculdade e as oportunidades acontecem”. A importância das rádios regionais é também salientada por João Gomes Dias que realça que “essas rádios mais pequenas” podem acabar por “ser o tal berço de relatores de rádios de maior dimensão”. Nuno Perlouro reivindica também a importância das rádios regionais que “desempenham um papel fundamental como uma oportunidade para jovens valores”.

Já Eduardo Gonçalves aposta na formação contínua, afirmando que “não é ficar sentado, é fazer por, é batalhar e insistir, melhorar a sua capacidade”. O jornalista de 56 anos sublinha que “a formação é permanente, ou se tem interesse em aprender ou não se tem”.

Quanto às oportunidades de ingressar no mercado de trabalho, os jornalistas partilham da mesma opinião, destacando as dificuldades para entrar na profissão. Nuno Matos refere que existem “poucas oportunidades” pois “o mercado está muito fechado”. No entanto, o jornalista de 53 anos refere que “ao virar da esquina pode surgir uma oportunidade” e, por isso, é importante “acreditar sempre”.

José Pedro Pinto e Eduardo Gonçalves utilizam a mesma expressão para quantificar o número de oportunidades. “Há sempre oportunidade quando há qualidade”. O jornalista de 32 anos aborda a questão através do seu exemplo e aconselha os jovens a começarem “a aprender a trabalhar assim que percebem que gostam disto. Isso dá experiência e vais aprendendo com os erros”. Já Eduardo Gonçalves utiliza uma expressão de índole futebolística para abordar a questão. “Se uma pessoa for consistente, com 22 ou 23 anos, é

uma pessoa que ainda não está formada em termos profissionais. Isto é como os guarda-redes. Costuma-se dizer que lá por volta dos 30 é que o Guarda-redes está bom”.

João Gomes Dias refere que as oportunidades “existem pontualmente” e que “para chegar a rádios maiores o importante é relatar”, pois “quem decide, fá-lo com base naquilo que escuta e só o faz se quem quiser entrar já relatou”. É nesse sentido que aconselha os jovens a “guardar esses relatos para mostrar a quem poderá ter a capacidade de nos contratar”. Já Paulo Sérgio considera que as oportunidades “têm que existir” face à questão da renovação, pois, segundo ele, “na Antena 1 estamos a chegar ao fim de vida”.

Em relação aos desafios que o relato radiofónico de jogos de futebol vai enfrentar no futuro, Paulo Sérgio considera que o maior desafio passa por “conseguir que as novas gerações ouçam rádio e por maioria de razão os relatos”. De acordo com o Diretor-Adjunto da Antena 1 os “clientes” da rádio “são clientes mais envelhecidos” que “vão desaparecendo e nós ficamos sem clientela”. Também José Pedro Pinto reconhece que “para o alvo da audiência mais jovem” o modelo de relato “pode estar ultrapassado”. Por outro lado, Nuno Matos considera que a rádio deve “criar coisas diferentes” para poder “ser forte nessa concorrência com a televisão”. O jornalista entende que “a rádio tem que manter a paixão, o gosto e pensar sempre para quem estamos a trabalhar, que são os ouvintes”.

Apesar das dificuldades e dos desafios, todos os profissionais entrevistados se mostraram otimistas quanto ao futuro do relato desportivo de um modo geral, e em particular na Antena 1. João Gomes Dias confia nas capacidades dos “novos talentos” para que a rádio e o relato tenham “um futuro extremamente risonho” e encara “com muito otimismo” esse mesmo futuro. Eduardo Gonçalves, também com “muito otimismo” quanto ao futuro, refere que o relato só acabaria “se acabassem os clubes”. Nuno Matos sublinha que “ao contrário do que querem fazer parecer, a rádio está forte, é ouvida e adaptou-se bem. A rádio está pujante”.

Já Paulo Sérgio e José Pedro Pinto consideram que no futuro o relato terá que ser diferente. Paulo Sérgio entende que é preciso “mudar a lógica, e mudar a lógica é ter mais gente em antena, mas para isso precisamos de mais pessoas e mais dinheiro”. No entanto, Paulo Sérgio vê o relato como algo que a “médio prazo vai continuar”, mas “a longo prazo”, “tenho as minhas dúvidas”, refere. José Pedro Pinto aponta também à mudança como o caminho a seguir. “O relato terá de ser algo mais conversado”. No entanto o jornalista defende que não pode “perder a dinâmica e o ritmo, pois podemos ter sempre um relato com um patamar superior em termos de intensidade”.

Para encerrarmos a apresentação dos dados relativos às entrevistas, recuperamos uma das respostas de Nuno Matos, que defende que “hoje a rádio faz parte do imaginário das pessoas e das crianças”. Os profissionais acreditam que apesar de todos os desafios, o momento é também de oportunidades para o meio radiofónico e em particular para o relato desportivo. Entendem por isso que são necessárias mudanças, ao nível das práticas, mas sobretudo uma aposta no rejuvenescimento dos profissionais, que vão acabar por trazer consigo novas ideias e, dessa forma, dar um novo fôlego a esta atividade tão característica da rádio portuguesa.

Considerações finais

Iniciámos esta investigação com o objetivo de perceber se o meio radiofónico, a quem tantas vezes já anunciaram o fim da linha, continuaria a conseguir adaptar-se face aos desafios impostos pelos meios audiovisuais e pela digitalização. Focamos em particular uma das atividades radiofónicas que mais marcou a sua história, o relato desportivo, procurando perceber se, num momento em que assistimos ao esvaziamento das redações, com a redução do número de profissionais, mas também ao envelhecimento dos relatores desportivos, esta atividade poderia estar ameaçada.

Conscientes de que não seria possível respondermos a estas questões sem uma análise profunda do sector, mas sabendo também que esse exercício não cabe no âmbito de uma investigação de Mestrado, pelos prazos que a mesma impõe, selecionamos um órgão de comunicação, um caso particular de estudo, para aí tentarmos encontrar respostas. O presente relatório surgiu assim na sequência do estágio realizado na Antena 1, emissora de radiodifusão do Grupo RTP, onde para além de desenvolver um conjunto de atividades do ponto de vista profissional, tivemos oportunidade de entrevistar os jornalistas responsáveis pelo relato desportivo, numa tentativa de os caracterizar.

A caracterização que procurámos efetuar não tratou simplesmente de identificar os profissionais, mas sobretudo de os caracterizar em termos de práticas profissionais e perceções sobre o presente e o futuro do relato desportivo.

Assim, nas considerações finais deste relatório começamos por destacar a oportunidade que tivemos de integrar, durante três meses, a equipa de Desporto da Antena 1. A observação realizada, a partir da qual elaborámos o diário de bordo, onde registámos todas as atividades desenvolvidas, constituiu um momento de aprendizagem único. Nesse sentido, a primeira consideração que deixamos tem que ver com a importância que o estágio teve para a presente investigação, uma vez que sem ele não teria sido possível contactar com os profissionais do relato desportivo da Antena 1 de forma tão próxima, nem recolher um conjunto tão vasto de dados.

Considerando em particular as entrevistas realizadas, concluímos este relatório com a ideia de que o relato desportivo é uma atividade em que o objetivo principal continua a ser o de descrever o que está a acontecer, de forma pormenorizada, de modo que quem ouça consiga imaginar a ação que está a decorrer em determinado evento desportivo como, por exemplo num jogo de futebol. A essência do relato desportivo continua por isso associada a essa capacidade de transportar o ouvinte, de lhe dar informações sobre o local, a ação, sempre de forma ritmada e cativante, transmitindo-lhe ao mesmo tempo as emoções que sentem todos os que se encontram no local do acontecimento desportivo.

A emoção que os profissionais colocam no relato desportivo faz com que muitos tenham dúvidas sobre o campo em que se deve enquadrar esta atividade. As respostas dos profissionais entrevistados não deixaram dúvidas quanto à importância de considerar esta atividade como integrante do campo jornalístico, só assim faz sentido pensar no relato, enquanto conteúdo que pretende dotar os ouvintes de mais informação. No entanto, verificámos também que a dimensão do entretenimento não pode ser deixada de parte, sob pena do relato se tratar num conteúdo capaz de atrair ouvintes. Essa é precisamente uma das especificidades do relato desportivo, sobretudo na rádio, uma vez que se trata de uma atividade desenvolvida por jornalistas, mas que não pode deixar de lado a emoção, sem a qual será difícil manter a atenção dos ouvintes ou captar novos públicos.

Por outro lado, encerramos esta investigação conhecendo melhor algumas das principais dificuldades que a atividade enfrenta. Neste sentido, tornou-se evidente, pelas respostas obtidas, que entre os principais problemas que se colocam ao relato desportivo, o destaque vai para o poder do audiovisual, e muito particularmente para a capacidade que, nomeadamente os canais de televisão por cabo têm, na transmissão de praticamente todos os jogos dos campeonatos profissionais portugueses.

Outra das conclusões que podemos tirar, a partir da observação realizada e através das repostas dos jornalistas, prende-se com a necessidade, verificada e referida, de modernização, em termos tecnológicos e materiais, mas também a um rejuvenescimento em termos humanos. Verificámos que com exceção de José Pedro Pinto, todos os relatores da rádio pública portuguesa têm mais de 50 anos e percebemos, pelas palavras dos próprios profissionais, que é necessário preparar e integrar uma nova geração de relatores. Já no que diz respeito à dimensão material, a Antena 1 tem procurado acompanhar as principais tendências do setor, verificando-se apenas uma ausência quase total de aproveitamento das potencialidades das novas plataformas, como os sites de redes sociais. O *Facebook*, tal como o *Instagram* e o *Youtube* podem ter um importante papel na revitalização de algumas facetas do relato desportivo e, sobretudo, de acordo com os

profissionais entrevistados, podem representar uma oportunidade para conquistar novos públicos.

Assim, no que diz respeito ao futuro do relato desportivo, e pegando na necessidade, já referida, de renovação da geração de relatores, percebemos que parte do problema está relacionado com o facto de não existir formação adequada para a criação de novos relatores desportivos, mas também, e sobretudo, com o encolhimento das redações, essencialmente devido à redução das receitas publicitárias.

Outro dos desafios que verificámos que a rádio tem de ultrapassar está relacionado com o facto das novas gerações não escutarem rádio e utilizarem mesmo outras plataformas para ouvir o relato de jogos que não podem ver. Uma das características das novas gerações passa por não ouvirem o relato, mas assistirem a um resumo do jogo, ou apenas aos golos no *Youtube*. Estas transformações nos hábitos de consumo mediático preocupam os profissionais entrevistados, uma vez que é preciso encontrar soluções para que o relato desportivo possa continuar a funcionar no meio radiofónico, e isso implica continuar a ter ouvintes.

Encerramos assim o trabalho, com a certeza de que são muitos os desafios que o relato desportivo enfrenta, nomeadamente na estação onde realizámos o estágio, mas que são igualmente muitas as oportunidades ainda por explorar. Acreditamos que conseguimos alcançar os objetivos a que nos propusemos, desde logo compreendendo melhor a forma como os profissionais do relato olham para a sua própria atividade. Foi desta forma que procurámos efetuar a caracterização dos profissionais, não nos limitando a identificá-los, mas tentamos recolher as suas perceções sobre as transformações que se têm feito sentir ao nível da produção e distribuição no campo do relato desportivo, refletindo sobre a necessidade de adotar novas práticas para esta atividade.

Limitações da investigação

Se é verdade que o estágio realizado, bem como a elaboração deste relatório, nos permitiu cumprir os objetivos estipulados inicialmente, não podemos deixar de reconhecer que não existem investigações perfeitas, o que significa dizer que os estudos podem ser sempre, e de alguma forma, limitados, por diferentes fatores. São precisamente algumas dessas limitações que apresentamos de seguida.

Consideramos que uma das principais limitações da investigação esteve relacionada com a dificuldade que sentimos em encontrar bibliografia específica sobre o relato desportivo,

em particular sobre aquele que acontece no meio radiofónico. Essa falta de bibliografia acabou por afetar o desenvolvimento do enquadramento teórico deste relatório, uma vez que fomos obrigados a recorrer, quase sempre, às mesmas referências e autores. Neste sentido, foram também importantes os diferentes relatórios de estágio e dissertações que encontramos sobre esta temática, na medida em que nos permitiram perceber de que forma o assunto tem vindo a ser abordado. A escassez de bibliografia constitui assim uma limitação, que afetou sobretudo a componente teórica do relatório.

A segunda limitação que importa referir está diretamente relacionada com o estágio e, nesse sentido, com a componente empírica da investigação. O facto de o estágio ter sido realizado em plena pandemia não pode ser ignorado, uma vez que todas as atividades desenvolvidas acabaram por ser, de certa forma, afetadas pelas restrições impostas para controlar a propagação do vírus. Destacamos em particular o facto de não termos desenvolvido, como seria normal, qualquer tipo de atividade de exterior. O impedimento de frequentar estádios e eventos desportivos durante a pandemia, não permitiu a participação no processo de transmissão de um jogo de futebol a partir do estádio, com toda a logística e meios técnicos que essa atividade implica.

Por outro lado, o facto de não ser permitido que os estagiários tenham voz na emissão, constitui também uma limitação do ponto de vista da experiência profissional, uma vez que o estagiário está impedido de desempenhar outras funções que não sejam as de apoio às edições de desporto, ou seja, o estagiário acaba por desenvolver um conjunto de atividades de forma quase anónima, o que do ponto de vista da motivação, pode afetar o percurso dos estagiários.

Estas foram as limitações que afetaram o desenvolvimento da investigação de forma mais significativa, por um lado na vertente mais profissional, com uma limitação das atividades realizadas, por outro na vertente mais científica, com problemas ao nível da escassez de trabalhos académicos sobre o tema abordado.

Propostas para investigações futuras

Depois das considerações finais e uma vez definidos os principais limites da investigação, encerramos este relatório com a indicação de algumas linhas de trabalho que nos parecem que podem ser exploradas no futuro, permitindo assim que a temática continue a ser estudada.

Se como verificámos é importante continuar a estudar o relato desportivo, acreditamos que um dos caminhos que pode ser seguido passa necessariamente por tentar mapear o

funcionamento desta atividade nas diferentes emissoras, considerando as suas especificidades. Esta análise, que pode assumir a forma de um estudo de caso múltiplo, vai permitir conhecer melhor o trabalho desenvolvido em cada rádio, nomeadamente nas emissoras TSF e Rádio Renascença (RR), também elas históricas no que toca ao relato desportivo, mas sobretudo estabelecer comparações tendo em conta o futuro da atividade.

Por outro lado, lembrando que o relato, tal como o conhecemos, é uma tradição latina, seria igualmente interessante desenvolver um estudo ibérico e/ou lusófono, que estabelecesse uma comparação entre Portugal, Espanha e Brasil, considerando o entendimento que os profissionais têm desta atividade e explorando a forma como tem vindo a ser trabalhada em diferentes latitudes.

Uma terceira linha de investigação que acreditamos que pode vir a ser explorada no futuro está relacionada com o desenvolvimento de uma comparação entre as audiências de rádios nacionais generalistas com programas da vertente desportiva e os canais de televisão que, por não terem, atualmente, direitos de transmissão dos jogos de futebol, praticam o relato em direto em programas desportivos, como se verifica na CMTV, na TVI 24, na Benfica TV (quando o Sport Lisboa e Benfica joga fora de portas), no Porto Canal e na Sporting TV.

Por último, mas talvez o mais urgente, em termos académicos, mas sobretudo em termos profissionais, prende-se com a elaboração de um manual do relato desportivo feito em Portugal, considerando as características do relato português. Para além de este manual ser importante na definição do que é o relato, numa vertente mais pedagógica, deveria ajudar os profissionais a preparar o relato antes de cada jogo, tendo em conta todo o conjunto de informação necessária para o efeito. Este manual poderia ainda servir de ponto de partida para a criação de um curso, em formato *deworkshop* ou pós-graduação, colmatando assim uma das falhas identificadas pelos profissionais no contexto nacional.

Referências Bibliográficas

- Billings, A., & Hardin, M. (2014). *Routledge handbook of sport and new media*. Routledge Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.4324/978020311471>
- Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446247181>
- Correia, M. (2009). A Observação Participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30–35. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª Edição). Edições Almedina.
- Costa, J. (2016). *O jornalismo radiofónico e o online: Como as rádios generalistas e de informação em Portugal utilizam o online para catalisar ouvintes para a antena*. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/7775>
- Fernandes, M. (2014). *Identidade do jornalista desportivo: A pressão clubística*. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/5657>
- Giacomelli, F., & Canavilhas, J. (2015). O lugar do esporte na rádio: estudo de caso no Brasil e em Portugal. *Rádio-Leituras*, 153–169. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/4356>
- Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ªed.). Editora Atlas. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
- Guimarães, C. (2018). *O Comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: Uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência*

- (Dissertação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177577>
- Madureira, P., & Kischinhevsky, M. (2015). *Show do esporte – Considerações sobre programas de relatos desportivos como gênero fundador da radiofonia*. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1743-1.pdf>
- Nunes, J. (2013). *Reflexão Jornalística sobre o Relato Desportivo* (Relatório de Estágio). Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10892>
- Pinheiro, F. (2009). *História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa* (Tese de Doutorado). Universidade de Évora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/12226>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2nd ed.) [E-book]. Gradiva. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf>
- Raney, A., & Bryant, J. (2006). *Handbook of Sports & Media*. Lawrence Erlbaum Associates. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203873670>
- Ribeiro, N. (2007). A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933–1936). *Comunicação & Cultura*. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2007.446>
- Rodrigues, L. (2013). *O Serviço Público e a Informação da Componente Desportiva* (Relatório de Estágio). Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/35908>
- Vieira, J., Cardoso, G., & Mendonça, S. (2016). *Os Novos Caminhos da Rádio: Radiomorphosis*. OberCom. Disponível em: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Os-novos-caminhos-da-radio-Radiomorphosis.pdf>
- Santarém, R. (2017). *Jornalismo desportivo: Tendências dos estudantes universitários no consumo de informação desportiva*. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/7865>

Seruya, F. (2019). *A Influência da Comunicação Digital na Decisão e Produção Jornalística de Notícias de Desporto* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/29574>

Silva, A. (2019). *Jornalismo Live Streaming* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31966>

Anexos

Anexo I. Diário de Bordo

Dia 1 (1 de outubro 2020)

- Visita às instalações da RTP Lisboa, na Avenida Marechal Gomes da Costa.
- Apresentação à equipa de desporto e ao Diretor de Informação com o pelouro do Desporto, Paulo Sérgio.

Dia 2 (2 de outubro 2020)

- Primeira notícia escrita para o programa “Jornal de Desporto” sobre retirada da Honda como fornecedora de motores da Fórmula 1.
- Corte de sons de Sérgio Conceição.
- Notícia sobre Desportivo das Aves ter sido penalizado pela FIFA por incumprimento de pagamentos.
- Notícia sobre a transferência de Adrien Silva para a Sampdoria.

Dia 3 (5 de outubro 2020)

- Várias breves sobre mercado de transferências.
- Notícia sobre Vilarinho ter aceitado o convite de 2 candidaturas diferentes à direção do Sport Lisboa e Benfica.
- Corte de sons de Pinto da Costa sobre transferência de Danilo para o Paris Saint Germain.
- Breve sobre ausências da seleção nacional de futebol.

Dia 4 (6 de outubro de 2020)

- Breves sobre mercado de transferências.
- Breve sobre hipótese da Red Bull abandonar o campeonato de Fórmula 1.
- Breve sobre polémica no torneio de ténis Roland Garros.
- Breve sobre apoio de Eriksson à candidatura de Luís Filipe Vieira.
- Breve sobre eliminação de João Sousa no challenger de Ténis.

Dia 5 (7 de outubro de 2020)

- Breve sobre Oyarzabal estar infetado com Covid-19 antes do amigável com a seleção portuguesa de futebol.
- Corte de sons de Pedro Gonçalves sobre convocatória para a seleção nacional de sub-21.
- Corte de sons de João Almeida e escrita da tradução após etapa do Giro d'Italia.

Dia 6 (8 de outubro de 2020)

- Corte de sons de Felipe Anderson após chegada ao Futebol Clube do Porto.
- Breve sobre novos recordes de 5 e 10 mil metros no atletismo.
- Breve sobre Samaris e Gedson não terem sido inscritos pelo Benfica na Liga Europa.
- Breve sobre convocados para a seleção brasileira de futebol feminino.
- Corte de sons e tradução de Miguel Oliveira sobre os testes realizados no Autódromo Internacional do Algarve.

Dia 7 (9 de outubro de 2020)

- Breve sobre testes de Miguel Oliveira.
- Breve sobre Anthony Lopes estar infetado com Covid-19 ao serviço da Seleção Nacional de Futebol.

- Breves sobre cancelamento da primeira e segunda sessão de treinos do Grande Prémio da Alemanha de Fórmula 1 face ao mau tempo.
- Breve sobre hipótese de Bruno Lage assumir comando técnico do Vitória Sport Clube.
- Corte de sons de Carlos Carvalhal a elogiar avançado do Sporting Clube de Braga, Paulinho.
- Breve sobre participação de Miguel Oliveira na primeira sessão de treinos do Grande Prémio de França de Moto GP.
- Breve sobre meia-final do Roland Garros entre Nadal e Schwartzman.

Dia 8 (12 de outubro)

- Corte de sons de Cuca sobre Lucas Veríssimo, alvo do Benfica.
- Breve sobre lesão grave de Edinho.
- Corte de sons de Miguel Oliveira após prestação no GP de França de Moto GP.
- Corte de sons e tradução de declarações de Casillas sobre tempo no Futebol Clube do Porto.
- Corte de sons de João Henriques após ser anunciado como treinador do Vitória SC.
- Gravação de peças.

Dia 9 (13 de outubro)

- Corte de sons de Adrien Silva sobre transferência para a Sampdoria.
- Breve sobre desistências por Covid-19 no Giro D'Italia.
- Corte e tradução de sons de conferência de imprensa de João Almeida após etapa do Giro D'Itália.
- Corte e tradução de sons de Rúben Guerreira após etapa do Giro D'Itália.

Dia 10 (14 de outubro)

- Corte e tradução de sons de David Coulthard, embaixador do Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1
- Corte e tradução de sons de João Almeida e Rúben Guerreiro após etapa do Giro D'Itália.
- Corte de sons de Ricardo Sá Pinto após assumir comando técnico do Vasco da Gama.
- Breve sobre Taça de Portugal de Futebol Feminino.
- Breve sobre prestação de Félix da Costa na IndyCar.

Dia 11 (15 de outubro)

- Corte e tradução de sons de Chase Corey, CEO da Fórmula 1, sobre temporada 2021.
- Corte e tradução de sons de João Almeida e Rúben Guerreiro após etapa do Giro D'Itália.
- Corte de sons de Sá Pinto, no aeroporto, antes da partida para o Brasil.
- Corte de sons de Wendell após transferência para o Zenit.

Dia 12 (16 de outubro)

- Corte de sons sobre Miguel Oliveira no Grande Prémio de Aragão de MotoGP.
- Corte de sons de Ricardo Sá Pinto na chegada ao Brasil.
- Corte de sons de Cristiano Ronaldo em live n instagram após infecção com Covid-19.
- Corte e tradução de sons de João Almeida após etapa do Giro D'Italia.

Dia 13 (19 de outubro)

- Entrevista a Paulo Pinheiro, diretor do Autódromo Internacional do Algarve (AIA), sobre GP de Portugal de Fórmula 1.

- Corte e tradução de sons de João Almeida após etapa do Giro D'Italia.
- Corte de sons de António Salvador e Paulinho sobre renovação do jogador.

Dia 14 (20 de outubro)

- Corte de sons de Maria Negrão sobre estreia na Seleção de Futebol Feminino.
- Corte de sons de Rui Silva antes de jogo do Andebol Sporting nas competições europeias.
- Corte e tradução de sons de João Almeida após etapa do Giro D'Itália.

Dia 15 (21 de outubro)

- Corte de sons de Nuno Pinto, treinador de pilotos, sobre GP de Portugal de Fórmula 1.
- Corte de sons de Daniel Ricciardo, piloto da Renault, sobre pista do AIA.
- Corte de sons de Paulo Sérgio, treinador do Portimonense.
- Corte de sons de Thiago Santana, jogador do Santa Clara.
- Corte de sons de Paulinho e Carlos Carvalhal em antevisão a jogo europeu.
- Corte e tradução de sons de João Almeida e Rúben Guerreiro após etapa do Giro D'Itália.

Dia 16 (22 de outubro)

- Corte de sons de Samuel Correia, treinador-adjunto do Paços de Ferreira.
- Acompanhamento de emissão desportiva de jogos da liga europa.
- Corte de sons de Jorge Jesus após a partida para utilização na emissão.

Dia 17 (23 de outubro)

- Corte e tradução de sons de Lewis Hamilton sobre GP de Portugal de F1.
- Breve sobre primeira sessão de treinos do GP de Teurel de MotoGP.

Dia 18 (26 de outubro)

- Corte e tradução de sons de Lewis Hamilton após vencer o GP de Portugal e bater recorde de vitórias de Michael Schumacher.
- Breve sobre ranking ATP.
- Corte de sons de conferência de imprensa de João Almeida e Rúben Guerreiro na chegada a Portugal após Giro D'Itália.
- Corte de sons de Graça Freitas, diretora geral da Saúde, sobre GP de Portugal de F1.

Dia 19 (27 de outubro)

- Breve sobre La Vuelta.
- Corte de sons de Júlio César sobre Jorge Jesus e Everton Cebolinha.

Dia 20 (28 de outubro)

- Breve sobre João Domingues no torneio de Marbella.
- Corte de sons de Vítor Paneira sobre candidatura de João Noronha Lopes à direção do Benfica.
- Corte de sons de Jorge Jesus em antevisão ao jogo europeu.

Dia 21 (29 de outubro)

- Corte de sons de João Noronha Lopes e Rui Gomes da Silva após eleições no Benfica.
- Breve sobre La Vuelta.
- Corte de sons Pepa, treinador do Paços de Ferreira, sobre jogo do com o Futebol Clube do Porto.

Dia 22 (30 de outubro)

- Breve sobre La Vuelta.
- Corte de sons de Steven Gerrard em antevisão ao jogo com o Benfica.
- Entrevista a Vicente Araújo, presidente da Federação Portuguesa de Voleibol, sobre decisão do governo de suspender competições não profissionais.
- Corte e tradução de sons de Pako Ayesterán, treinador do Tondela, sobre antevisão ao jogo com Sporting Clube de Portugal.
- Corte de sons de Mário Silva, treinador do Rio Ave.

Dia 23 (2 de novembro)

- Corte de sons de Abel Ferreira após ser anunciado como treinador do Palmeiras
- Entrevista a Jorge Vieira sobre reeleição como presidente da Federação Portuguesa de Atletismo.

Dia 24 (3 de novembro)

- Corte de sons de Pep Guardiola, treinador do Manchester City, e Pedro Martins, treinador do Olympiakos antes de jogo para Liga dos Campeões.
- Corte de sons de Luís Andrade, treinador da equipa feminina do Benfica, e Pauleta, jogadora, sobre estreia na liga dos campeões.
- Entrevista a António Marques, presidente da Assembleia Geral da SAD do Sporting de Braga.

Dia 25 (4 de novembro)

- Corte de sons de Abel Ferreira no primeiro treino do Palmeiras.
- Corte de sons de Manuel Matz, treinador de voleibol do Benfica.
- Entrevista a Manuel José, jogador do Candoso, sobre forma de Diogo Jota no Liverpool
- Corte de sons de Luís Andrade, após vitória do Benfica no primeiro jogo europeu.

Dia 26 (5 de novembro)

- Corte de sons de conferência de imprensa de Sá Pinto após passagem aos oitavos de final da taça sul americana.
- Acompanhamento da conferência de imprensa de antevisão ao jogo de Belenenses SAD e Rio Ave.
- Corte de sons de Petit, treinador Belenenses SAD, e Mário Silva, treinador do Rio Ave.
- Corte de sons das antevisões de João Pedro Sousa, treinador do Famalicão, Yohan Tavares, jogador do Tondela, e Bruno Varela, jogador do Vitória Sport Clube.

Dia 27 (6 de novembro)

- Corte de sons Miguel Oliveira antes do GP da Europa de Moto GP.
- Entrevista a João Rodrigues, presidente da SAD do Farense sobre regresso ao São Luís.
- Corte e sons de Paulo Sérgio em antevisão ao jogo com o Futebol Clube do Porto.
- Corte de sons e tradução de Pako Ayesterán, treinador do Tondela.

Dia 28 (9 de novembro)

- Corte de sons de Nelson Oliveira após La Vuelta.
- Entrevista a Lúcio Correia, especialista em direito desportivo, sobre caso de corrupção.

Dia 29 (10 de novembro)

- Breve sobre calendário de Fórmula 1.
- Breve sobre início da NBA.

Dia 30 (11 de novembro)

- Corte de sons de Pedro Carvalho sobre hipótese de se sagrar campeão mundial de MMA.
- Entrevista a Pedro Moura sobre reeleição como presidente da Federação Portuguesa de Tênis de Mesa.

Dia 31 (12 de novembro)

- Corte de sons de conferência de imprensa de Abel Ferreira.
- Entrevista a José Carvalho Araújo, treinador do Olhanense, sobre David Carmo, Pedro Neto, Francisco Moura e Trincão, jogadores que orientou nos juniores do Braga.
- Corte de sons de David Carmo sobre a sua renovação de contrato com o Sporting de Braga.
- Entrevista a Quim Machado, treinador de futebol, sobre estreia de Domingos Duarte na seleção nacional de futebol.

Dia 32 (13 de novembro)

- Corte e tradução de sons de Lewis Hamilton sobre Grande Prémio da Turquia de Fórmula 1.
- Corte de sons Miguel Oliveira sobre GP de Valência de Moto GP.
- Corte de sons da apresentação de Ricardo Soares como treinador do Gil Vicente.

Dia 33 (16 de novembro)

- Corte e tradução de Lewis Hamilton, sobre se sagrar campeão do mundo de F1.
- Corte de sons de Gabriel Mendes, selecionador nacional de ciclismo, após medalhas conquistadas no europeu.
- Corte de sons da conferência de imprensa de Fernando Santos e Rúben Dias.
- Corte de sons do futebol feminino do Benfica antes da partida com o Anderlecht.

Dia 34 (17 de novembro)

- Corte de sons de Silva Campos, reeleito presidente do Rio Ave.
- Corte de sons de Miguel Oliveira sobre GP de Portugal de Moto GP.

Dia 35 (18 de novembro)

- Entrevista a Jorge Viegas, presidente da Federação Internacional de Motociclismo, sobre GP de Portugal.
- Corte de sons de Jair Ventura, ex-treinador do Santos, sobre Lucas Veríssimo.
- Entrevista a Manuel Marinheiro, presidente da federação de Motociclismo de Portugal, sobre GP de Portugal.

Dia 36 (19 de novembro)

- Corte de sons de Luís Andrade, Nycole e Pauleta após vitória sobre o Andrelcht na Liga dos Campeões de Futebol feminino.
- Corte de sons de antevisão de Ricardo Soares, treinador do Gil Vicente, e João Pedro Sousa, do Famalicão.

Dia 37 (20 de novembro)

- Corte de sons de Paulinho, jogador do Braga, sobre estreia na seleção nacional.
- Corte e tradução de sons de Miguel Oliveira após primeira e segunda sessão de treinos no GP de Portugal.
- Corte de sons de antevisão de João Henriques, treinador do Vitória SC, e de António Barbosa, treinador do Trofense.

Dia 38 (23 de novembro)

- Corte e tradução de sons de Adel Taarabt, jogador do Benfica.
- Corte e tradução de sons de Carmo Ezpeleta, CEO da Dorna Sports, organizadora do Campeonato do Mundo de Moto GP sobre GP de Portugal em 2021.
- Corte de sons de Nuno Valente.

Dia 39 (24 de novembro)

- Corte de sons de Iaquina, jogador do Sacavenense, após marcar ao Sporting para a Taça de Portugal.
- Corte de sons de Rui Silva, treinador de andebol do Sporting.
- Entrevista a Jorge Costa, ex-jogador do Futebol Clube do Porto, sobre jogo com o Marselha para a Liga dos Campeões.

Dia 40 (25 de novembro)

- Corte e tradução de sons de James Tavernier, jogador do Rangers, antes do jogo com o Benfica.
- Corte de sons da conferência de imprensa de André Castro e Carlos Carvalhal antes do jogo contra o Leicester.
- Corte de sons de Luís Freire, treinador do nacional, após jogo entre Casa Pia e Nacional.
- Corte de sons de João Pedro Sousa, treinador do Famalicão.

Dia 41 (26 de novembro)

- Corte e tradução de sons de Pako Ayesterán, treinador do Tondela.
- Corte de sons de Francisco Neto, selecionador nacional de futebol feminino.
- Acompanhamento de emissão da Liga Europa.

Dia 42 (27 de novembro)

- Corte de sons de Pepa, treinador do Paços de Ferreira.
- Corte de sons de Joel Rocha e Nuno Dias, treinadores de futsal de Benfica e Sporting, em antevisão ao dérbi.
- Corte de sons de conferências de imprensa de Ricardo Soares (Gil Vicente), César Peixoto (Moreirense), Daniel Ramos (Santa Clara).

Dia 43 (30 de novembro)

- Corte e tradução de sons de Romain Grosjean, piloto de F1 da Haas, após acidente no Bahrein.

- Acompanhamento, corte de sons e tradução da Conferência de Imprensa de Pep Guardiola e Ederson, do Manchester City, em antevisão a jogo com o Futebol Clube do Porto.

Dia 44 (1 de dezembro)

- Corte de sons de César Peixoto, treinador do Moreirense.
- Corte de sons de Pedro Martins, treinador do Olympiakos.
- Corte de sons de Pedro Gonçalves, jogador do Sporting, após vencer prémio de jogador jovem do mês.
- Corte e tradução de sons de Romain Grosjean após sair do hospital.

Dia 45 (2 de dezembro)

- Corte de sons de André Martins, jogador do Olympiakos.
- Corte de sons de Francisco Neto, selecionador nacional de futebol feminino.
- Corte e tradução de sons de Mick Schumacher após ser anunciado como piloto da Haas na F1.

Dia 46 (3 de dezembro)

- Corte de sons de Rui Santos, treinador do Estrela da Amadora.
- Corte de sons de Sérgio Vieira, treinador do Farense.
- Entrevista a Manuel Cajuda, treinador de futebol, sobre jogo 100 do Braga nas competições europeias.

Dia 47 (4 de dezembro)

- Corte de sons de Gustavo Veloso, ciclista espanhol, após trocar equipa da W52 Porto pela Efpapel.
- Entrevista a Agostinho Oliveira, dirigente do Gondomar, após qualificação do Braga na Liga Europa.

Dia 48 (9 de dezembro)

- Entrevista a António Conceição, selecionador dos Camarões, após caso de racismo com Webó em jogo da Liga dos Campeões.

Dia 49 (10 de dezembro)

- Corte de sons do confronto entre Ricardo Sá Pinto e claque do Vasco da Gama
- Corte de sons de Rui Jorge, selecionador nacional de futebol sub-21, sobre o Europeu

Dia 50 (11 de dezembro)

- Entrevista a Júlio Ferreira, campeão europeu de Taekwondo, sobre medalha.
- Entrevista a Ribeiro e Castro, ex-dirigente do Benfica, sobre desempenho europeu do clube.
- Corte e tradução de sons de Bruno Fernandes depois de vencer prémio de melhor jogador do mês da Premier League.
- Corte de sons de Pedro Duarte, treinador do Académico de Viseu.

Dia 51 (14 de dezembro)

- Corte de sons de Vítor Baía sobre sorteio da Liga dos Campeões.
- Acompanhamento de jogo Clube Olímpico do Montijo – Sporting de Braga no Estádio do Jamor para a Taça de Portugal.
- Recolha e corte de sons da conferência de imprensa de Carlos Carvalhal (Braga) e Rui Narciso (Montijo).

Dia 52 (15 de dezembro)

Dia 53 (16 de dezembro)

- Corte de sons de Abel Ferreira, treinador do Palmeiras.
- Entrevista a João Rodrigues, presidente da SAD do Farense, sobre jogo em Alvalade.
- Corte de sons de Daniel Guimarães, guarda-redes do Nacional, sobre jogo com futebol clube do Porto.
- Corte de sons de José Mourinho, treinador do Tottenham, e Jurgen Klopp, treinador do Liverpool, sobre jogo entre os dois clubes.
- Corte de sons de Mário Branco após apresentação como novo diretor desportivo do Famalicão.
- Corte de sons de Carlos Carvalhal, treinador do Braga.

Dia 54 (17 de dezembro)

- Entrevista a Alexandre Faria, presidente do Estoril Praia, antes de discutir passagem à final four da Taça da Liga em Braga.

Dia 55 (18 de dezembro)

- Corte e tradução de sons de Pako Ayesterán, treinador do Tondela.
- Corte de sons de Paulo Sérgio, treinador do Portimonense

Dia 56 (21 de dezembro)

- Corte de sons de João Henriques, treinador do Vitória SC.
- Corte de sons de Daniel Ramos, treinador do Santa Clara.
- Corte e tradução de sons de Rafael Leão, jogador do AC Milan, após bater recorde de golo mais rápido da Serie A.
- Corte e tradução de sons da palestra sobre o VAR organizada pelo Sporting.
- Corte de sons de Manuel Fernandes (Sporting), Fernando Gomes (Porto), Alan (Braga) e Luisão (Benfica) após sorteio da Final Four da Taça da Liga.

Dia 57 (22 de dezembro)

- Corte de sons de Pedro Gonçalves e Nuno Mendes, jogadores do Sporting Clube de Portugal.

Dia 58 (23 de dezembro)

- Entrevista a Hélder Cristóvão, ex-jogador do Benfica e treinador de futebol, sobre clássico entre Porto e Benfica para a Supertaça.
- Corte de sons de Drulovic, ex-jogador do Porto, sobre clássico entre Porto e Benfica para a Supertaça.
- Corte de sons de Milton Mendes, treinador do Marítimo, após vitória sobre Salgueiros para a Taça de Portugal.

Dia 59 (24 de dezembro)

- Corte de sons de José Fernando Rio, candidato derrotado nas eleições do Futebol Clube do Porto.
- Corte de sons de Luís Freire (Nacional) e de Pako Ayesterán(Tondela).

Dia 60 (28 de dezembro)

- Corte e tradução de sons de Lionel Messi sobre possibilidade de abandonar Barcelona.
- Entrevista a Gaspar Ramos, ex-dirigente do Benfica, sobre alegada reunião entre Luís Filipe Vieira, presidente do Benfica, Rui Costa, diretor, e Jorge Jesus, treinador.
- Corte de sons de João Henriques (Vitória SC) e César Peixoto (Moreirense).

Dia 61 (29 de dezembro)

- Corte de sons de Bruno Guimarães, treinador de futsal do Braga, e Pany Varela, jogador de futsal do Sporting, após confronto na taça de Portugal.
- Entrevista a Carlos Amado da Silva, presidente da Federação Portuguesa de Rugby, sobre falta de apoio do Governo aos testes covid.

Dia 62 (30 de dezembro)

- Entrevista a José Sousa, comentador de futebol e ex-treinador de Oleg, sobre possibilidade de Oleg Reabciuk, jogador do Paços de Ferreira, rumar ao Porto.
- Corte e tradução de sons de Manuel Ugarte, após ser apresentado como reforço do Famalicão.
- Corte de sons de Pedro Gonçalves, jogador do Sporting.

Dia 63 (31 de dezembro)

- Corte de sons de Abel Ferreira, treinador do Palmeiras.
- Entrevista a Alexandre Faria, presidente do Estoril, sobre clube ser líder da segunda liga.
- Corte de sons de Paulo Jorge Pereira, selecionador de andebol de Portugal e Luís Filipe Vieira, com mensagens de ano novo.
- Corte e tradução de sons de Lebron James, jogador da NBA dos LA Lakers, após celebrar 36 anos no mesmo dia em que somou 1000 jogos consecutivos na NBA.

Anexo II. Guiões para as entrevistas aos jornalistas

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e Idade?
2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?
3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?
4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?
5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?
7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?
8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?
9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?
10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?
12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?
14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?
15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

Anexo III. Entrevista a Eduardo Gonçalves

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

Eduardo Gonçalves, 56 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Jornalista redator, nos relatos sou repórter de pista.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

35 anos.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

Muito rápido. Ainda estava a estudar quando surgiu a oportunidade. Tinha 21 anos e ainda não tinha completado os meus estudos quando surgiu a oportunidade de entrar para a então RDP. Não entrei logo como jornalista. Estive na técnica primeiro, mas foi um percurso muito importante ter começado aí. Deu-me a possibilidade de conhecer o que havia para conhecer em 2 anos. Havia uma urgência de contratação de técnicos porque o quadro estava muito envelhecido. Em termos de aproveitamento profissional foi muito importante porque me deu tarimba para ser autossuficiente, ou seja, poder trabalhar enquanto jornalista com técnicos, mas não havendo essa possibilidade eu próprio fazia o que tinha de fazer.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Desde que comecei no desporto. Estreei-me no antigo estádio de Alvalade, num Sporting – Vitória de Guimarães. Salvo erro, em 1987. Eu não faço relatos. Fiz um na minha vida e percebi que uma coisa é querermos fazer e outra é termos jeito para isso. E eu não tenho o jeito que têm os meus colegas que fazem isto muito bem. Nós devemos escolher a nossa praia, e disso eu gosto.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

São importantíssimos. As pessoas não fazem ideia de quantas pessoas nos acompanham. São muitos. Isso foi comprovado quando o Nuno Matos e o Alexandre Afonso estiveram na final do Euro 2016. As pessoas não têm noção do impacto que aquilo teve. Essas pessoas que estão duas horas agarradas a um rádio, são milhões. As pessoas têm que ter noção que Portugal não é só Continente e Ilhas. Existe uma Portugalidade espalhada pelo mundo. São mais, talvez, os que estão fora dos que os que estão dentro, e nessa medida, é muito importante levarmos as emoções do jogo, porque durante 2 horas as pessoas abstraem-se dos seus problemas e estão focadas naquilo.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

Há uma grande discussão sobre o que é o relato. Se é jornalismo ou entretenimento, e eu próprio não sei, apesar de ter a tendência de pender mais para o entretenimento. Embora no relato, obviamente, se dê notícia. Na globalidade é mais um espetáculo que propriamente um ato jornalístico.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Isto é como tudo. Há um ditado muito português que diz que “Quem não pode, arregaça”. Enquanto nós tivermos capacidade para trabalhar, muito bem. Evidentemente que se somos menos a fazer o mesmo, a energia não é eterna. Portanto, se calhar, por vezes, há um jogo que nos corre menos bem, ou porque estamos mais cansados ou porque a própria incidência de trabalho assim o obriga. Nada é linear nem perfeito. Nós, felizmente, aqui no Desporto na Antena 1, como trabalhamos como uma família, muitas vezes passamos mais tempo uns com os outros do que as pessoas, isso ajuda a que não haja um decréscimo de qualidade. Agora, evidentemente, que às vezes nos ressentimos. Se temos um trabalho que pode ser feito por 3 ou 4 e é feito por 1 ou 2, bom, as coisas não podem ser exatamente iguais. Vamos tentando ultrapassar os obstáculos e que não haja quebra, apesar de ser mais difícil.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao

rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Eu punha a questão ao contrário. Falou-se muito que a televisão, Internet, Youtube iam matar a rádio. A rádio nunca desaparecerá. Basta olharmos para a generalidade da comunicação social para podermos concluir que há setores que estão em maiores dificuldades, como os jornais. Cinjo-me aos desportivos. Mas os jornais antigamente tinham um determinado número de páginas e agora vão reduzindo. Temos vindo a assistir à dispensa progressiva de profissionais. A rádio não tem sido assim. Tem dificuldade em contratar, mas relativamente aos que já cá estão não há despedimentos, não há dispensas. Se alguém quiser ir embora vai. Não é uma coisa que a RTP promova. Ao passo que noutros setores não se passa assim. No nosso caso, não temos tido esse problema. Não colhe o argumento que é uma empresa suportada pelo Estado, mas não é o único acionista de empresa. E ela vai caminhando.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

É sustentável. Até porque a tecnologia está muito desenvolvida. Embora nós ainda não tenhamos abandonado os métodos antigos com equipamentos que já têm 20 anos. Eu trabalho, por exemplo, com um equipamento que tem mais de 25 anos e funciona. Hoje em dia temos outras alternativas para as emissões, muito mais avançadas, económicas e ligeiras. Há de chegar o dia em que vamos levar uma malita só. Não vai haver essa carga. Temos é que nos adaptar e comprar os novos que aligeiram até o esforço físico. Uma coisa é fazer um jogo de futebol durante duas horas, com uma mochila às costas, todo ligado de fios, e outra é usar um equipamento que parece uma malinha. Em termos humanos, espero que sim, que haja uma renovação. O problema não é a falta de pessoas, mas sim da contratação. Se a empresa ainda tem profissionais no ativo que continuam a dar resposta de excelência... Lamento é que muitos dos jovens não tenham oportunidade, porque qualidade têm e estão muito mais preparados do que nós estávamos. O computador era uma cómoda, quase. Se isto vai ser sustentável... Há de ser, porque quando nós começarmos a cair para o lado não vai ser Deus a vir à terra fazer os programas. Alguém há de ter que entrar. Resta saber se entram 5 ou 6 de uma vez ou se é algo mais faseado. Na minha opinião já devíamos ter começado a renovar.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

Uma preciosa ajuda. A Internet não substitui nada, ela deve ser entendida como uma ferramenta de apoio e de consulta. A rádio tem as suas próprias características. Não é por existir um site qualquer, que até possa vender o mesmo tipo de produto, que vai roubar o nosso espaço. São ferramentas que se complementam.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

Não sofreu grandes alterações. A digitalização é mais um passo não para destruir, mas para complementar. Acaba até por ser benéfico. É como as boxes das televisões. A pessoa quer muito ver um programa, mas não chegou a tempo. Chega a casa, puxa aquilo atrás e vê. Digitalizar conteúdos no espaço e introduzi-los no espaço web é melhor ainda porque abrange um público maior. Não só os que estão a ouvir em direto, como outras pessoas que não têm essa possibilidade podem ir lá escutar. Está lá o programa e como diz o Nuno Matos é “liga o play DJ”.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Há sempre novas oportunidades desde que sejam bons. Quando se é bom, atinge-se plataformas maiores, empresas maiores, como rádios nacionais. Agora, nós sabemos em que país vivemos e as dificuldades que temos, sabemos que isto ainda funciona muito pela cunha. Às vezes até vem quem não tem tanta qualidade. É como tudo na vida, é preciso ter um bocadinho de sorte. Não é ficar sentado, é fazer por. Batalhar e insistir. Melhorar a sua capacidade. Se uma pessoa for consistente, com 22 ou 23 anos, é uma pessoa que ainda não está formada em termos profissionais. Isto é como os Guarda-redes. Costuma-se dizer que lá por volta dos 30 é que o Guarda-redes está bom. A formação é permanente. Ou se tem interesse em aprender ou não se tem. Evidentemente que hoje há uma panóplia de ofertas em termos de melhoria de currículo, como cursos do Cenjor e estágios, mesmo que não renumerados. Para mim é fundamental experiência prática.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

Os desafios... O relato em si não é uma coisa fácil de fazer. O principal desafio é a preparação. Dizer que um dá para a esquerda e outro para a direita é a parte técnica. Agora quando se acrescenta informação, dados, é por aí que se conquista público. Se a pessoa for displicente, o relato é um vazio. Obviamente que a pessoa também tem de ter qualidades. Tem de fazer parte daquela praia e ter voz forte.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

Com muito otimismo. É coisa que nunca acabará, a menos que acabem os clubes. Normalmente focamos só o futebol, mas eu por exemplo já relatei os 100m recorde do mundo de Usain Bolt nos jogos olímpicos. Imagine-se o que é em 9 segundos relatar. Nunca na minha vida tinha feito o relato de uma final de 100m. Já fiz de maratona. É complicado, sobretudo articular. Mas é tudo muito rápido. Vejo isto tudo com muito otimismo.

Anexo IV. Entrevista a João Gomes Dias

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

João Gomes Dias, 32 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Jornalista da equipa de desporto.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

Jornalista há 6 anos, fez no dia 1 de dezembro.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

A Antena 1 foi a minha primeira experiência profissional. Acabei o curso em maio, e tentei concorrer a alguns sítios. Tive a sorte de ser chamado para uma entrevista aqui e de ser selecionado. Comecei depois mais tarde.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Comecei no relato pouco depois. Entrei em dezembro de 2014 e a minha primeira reportagem de pista foi no fim de janeiro de 2015.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

Os relatos têm uma importância fundamental. Desde logo porque há muitas pessoas que não podem ver. Recebemos muitas mensagens de pessoas invisuais que têm na rádio a sua maior companhia. Para quem tem esse problema a rádio é muito importante. É também importante porque chega a mais sítios. Por muito que a internet e a televisão se vão difundido ainda não chegam onde a rádio chega. Temos também a capacidade de transformar o jogo em algo que desperta mais a paixão, ou seja, não deixando de ser o mais objetivo possível, conseguimos transportar a magia da rádio para o relato.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

Eu acho que sim, até porque para mim o relato é algo muito específico e nem todos o conseguem fazer. Por isso é que existem técnicas específicas para relatar. No fundo é uma descrição daquilo que está a acontecer como acontece em outro tipo de reportagens que não estão ligadas ao desporto. A verdade é que esta descrição tem de ser feita com uma entoação, um ritmo e uma velocidade que não tem paralelo com a maior parte das reportagens, portanto, havendo algumas semelhanças com a reportagem pura e dura noutros locais, a verdade é que tem pontos tão particulares que devia ser um género independente dos outros. Coloca desafios que outros tipos de acontecimento não colocam, sobretudo nessa questão da velocidade e da emotividade, porque aquilo que estamos a descrever implica isso mesmo.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Impacto enorme. Estamos a falar numa redução muito considerável em todas as redações. Sendo o relato um género tão particular, se a redução das redações acontecer e tiver impacto nas pessoas que fazem relato, havendo o mesmo número de jogos, ou até mais atualmente, torna-se cada vez mais difícil ter pessoas disponíveis para todos os eventos que pretendemos cobrir. Isso implica que pessoas que faziam um determinado número de jogos por mês, façam mais e isso desgasta. Não é só a redução das redações. É também não existir um rejuvenescimento das mesmas, ou seja, as pessoas têm de fazer mais relatos e estão cada vez menos jovens e isso pode ter um impacto muito considerável no trabalho que nós queremos que seja o melhor possível para os nossos ouvintes. A exigência é cada vez maior e o calendário cada vez mais apertado. Acho que estamos a chegar ao limite e se o caminho começar a ser este, vamos ter de abdicar de competições que para os ouvintes são importantíssimas porque é impossível dar resposta a tudo o que nos é solicitado.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Não. Sinceramente não. A rádio continua a ter o seu público, tal como a televisão. Muitas vezes até é um público que vê na televisão, mas gosta de escutar na rádio. Talvez a televisão tenha perdido um pouco para os meios de *streaming* na Internet, mas não a

rádio. A rádio continua a ter um espaço muito particular, precisamente por ser um género tão específico que muitas pessoas acabam por considerar sempre. Dizia a celebre canção que “*video killed the radio star*”, mas acho que mataram a rádio precocemente. A rádio já sobreviveu aquilo que foi o seu maior desafio. Está bem viva e não perdeu para a televisão os ouvintes.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

Sim, se os responsáveis pela logística forem inteligentes. Antes os relatos custavam muito dinheiro. Imaginemos num país qualquer da Europa, ter que instalar uma linha telefónica, fazer a chamada, estar mais de uma hora e meia a realizar essa chamada. Hoje em dia, não existindo roaming, e dá para fazer um relato em grandes condições em aparelhos portáteis, em que se coloca um cartão de dados. Hoje é extremamente viável. Chegámos a um ponto em que se põe a viabilidade em causa porque antes sim é que o caminho era perfeitamente inviável. Sendo as pessoas inteligentes nessa logística, estamos em perfeitas condições para tornar o relato algo cada vez mais viável.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

Uma oportunidade. Há pouco falava na questão do *streaming*. Há pessoas que estão na Internet. O relato não tem que ser exclusivo do meio físico rádio. Pode ser transmitido nas páginas de redes sociais e angariar muitos jovens. Não tenho dúvidas que a esmagadora maioria das faixas etárias mais jovens, quando ouvem relatos, não ouvem no rádio convencional, mas sim na Internet. É um meio para a rádio crescer, aproveitando as redes sociais e fazendo uma boa gestão delas para trazer novos ouvintes, sobretudo os mais jovens.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

São mudanças básicas. Por exemplo, temos oportunidade de fazer um relato e estarmos a fazer um *live* no Facebook e as pessoas interagirem com quem relata. Fazer *posts* a anunciar o relato e as pessoas enviarem para lá o nome e depois dizermos isso durante o relato e com isso criar proximidade. Temos a recuperação dos golos, com imagens no

Youtube a serem complementadas com a narração da rádio. Isto são exemplos da projeção que o relato teve com as redes sociais. A rádio é antiga, sim, mas não tem que ser escutada só através da dimensão física. A Internet veio dar força à rádio e ao relato desportivo em particular. No essencial o relato não mudou. O essencial continua a ser a pessoa que está a ouvir saber onde está a bola. As plataformas só ajudaram a projetar o relato e a criar proximidade. Hoje, tal como ontem e no dia de amanhã, as pessoas vão continuar a pedir que saibam onde está a bola e o que se passa em campo.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Existem pontualmente oportunidades. A questão é se são suficientes para que as pessoas possam fazer disso vida. Isso é que é dramático. Existem uma série de rádios regionais, universitárias, outro tipo de rádios, que hoje em dia têm a capacidade de estar presentes em palcos da primeira liga que de facto dão alguma oportunidade aos jovens. O espaço existe, a questão é que não é sustentável a longo prazo para os jovens. Muitos começam lá, mas depois vão ter que surgir em outra rádio maior para continuar a fazer isso. Aí é que é dramático: as redações cada vez mais reduzidas e não existir espaço para incorporar alguns valores de grande qualidade e que se destacam em rádios mais pequenas. É dar a oportunidade, mas só meia. Dar-te a mão e procurar rapidamente outra, porque é insustentável “fazer daquilo vida” a menos que se tenha outro emprego. Para chegar a rádios maiores o mais importante é relatar. Quem decide, fá-lo com base naquilo que escuta e só o faz se quem quiser entrar já relatou. Essas rádios mais pequenas podem ser o tal berço de relatores de rádios de maior dimensão. Relatar e guardar esses relatos para mostrar a quem poderá ter a capacidade de nos contratar.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

Tentar não perder o essencial. No fundo as pessoas vão querer saber onde está a bola, com emoção, é certo, mas não desviar do essencial. As redes sociais podem criar uma questão de protagonismo da pessoa e não do relato e isso é dramático. Isso depende de cada pessoa. O relator não se pode deixar influenciar pelo mediatismo, porque aí sim podia perder-se o que realmente interessa.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

Com muito otimismo. Eu não sou um otimista nem um pessimista. Sendo sincero, acho que a rádio tem muito futuro, tal como o relato. Há muitos jovens com qualidade a aparecer, que sabem trabalhar o relato com as redes sociais, trazendo mais pessoas. Não tenho dúvidas que se juntarmos 100 pessoas e perguntarmos se preferem uma narração de rádio ou uma de televisão, a esmagadora maioria prefere uma narração de rádio por ser mais apaixonante e trazer mais sentimentos à flor da pele e as pessoas quando escutam vivem o jogo de uma forma que não é tão racional. Se houver essa capacidade de as rádios maiores trazerem novos talentos, acho que a rádio tem um futuro extremamente risonho.

Anexo V. Entrevista a José Pedro Pinto

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

José Pedro Pinto, 32 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Jornalista redator.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

14 anos.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

Comecei há 14 anos na Rádio Clube Matosinhos (RCM) a fazer emissões em estúdio. Como em tudo na vida temos que aproveitar as oportunidades e comecei a fazer relatos do Leça, na altura na 3^a divisão. Estive na RCM cerca de 2 anos, enquanto realizava a licenciatura em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, através da qual fiz estágio curricular na Rádio Renascença (RR), onde fui convidado a ficar na Bola Branca como editor net, onde estive vários anos acumulando com relatos. Há cerca de 2 anos passei de editor net para editor rádio.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Estou na Antena 1 desde Outubro de 2020.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

Uma grande importância, porque estamos a falar de um registo histórico no nosso país e nos países de língua latina. Foi a primeira forma do futebol chegar a todo o país e a todo o mundo. Pessoas que queriam ouvir o relato do Benfica, mas que moravam no Norte, podiam ouvir. Continua a ser um registo de elevada importância porque tem esse carácter

de aproximação do adepto à sua equipa. Por exemplo, no interior do país há adeptos que não têm acesso às transmissões porque não têm disponibilidade financeira para pagar os pacotes de televisão, mas que podem ouvir o que se está a passar tanto no seu jogo como noutro que se realiza ao mesmo tempo.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

Logo à partida o relato é informação. Estamos a descrever algo que está a acontecer, não faço uma grande distinção entre um relato de um jogo e uma reportagem de um evento que esteja a decorrer, porque é um género que implica a descrição. É diferente porque além de informação tem de ser atrativo e tem uma vertente de entretenimento. Não podemos estar apenas a descrever que o jogador recebe a bola com o pé esquerdo e que movimenta na frente, temos que complementar com vivacidade. A nossa entrega ao trabalho é diferente, porque estamos a falar de desporto e o desporto geralmente transporta emoção. Nós temos que ir atrás, não entrando na lógica da histeria ou do sensacionalismo, mas sabendo vender o peixe que estamos a apresentar às pessoas. Não podemos fazer de um jogo de zero a zero, a final da Liga dos Campeões.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Nós vivemos numa altura em que os órgãos de comunicação social se debatem com um grave problema que tem que ver com o mercado publicitário cada vez mais estrangulado e direcionado para outros meios que não a rádio, como a televisão e a Internet. Se nós percebermos um pouco como funciona o mercado, as grandes empresas apostam em publicidade que seja lançada nos momentos em que as pessoas vão no carro, onde estão mais dispostas, ou obrigadas até, a ouvir rádio. É um desafio enorme. Por consequência, menos mercado, menos receitas, menos capacidade para contratar ou garantir os postos de trabalho. Não é o caso da Antena 1, que é a rádio pública e não vive do mercado, mas dos contribuintes. De qualquer maneira, afeta.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Sim. Sem dúvida. A partir do momento em que todos os jogos, quer da primeira, quer da segunda liga, têm transmissão televisiva, o relato sente na pele essa evidência. A Segunda Liga, que vivia de rádio para se saber resultados, estamos perante um cenário em que o próprio site da Liga transmite os jogos em *streaming* com sinal aberto. Com a disseminação da possibilidade de as pessoas terem acesso a um computador e Internet relativamente barata, tudo isso contribuiu para que a rádio sofresse. Exemplo disso mesmo é o fim da Tarde Desportiva da Antena 1, porque as audiências também ditam a lei do meio. Esta é sobretudo uma questão de audiências. Eu lembro-me de um programa histórico que era a “Frente Desportiva” da Rádio Renascença (RR), que acabou em 2006. E não existiam transmissões televisivas como agora. A questão das audiências reflete-se. Em termos de recursos humanos, acho que mesmo com todas as dificuldades, haveria sempre capacidade para continuar as tardes desportivas, porque nós, jornalistas, gostamos daquilo que fazemos e muitas vezes sacrificamos até a nossa própria vida pessoal. A rádio é a menina dos nossos olhos. Tem sobretudo a ver com uma questão de audiências, que progressivamente se tem esvaziado no mercado da rádio.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

Sim, sem dúvida. É das atividades mais sustentáveis. Olhando para o panorama normal, uma equipa que vai fazer a transmissão de um jogo, ao todo terá 5 ou 6 pessoas, a contar já com técnicos e produção. Todos sabemos que não recebemos mais por cada jogo. Em termos de custos, não são por aí além. Estamos a falar que as rádios estabelecem linhas telefónicas de RDIS ou Internet num regime anual junto dos operadores e pagam um valor que permite estarem ligadas 24 sobre 24 horas. Estamos a falar de algo que não tem custos astronómicos, nem pouco mais ou menos. Isso acontece desde o início do relato. Os meios vão-se alterando, o investimento é muito pontual, cíclico de 10 em 10 anos.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

Uma grande oportunidade. Nós temos esse exemplo. Toda a gente sabe que durante campeonatos da Europa e do Mundo, a Antena 1 transmite relatos de todos os jogos, para além da onda média, também os transmite através da Internet. Isto é uma grande mais-valia. Os relatos da Antena 1 chegam frequentemente aos PALOP e às nossas comunidades de emigrantes via Internet. É um mercado claramente a explorar que não está

devidamente explorado. Na RR ficávamos perplexos com a audiência online quando entrava em emissão a Bola Branca. Mesmo assim esse mercado continua por aproveitar. Ao contrário da TV e dos jornais, a Rádio ainda tem de encarar isto com uma oportunidade. Na Antena 1 é diferente porque é o serviço público e é aproveitado pois eu estou a fazer o relato e estou a receber mensagens de países PALOP.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

Não afetaram muito. O estilo não muda. A dinâmica não mudou. Relata-se hoje como se relatava há 20 anos. A diferença abissal é em termos de digitalização. Cada vez temos acesso a mais informação para darmos aos nossos ouvintes e demonstrarmos que sabemos o que estamos a fazer. Há 20 anos conseguias preparar um Sporting – Sacavenense sem teres a noção de como joga o Sacavenense que não vês todas a semanas? Não. A digitalização deu-nos a oportunidade de sabermos como jogam as equipas, quer em matéria de dados, quer dos próprios resumos das equipas menores. Nesse aspeto, a digitalização veio aumentar a qualidade.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Há sempre oportunidade quando há qualidade. Ninguém consegue chegar longe se não tiver qualidade. É certo que, voltando ao mercado com menos dinheiro para investir, a situação fica sempre um pouco mais complicada, mas oportunidade há sempre e eu sou a prova disso. Entrei para a Rádio Clube Matosinhos (RCM) e comecei a fazer relatos porque o relator adoeceu. Eu estava lá, deram-me oportunidade, aproveitei, mostrei-me, cheguei à RR com mais experiência do que qualquer outra pessoa que saísse diretamente da faculdade e as oportunidades acontecem. Não tanto como quando comecei. Mas o mercado está a mudar. Tive a oportunidade de vir para a Antena 1 pela saída do Alexandre Afonso e eu aproveitei. O conselho que deixo é mostrem-se. Tenham visibilidade. Aprendam a escutar como as grandes referências fazem, não para copiar, mas para aprender. Além de boa voz e criatividade, é preciso saber em que ponto estamos. Se têm paixão, procurem sempre as oportunidades, mesmo com sacrifício financeiro. Comecem a aprender a trabalhar assim que percebem que gostam disto. Isso dá experiência e vais

aprendendo com os erros. A formação académica é importante, não é definidora da qualidade, mas dá bases teóricas, que precisam de ser complementadas com prática.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

Para o alvo da audiência mais jovem, sou capaz de compreender que o modelo de relato possa estar ultrapassado. Cada vez mais os jovens ouvem menos relato. As novas gerações já nasceram com televisão. A minha vivência ao domingo à tarde era viajar no carro dos meus avós a ouvir os relatos todos e os golos em catadupa. Sou capaz de compreender, é claro que eventualmente o modelo terá de ser alterado. E já começa a ser. Eu sou um aficionado de relatos das rádios espanholas, especialmente da “Cadena Ser”. O modelo, para além da atratividade, tem um pouco contacto com a estética do som e esse pode ser um caminho a adotar em Portugal. Temos algo mais dinâmico. Em Espanha, as equipas de relato são tão amplas que o relator praticamente só entra nos momentos de perigo. Há 4 ou 5 comentadores em estúdio, que discordam, comentam, confrontam ideias e isso é muito bom. Pode ser um caminho a seguir.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

O relato terá de ser algo mais conversado. Sem perder a dinâmica e o ritmo, pois podemos ter sempre um relato com um patamar superior em termos de intensidade. Esse será o caminho que teremos, em que todos temos que entrar. Relator, repórter, comentador, coordenador da emissão, confrontarmos uns aos outros com ideias. Se não concordamos, discordar em direto, e isso é fantástico. Se ouvires um relato espanhol percebes o que quero dizer. É qualquer coisa de fenomenal, a maneira como se entra, como se arranca, como está tudo organizado no meio do caos. É algo que estás a ouvir e dá-te força e gostas. O produto tem de ser cada vez mais atrativo.

Anexo VI. Entrevista a Nuno Matos

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

Nuno Matos, 53 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Jornalista redator, relator.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

Eu já sou uma raposa velha. O meu primeiro relato foi um Caldas – União Desportiva de Santarém, na RDP Santarém. Não consigo precisar, mas mais de 30 anos, quando trabalhava numa das rádios locais da RDP.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

Eu não nasci relator. Tive que subir muitos degraus e apanhar muitas pedras para fazer o meu castelo no meio. Eu já tinha o sonho de trabalhar na rádio. O bichinho mordeu-me muito cedo, aí com 7 anos, quando um tio meu, numa prenda de Natal me ofereceu um microfone em plástico. Isso foi uma grande influência. Nesse brinquedo fiz os meus primeiros relatos em frente ao espelho. Mas não comecei no desporto. O meu primeiro convite foi para fazer discos pedidos numa rádio local, chamada “Rádio Piranha”, de onde saíram grandes nomes da rádio como o Coimbra, o Paulino Coelho e o Valdemar Duarte. Não era bem aquilo que eu queria, mas foi uma porta que se abriu. Um ano mais tarde fui convidado pela RDP Santarém também para fazer um programa de música. Um dia o nosso relator adoeceu e não podia fazer o relato do tal jogo. O Diretor convidou-me se queria fazer. Eu disse que sim. Estava nervoso e não tínhamos as condições que temos agora. Penso que ficou empatado e eu acho que passei no teste. A partir daí fui crescendo e retificando os erros que tinha. Depois fui para a RDP Centro, onde fazia os relatos da Académica de Coimbra. Depois fui para a Rádio Comercial onde comecei a acompanhar os jogos dos grandes em Lisboa, mas estive lá 6 meses que foram um trampolim. Depois fui convidado pela Antena 1 e partir daí foi sempre a subir degraus. E se me perguntarem se hoje sou feliz, digo que sim, muito feliz e realizado.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Estou na Antena 1 há cerca de 28 anos. Não tenho a certeza.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

São muito importantes. Um dos programas mais ouvidos da rádio portuguesa era a “Tarde Desportiva” da Antena 1, que tinha em média 300 mil ouvintes, muito mais que muitos programas de televisão. E qual era a sua génese? Informação desportiva, relato e informações em estádios. Daí se percebe como o relato tem aceitação no auditório.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

Em primeiro lugar, dizer que o relato desportivo é informação e não entretenimento. Hoje em dia ainda há muito essa discussão se o relato é informação, entretenimento ou uma mistura dos dois. Eu posso dizer que o relato será sempre informação. Nós estamos a informar as pessoas, quando a bola vai por cima, por exemplo, quem é o jogador que tem a bola. Estamos a passar informação, e depois tens que ser rigoroso, objetivo, independente na análise. Pode ser uma especificidade dentro da informação, porque também tem um pouco de entretenimento, mas eu diria que o relato está no topo e continua a ser muitíssimo apreciado.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Preocupa-me. Eu estou muito preocupado com o atual panorama da rádio em Portugal, mas trabalho numa empresa que cumpre muito com a sua função e com os seus trabalhadores. Exemplo é que durante uma fase tão difícil como a da pandemia conseguiu manter os seus funcionários e consegue ainda reforçar os seus quadros quando é necessário. A nível daquilo que eu vejo noutras rádios, não só em Lisboa, deixa-me preocupado ver despedimentos, falhas de cumprimento nos salários e subsídios, redução de pessoal e trabalhadores em layoff. Eu não estou preocupado com o futuro da rádio, estou preocupado é com as empresas.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao

rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Não e nada a ver. Em determinada fase, a rádio perdeu um pouco de dinâmica. Mas a minha geração conseguiu fazer uma coisa muito importante que foi reinventar as dinâmicas da rádio, que continua a ter outras técnicas e uma energia diferente. Na televisão a imagem é que conta, a voz só acompanha. Na rádio, nós somos os olhos das pessoas e transmitimos. Dá para humanizar. E eu já trabalho também em televisão há 30 anos e sei bem distinguir as coisas. E sou uma pessoa na televisão e outra na rádio. Na rádio sou mais emotivo, mais palavroso, com dinâmicas, humanizo mais e consigo envolver mais. Na televisão apenas temos que colocar a voz e acompanhar. Na rádio não, a voz é tudo. Temos que conseguir passar a imagem para as pessoas. Num relato, temos que transportar as pessoas para o estádio e fazê-las sentir o que estamos a sentir. Um dos maiores elogios que posso receber é de invisuais que me agradecem o facto de conseguirem ver o jogo através daquilo que eu digo. A rádio não perde para a televisão. Quantas pessoas não desligam o som da televisão para ouvirem a rádio? Quantas não acham que a rádio tem muito mais energia e consegue transportar mais emoção? A rádio tem um encanto diferente. Cada uma tem o seu papel, e o importante é que a rádio continua pujante. E outra coisa, quando fazemos relato para África são milhões que estão a ouvir porque não têm acesso à televisão. E os camionistas, as pessoas que estão na estrada, os que estão no mar. Enquanto houver filas de trânsito a rádio nunca vai acabar.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

Hoje as novas tecnologias e os novos aparelhos que utilizamos tem duas mais valias. A capacidade rápida de substituição e uma grande autonomia. Há um melhor aproveitamento dos recursos e uma diminuição dos custos. É uma atividade sustentável. Mas a Antena 1 tem um *know-how* e um suporte financeiro que outros não têm. A rádio pública tem que dar uma boa resposta em termos de serviço público e tem que estar onde os outros não podem estar.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

A rádio foi o meio que melhor se adaptou às novas tecnologias. Hoje podemos ler um jornal completo nos sites, o que tirou venda ao papel e criou uma rutura, prejudicando as

vendas e fragilizando quem trabalha nas redações. As estratégias foram mal pensadas. Houve muitos tiros nos pés na área do desporto. Agora no que toca a rádio, foi a que melhor se adaptou. Se não quiseres ouvir num rádio, podes ouvir no telemóvel ou na Internet. Outra particularidade é que hoje em dia na rádio, as pessoas já nos conhecem. Dantes só ouviam a voz e não conseguiam associar a voz à pessoa, o que criava um certo encanto, mas hoje não. Hoje temos a possibilidade de fazer um relato com direto no Facebook e as pessoas podem estar a ouvir e a ver-te. As novas plataformas acabaram por ser benéficas.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

Eu não alterei nada. Aquilo que eu sinto é que hoje o meu trabalho consegue chegar a muito mais gente devido às novas plataformas. Hoje em dia, fazes um relato, gritas um golo e tens um momento feliz, ou infeliz, atenção que a nova plataforma é para o bem e para o mal. Hoje estamos muito mais expostos. Este meu relato do Portugal-Suécia teve milhões de partilhas. O próprio Cristiano Ronaldo já partilhou pelo menos dois relatos meus nas suas páginas de Facebook e Instagram, o alcance que teve foi brutal.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Poucas oportunidades. O mercado está muito fechado. Todos aqueles que trabalham nessas rádios têm o sonho que eu também tive de um dia estar numa rádio nacional. O mercado está fechado. Ainda há pouco tempo fui a duas universidades e falámos com alguns alunos que os próprios professores tinham o sonho de chegar a televisões, rádios e jornais, mas que em 40, entram 10. O que eu sinto é que nunca se deve deixar de acreditar. Desistir é morrer, quando se tem objetivos e paixões. Ao virar da esquina pode surgir uma oportunidade. Está difícil, mas devem acreditar sempre. Quando menos esperamos surge a oportunidade, e quando surge, é agarrar com unhas e dentes. E atenção que chegar à rádio não é chegar e começar logo a fazer relatos, nem passar logo a ser conhecido, tal como fazer televisão não é logo apresentar telejornais. Isto é um processo lento que exige muita dedicação, humildade e trabalho de equipa. O lado académico é muito importante. As universidades dão uma boa base. Os estágios dão depois o *know-how*. No meu tempo

não existia tanta gente formada e hoje estão melhor preparados até. Mas é algo que devem estar sempre de mãos dadas.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

Eu acho que o relato é uma arte. É uma especificidade. Em primeiro lugar é continuar a criar boas dinâmicas, estarmos atualizados, conseguirmos reinventar e criar coisas diferentes para podermos ser fortes nessa concorrência com a televisão. A rádio tem que manter a paixão, o gosto e pensar sempre para quem estamos a trabalhar, que são os ouvintes. Todos os dias no relato, é como que vender algo às pessoas. Tens que saber cativar as pessoas. A preocupação é sempre trabalhar para as pessoas e nunca para os meus gostos pessoais. Também para nós, relatores, fazer relatos sem adeptos nos estádios tem sido difícil. Eu, como humanizo muito, consigo criar outras dinâmicas e procurar ligar-me mais às pessoas, com isto da pandemia. Para nós está a ser um teste. Fazer um relato sem o colorido das bancadas. Sem o ambiente do estádio, parece que estamos a fazer aquilo num estúdio. Temos que nos envolver ainda mais e puxar pelo jogo. Até podemos não puxar, mas depois quem vai no carro, chega lá e muda o botão. Está a ser um teste muito difícil, mas estamos a conseguir ultrapassar e espero em breve ter adeptos no estádio. Acho que todos estamos a conseguir ultrapassar esta fase.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

São mais de 30 anos de paixão por este bichinho que me mordeu muito cedo. A rádio fez sempre parte da minha vida. E hoje a rádio faz parte do imaginário das pessoas e das crianças. Quantos miúdos vejo eu em frente ao espelho e os pais vêm dizer que eles estão a relatar um golo como o Nuno Matos. A rádio é a minha história. Ao contrário do que querem fazer parecer, a rádio está forte, é ouvida e adaptou-se bem. A rádio está pujante. Toda a gente continua a ouvir rádio.

Anexo VII. Entrevista a Paulo Sérgio

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

Paulo Sérgio, 53 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Diretor adjunto da informação com pelouros do desporto e antenas internacionais.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

35 anos, a caminho dos 36.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

Comecei na Rádio Azul em Setúbal. Depois fui para a TSF, onde estive 10 anos, até ir para a Sport TV, onde estive 8 anos. Vim para a Antena 1 em 2005. Estou cá há 15 anos,mas, entretanto, ainda passei pela Gazeta dos Desportos, TVI e RTP.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Desde que aqui estou, há 15 anos.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

Continua a ter uma importância muito grande. Continua a ser algo incontornável, faz parte da cultura portuguesa, faz parte da cultura latina. Continuam a ser muito importantes para o todo da rádio pública. Tem muita importância a nível nacional e internacional, quer na RDP África e na RDP Internacional. O futebol para quem teve a oportunidade de viver fora de Portugal, é algo que liga Portugal à sua diáspora. A palavra transcendental é muito forte, mas é algo muito próximo disso.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

É misto. É um género jornalístico porque se recorre a uma série de ferramentas que são de jornalistas de rádio, como a descrição, e quem faz bem descrição e um bom repórter é um bom narrador, apesar de isso ter também as suas valências próprias. Há aqui uma componente muito forte de entretenimento que passou a ser mais importante a partir do momento em que todos os jogos dão na televisão e, portanto, quem se limita a fazer só a descrição corre o risco de não ter tantos ouvintes assim. Posto isto, continuo a achar que o mais importante mesmo é a parte jornalística da coisa. Sendo assim, é um género jornalístico-entretenimento. Há uma descrição, que é o infoentretenimento, em que o relato, cabe perfeitamente.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Na Antena 1 isso não se tem notado. Temos mantido e temos feito muito mais jogos que toda a gente. Há uma situação que estamos a apanhar por tabela, que é na Antena 1 todos os que fazemos relato, à exceção do José Pedro Pinto, todos temos mais de 50 anos e há uma necessidade absoluta de proceder à renovação da redação e das pessoas que fazem relato desportivo. Mas temos número suficiente de pessoas para fazermos e continuarmos a fazer. Mas temos, imperiosamente, que começar a renovação.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Tem. A rádio mantém a sua audiência, mas é mais reduzida do que era aqui há 30 anos. Quando eu comecei havia um jogo por jornada transmitido na televisão. Quando fui para a Sport TV já eram 4 jogos e agora já são todos os jogos da primeira e da segunda liga mais os jogos do Campeonato de Portugal no Canal 11. O relato em televisão ganhou claramente espaço. Nós em Portugal temos um problema que é não ter ninguém absolutamente esmagador como existe em França, Alemanha e Inglaterra. Isso é fruto de não existir uma escola e haver muita gente a fazer. Há muita gente que tem qualidade e muita que não tem sequer os mínimos. Quem faz é muitas vezes a pessoa que está mais à mão e isso nota-se nas televisões que têm poucos jogos. Qualquer jogo que dê na televisão faz uma audiência acima do milhão de espectadores que é aquilo que faz uma boa telenovela. Quem faz um jogo da seleção nunca tem menos de 1,5 milhões de pessoas a ver e a ouvir.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

Não. De todo. O relato desportivo, e a informação na rádio, é o mais caro que a rádio tem. O relato como nós o fazemos e como o fazíamos é a atividade que tem mais custos. Não é sustentável. Uma rádio comercial tem grandes dificuldades para se conseguir segurar. A publicidade está cada vez mais barata. O mercado está cada vez mais esmiornado, cada vez menos gente a investir na rádio e na televisão. E fazer relato custa muito dinheiro. É fácil de perceber que dando todos os jogos na televisão, todas as rádios à exceção da Antena 1 recorrem à TV e fazem os jogos no estúdio. Não é a mesma coisa e, portanto, nós enquanto pudermos vamos continuar a ir aos sítios fazer os relatos. Mas para uma rádio comercial essa estratégia faz todo o sentido.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

Claramente uma oportunidade. Do ponto de vista técnico garantem outras disponibilidades que não tínhamos antigamente e muito mais baratas. Depois dá-nos a possibilidade de aumentar o número de ouvintes que deixam de estar só ligados à radio linear. Podemos ouvir em qualquer ponto do mundo. Eu quando o Jorge Jesus estava no Flamengo, dei por mim a ouvir no carro rádio brasileira. É uma oportunidade que nós ainda usamos pouco e que é muito importante e tem de ser bem utilizada.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

Notei mais diferença quando os jogos passaram a dar todos na televisão. Porque o rigor, que já era muito grande, aumentou. Tentar não enganar na identificação do jogador e quando me engano volto atrás para retificar, que era coisa que não fazia quando os jogos não davam tanto. Era seguir em frente. Temos que continuar a criar situações que são uma mais-valia para a rádio e não para a televisão, como integrar 2 ou 3 comentadores. É um caminho a explorar. Enquanto a televisão tem um narrador, um comentador e um repórter, nós conseguimos ter um narrador, um repórter e 3 ou 4 comentadores. Isso vem mudar toda a forma de trabalhar e de fazer relato. É um caminho que os espanhóis já seguem há uns anos e com sucesso.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Têm que existir, exatamente à luz daquilo que disse. Na Antena 1 estamos a chegar a fim de vida. Eu faço relato há 35 anos, às vezes já me custa ir para os estádios. Até para nós, era bom existir mais gente com qualidade para que nos obrigasse a trabalhar mais, e existe. É absolutamente necessário meter sangue novo nisto, para a coisa não estagnar. Não há formação. Então devem ouvir e ter algum *feedback* e reflitem se estão a fazer melhor. Escolher referências para perceber o que fazem de bom e de mau. Ouvir muito e rádio estrangeiro para ver se há possibilidade de fazer como eles. Não é copiar, é retirar aquilo que de bom se faz, porque há coisas boas que se fazem, principalmente em Espanha, como a história dos vários comentadores. Ler muito, ver muito e estando cada vez mais informado.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

Nós temos um desafio crucial. Não é só o relato, mas toda a rádio. Conseguir que as novas gerações ouçam rádio e por maioria de razão os relatos. Tenho um filho com 20 anos e ele não ouve relato desportivo, só quando não tem mesmo outra forma de seguir a partida. Esse é um desafio que temos. Os nossos clientes são clientes mais envelhecidos. Eles vão desaparecendo e nós ficamos sem clientela. Isso é o que está a acontecer com a rádio. As pessoas ouvem rádio e continuam a ouvir, mas ouvem rádio de uma forma totalmente diferente do que eu ouço, tu ouves e os meus pais ouviam. Temos que ir à procura de novos públicos.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

Eu acho que a médio prazo o relato vai continuar. A longo prazo tenho as minhas dúvidas. Temos de mudar aqui a lógica disto. E mudar a lógica disto é ter mais gente em antena, mas para isso precisamos de mais pessoas e mais dinheiro. Isto é tudo a quadratura do círculo que temos que vir a fazer. Portanto, temo que o relato desportivo possa estar um bocado condenado a ser outra coisa qualquer e não tal e qual o que conhecemos hoje.

Anexo VIII. Entrevista a Nuno Perlouro

I. Caracterização dos entrevistados

1. Nome e idade?

Nuno Perlouro, 50 anos.

2. Função que desempenha na Antena 1 atualmente?

Jornalista e repórter de pista.

3. É radialista/locutor/jornalista/relatador há quantos anos?

30 anos.

4. Breve descrição do percurso profissional até chegar à Antena 1?

Comecei no jornal das Finanças e num jornal regional chamado “Vento Novo” de Loures, enquanto estudava. Depois terminei a licenciatura e entrei para a RTP em novembro de 1994.

5. Há quantos anos desempenha a atividade enquanto profissional do relato desportivo na Antena 1?

Na Antena 1 há 5 anos, mas já tinha tido as mesmas funções durante uns 7 anos no desporto da RTP.

II. O jornalismo desportivo e a tradição do relato desportivo na rádio

6. No contexto do jornalismo desportivo que importância têm os relatos desportivos realizados no meio radiofónico? Porquê?

Ainda são fundamentais. Nós somos a companhia de muitas pessoas principalmente das pessoas invisíveis ou que vivem sozinhas. Temos esse feedback de muitas pessoas que nos abordam, não só por mensagens, mas também na rua. Aprendi com os meus mestres antigos que nós devemos trabalhar sempre, nem que seja só para uma pessoa, e acho que essa função é fundamental.

7. Entende que o relato desportivo pode ser considerado um género jornalístico? Quais as principais fronteiras que delimitam o campo do relato desportivo na rádio?

Sim, é um género jornalístico porque a linguagem é muito própria, tal como a velocidade e os termos mais desportivos utilizados. Apesar do jornalismo desportivo ser sempre considerado um parente pobre do jornalismo, não percebo muito porquê. No relato temos que reagir muito mais depressa que noutras reportagens. Não temos tempo para pensar.

8. Em que medida é que o relato desportivo na rádio tem sido afetado pelas transformações que se fizeram sentir nas redações dos meios de comunicação, particularmente com a redução do número de profissionais?

Isso é pertinente. O relato desportivo em si não é afetado, porque nós damos o nosso máximo. O problema é que com menos gente a fazer, a exigência de quem trabalha é muito maior. Eu acredito que muitos de nós estejam cansados. Estamos sucessivamente a fazer relatos. Eu esta semana vou fazer 3 vezes de repórter de pista.

9. Considera que o jornalismo desportivo na televisão e em particular o relato de jogos neste meio de comunicação tem ganho espaço relativamente ao rádio? Trata-se apenas de uma questão de audiências ou de recursos disponíveis?

Cada meio de comunicação tem o seu espaço. Obviamente que o jogo na televisão, ao ser pago, o nicho é muito menor. Na rádio, sendo gratuito, chega a mais gente. Perdeu-se um pouco o hábito de se ouvir rádio em casa, mas há esse hábito de ouvir a rádio no carro. É uma questão de recursos, porque o adepto de um dos grandes merece tanto respeito como o do clube pequeno. Mas é uma questão que me transcende. Não é audiências, porque há sempre gente a ouvir.

10. Considera que o relato desportivo é uma atividade sustentável, tendo em conta toda a logística que implica, em termos de recursos técnicos e humanos? Porquê?

Cada vez é mais. Cada vez fazemos mais com menos recursos técnicos. Hoje com um *quantum* podemos ir a qualquer parte do mundo e fazer um relato sem meios nem técnicos.

III. Desafios e oportunidades para o relato desportivo no meio radiofónico.

11. Considera que a Internet e as novas tecnologias representam uma ameaça ou uma oportunidade para o relato desportivo na rádio? Porquê?

Uma clara oportunidade. É um meio alternativo. Pode caber nesses conteúdos a transmissão de relatos de equipas mais pequenas.

12. Que mudanças se verificaram no relato desportivo da rádio com a digitalização progressiva dos conteúdos? De que maneira é que essas mudanças afetaram o modo de relatar os eventos desportivos?

Não se verificaram grandes mudanças. A nível técnico há uma melhoria da qualidade do som. A nível do nosso trabalho não mudou grande coisa, tirando a parte de interação com os nossos ouvintes. Temos *feedback* na hora. Mas isso não afeta o nosso modo de relatar. Nós trabalhamos nem que seja só para uma pessoa, mas é agradável.

13. Tendo em conta o jornalismo desportivo que se pratica em Portugal e considerando em particular os relatos radiofónicos realizados nas rádios locais e regionais, considera que existem oportunidades para novos relatores? Que aposta devem fazer em termos de formação? Podem aspirar a ser relatores em rádios de âmbito nacional?

Sim, até porque as rádios locais desempenham um papel fundamental para a pequena sociedade e como uma oportunidade para jovens valores. E são necessários esses jovens valores. Temos o exemplo aqui do Alexandre Afonso. Esses jovens devem escutar muito, ter um estilo próprio e preparar bem as coisas.

14. Na sua opinião, quais são os principais desafios que o relato desportivo no meio radiofónico enfrenta?

O principal desafio é não estagnar. Creio que há sempre possibilidade de melhorar, seja na nossa dicção, seja na forma. Há sempre espaço para melhorar. A minha máxima é tentar sempre melhor que ontem e pior que amanhã.

15. Como encara o futuro do relato desportivo na rádio? Justifique.

Eu não imagino a rádio sem relato. O futebol, principalmente, é um fenómeno de grandes massas. Mesmo que as pessoas não ouçam os 90 minutos, vão lá picar para saber o tempo e o resultado, eu próprio o faço. Não há possibilidade alguma de o relato terminar.

